

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

RELIGIÃO E POLÍTICA

A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DOS PENTECOSTAIS NAS ELEIÇÕES DE 2002

CLAUDIRENE DE PAULA BANDINI

SÃO CARLOS
2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Religião e Política

A Participação Política dos Pentecostais nas Eleições de 2002

Claudirene Bandini

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais na área de concentração: Relações Sociais, Poder e Cultura.

Prof. Dr. Paul Charles Freston

SÃO CARLOS
2003

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

B214rp

Bandini, Claudirene.

Religião e política: a participação política dos pentecostais nas eleições de 2002 / Claudirene Bandini. -- São Carlos : UFSCar, 2004.

165 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2003.

1. Sociologia da religião. 2. Pentecostais na política. 3. Identidade política-religiosa. 4. Estratégias eleitorais. I. Título.

CDD: 306.6 (20^a)

*Ao meu Fábio,
pela amorosa presença.*

*A José Vicente de Paula,
meu pai que até hoje mora comigo, embora tenha aprendido a
conviver com sua ausência.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a todos os candidatos e pastores das igrejas Assembléia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular e da Igreja Universal do Reino de Deus. Sem suas colaborações essa pesquisa não seria possível. Portanto, devo a eles a realização desse trabalho.

Entre tantos, vários foram aqueles que facilitaram minha tarefa. Donizete, secretário da Igreja do Evangelho Quadrangular que me abriu portas importantes permitindo a observação e participação em várias atividades desenvolvidas na igreja. Luis Cláudio, membro da Igreja Universal do Reino de Deus e secretário de gabinete do vereador Pr Heleno da cidade de São Carlos, sempre bem humorado e disposto a ajudar.

A Paul Freston, pela disposição em discutir minhas idéias.

A Fábio, esposo e amigo. Agradeço pela compreensão, pela paciência a assistir e ouvir comigo os programas eleitorais; pelas inúmeras vezes que cuidou (sozinho) do nosso filho enquanto realizava trabalho de campo. Sem sua colaboração seria impossível produzir este estudo. A ele sou profundamente grata.

Aos membros das igrejas que se dispuseram com boa vontade a responder meus questionários, e principalmente, àqueles com os quais realizei entrevistas qualitativas tomando ainda mais sua atenção.

A Fernando Azevedo, pela disposição e considerações no exame de qualificação.

Aos professores doutores, Alexandre Brasil e Marco Antonio Villa, pela disposição da leitura desta dissertação para a defesa do mestrado.

A cada amigo, por compartilhar comigo, cada um a seu modo, dos meus momentos de angustias e euforia.

A minha mãe e irmãos, pela permissão de me colocar como ser desafiante de suas compreensões. A eles minha gratidão e meu afeto.

TABELAS E ILUSTRAÇÕES

TABELA: 1 -Igrejas Evangélicas Pentecostais no Brasil-2000

TABELA: 2 -Número de emissoras e retransmissoras da mídia cristã no Brasil

ILUSTRAÇÃO: 1 e 2 -Distribuição dos Votos no Território Brasileiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	
1. INTRODUÇÃO _____	8
CAPÍTULO II	
2. PROTESTANTISMO NA AMÉRICA LATINA	
2.1 Breve histórico do protestantismo na América Latina _____	19
2.2 Pentecostalismo _____	22
2.3 Pentecostalismo no Brasil _____	23
2.4 Breve Histórico da Igreja Assembléia de Deus _____	27
2.5 Breve histórico da Igreja do Evangelho Quadrangular _____	31
2.6 Breve Histórico da Igreja Universal do Reino de Deus _____	36
2.7 Breve Histórico da Cidade de São Carlos _____	45
CAPÍTULO III	
3. O ENLACE ENTRE POLÍTICA E RELIGIÃO	
3.1 O entrelaçamento da política e religião nas eleições de 2002 _____	49
CAPÍTULO IV	
4. OS PENTECOSTAIS NA VIDA POLÍTICA	
4.1 A inserção do protestantismo na esfera política _____	58
CAPÍTULO V	
5. ESTRATÉGIAS ECLESIAÍSTICAS	
5.1 Construindo Cidadania como Identidade Religiosa Protestante _____	67
5.2 A institucionalização política da Igreja Assembléia de Deus _____	69
5.3 O <i>ethos</i> político da Igreja do Evangelho Quadrangular. _____	80
5.3 <i>Carisma institucional</i> : instrumento político da Igreja Universal do Reino de Deus _____	88
CAPÍTULO VI	
6. ESTRATÉGIA ELEITORAL DOS CANDIDATOS PENTECOSTAIS & RECEPÇÃO DO ELEITOR PENTECOSTAL	
6.1 Trajetórias político-religiosas dos candidatos oficiais _____	98
6.2 <i>Sob a confiança divina</i> : Igreja Assembléia de Deus. _____	99
6.3 A concepção de voto do cidadão assembleiano _____	110
6.4 <i>Tementes a Deus e fiéis a Igreja</i> : Igreja do Evangelho Quadrangular _____	115
6.5 O eleitor quadrangular na conquista do espaço político da Igreja _____	119
6.6 <i>Os Escolhidos de Deus</i> : Igreja Universal do Reino de Deus _____	122
6.7 O voto iurdiano na luta do bem contra a o mal _____	130
CAPÍTULO VII	
7. A IMAGEM PENTECOSTAL NEGOCIADA NA ESFERA POLÍTICA	
7.1 A Construção da Identidade Política-Pentecostal _____	140
CAPÍTULO VIII	
8. O PASSADO COMO COESÃO DO GRUPO PENTECOSTAL	
8.1 Delimitação e defesa dos espaços sociais _____	145
CAPÍTULO IX	
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	150
Referências Bibliográficas _____	154

Resumo

A partir da década de 80, as religiões retornam à esfera pública e passam a desempenhar importantes papéis públicos na contínua construção do mundo moderno.

Inseridas no contexto da globalização, as identidades religiosas sofrem uma (re) significação dos seus conteúdos originários de acordo com o processo social e o contexto local. Desta forma, o pentecostalismo se apresenta como via alternativa aos indivíduos excluídos, seja encontrando acesso à modernidade seja pelo resgate da auto-estima.

Assim, o período eleitoral nos permite conhecer o processo de "*desprivatização*" dos pentecostais enquanto produtores de novos *signos* mediante a fronteira política e simbólica na qual cumprem o papel de expressão. Seus articuladores se apropriam de bens religiosos e os associam ao sistema de prestígio e poder. Em seguida, desenvolvem um novo modo de ver a conexão entre política e religião. Sob a abordagem da sociologia da religião, esta pesquisa analisa as carreiras político-religiosas dos candidatos pentecostais e, respectivamente as estratégias eleitorais das igrejas Assembléia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular e Igreja Universal do Reino de Deus.

ABSTRACT

From the decade of 80 the religions had come back to the public sphere and if they had presented apt to represent important public papers in the continuous construction of the modern world. In the context of the globalization, the religious identities had in accordance with suffered to a *re-significação* from its originary contents the social process and the local lexicon. Of this form, the pentecostalismo if constitutes how much it saw alternative to the excluded individuals either finding an access to modernity either to the rescue of auto-esteem.

The electoral process in allows them to verify the "*desprivatização* " of the pentecostais groups when producing new *signs* by means of the border politics and symbolic in which they fulfill the paper of expression of the group. Its articuladores if appropriate of religious goods and they associate them with the system of prestige and power. After that, they develop a new way to see the connection politics and religion, therefore they start to negotiate a new space front to the other social groups. The analyzed process if relates to the contextualização of the politics-religious career of pentecostais candidates e, respectively, the electoral strategies of the churches Assembly of Deus, Church of Evangelho Quadrangular and Universal Church of the Kingdom of Deus.

SIGLAS

AD	Assembléia de Deus
AEVB	Associação Evangélica Brasileira
CEB	Confederação Evangélica do Brasil
CGADB	Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil
CIADESPEL	Convenção das Igrejas Evangélicas Assembléia de Deus no Estado de São Paulo e Estado Limítrofes
COMADESP	Convenção dos Ministros das Assembléia de Deus no Estado de São Paulo e Outros
COMOEXPO	Convenção Ortodoxa dos Ministros das Assembléias de Deus no Estado de São Paulo e Outros
CONAMAD	Convenção Nacional Madureira
CONFRADESP	Convenção Fraternal da Assembléia de Deus de São Paulo
CONAPIEQ	Coordenadoria Nacional de Ação Política da IEQ
CNPB	Conselho Nacional dos Pastores do Brasil
CONIC	Conselho Nacional de Igrejas Cristãs
IC	Igreja Católica
IEQ	Igreja do Evangelho Quadrangular
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Casanova afirma que as religiões tradicionais, por todo o mundo, estão se recusando a reconhecer o papel marginal e privado que as teorias da modernidade, bem como as da secularização, têm reservado a elas. O processo de "*desprivatização*" da religião desafia esferas seculares como o Estado e o mercado econômico. Em nome da legitimidade e da autonomia, estas instituições religiosas não se limitam aos cuidados das almas individuais, levantam questões sobre a conexão entre moralidade pública e privada. Para Casanova, o resultado desse processo "correlacionou o processo de politização da religião privada e da esfera moral e renomeou a esfera pública, econômica e política" (Casanova 1994:5).

O termo desprivatização representa a aparição de um novo desenvolvimento histórico, em que ocorre uma certa reversão do que pareciam ser tendências seculares. As religiões estão entrando na esfera pública e na arena da contestação política, não somente para defender seu terreno como faziam no passado, mas também para participar na tentativa de definir e fixar os limites modernos entre a esfera privada e pública, entre legalidade e moralidade, o individual e o social, a família e a sociedade civil (ibid).

Dessa forma, sobretudo a partir da década de 80 as religiões voltaram à esfera pública para ficar. Estão aptas a continuar representando importantes papéis públicos na contínua construção do mundo moderno. Casanova nos obriga a repensar a relação entre religião e modernidade e, mais importante, os possíveis papéis das religiões dentro da esfera pública da sociedade moderna.

No contexto da globalização, as identidades religiosas associadas às identidades minoritárias também se "*internacionalizam*" (Segato 1996). O

interessante é como se localizam, seja sofrendo uma re-significação com novos conteúdos relevantes localmente seja re-simbolizando alguns dos seus conteúdos originários de acordo com o léxico local. Essa nova religião pode constituir-se uma via alternativa tanto aos grupos excluídos - encontrando um acesso à modernidade – quanto ao resgate da auto-estima.

O processo eleitoral nos permite verificar a "*desprivatização*" de grupos religiosos como dos pentecostais. Esses atores sociais produzem novos *signos* mediante a reelaboração da própria fronteira política e simbólica na qual cumprem o papel de expressão do grupo. Como veremos, estes agentes sociais se apropriam dos bens religiosos quando os associam ao sistema de prestígio e poder. Em seguida, esse grupo que abraçou o novo modo de ver a relação entre política e religião passa então a negociar um novo tipo de espaço frente aos outros grupos sociais.

Embora alguns autores postulem os pentecostais como sendo politicamente conservadores, alienados e defensores do *status quo*, este presente estudo não se propõe à generalização por estar centrado numa pesquisa regional, com base na cidade de São Carlos, da qual apresentaremos as trajetórias particulares inseridas neste contexto. Desta forma, adotamos o período eleitoral como um processo não somente político como também social, no qual podemos, nas palavras de Weber, "*entender a ação social*". Isto é, compreender o elemento interno que anima a ação do indivíduo em relação ao outro (Weber 1991).

O processo analisado se refere à contextualização da carreira político-religiosa dos candidatos pentecostais e, respectivamente, as estratégias

eleitorais das igrejas Assembléia de Deus (AD), Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) e Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

A perspectiva sociológica aplicada sobre esses grupos nos remete à "noção de repertórios" difundida nas Ciências Sociais, nos quais os indivíduos buscam num estoque de conhecimentos disponíveis diversos recursos (interiorizados e exteriorizados) que contribuem para uma visão heterogênea do grupo. Ao conceito tradicional de cultura, "conjunto homogêneo e integrado de valores e de normas que determina os comportamentos dos indivíduos e dos grupos", a sociologia reintegra as "formas culturais de ação", enunciando um outro conceito de cultura:

Uma caixa de ferramentas, de símbolos, histórias, rituais e de representações do mundo que as pessoas podem utilizar em configurações variadas para resolver diferentes tipos de problemas (Swidler 1986)¹.

As denominações pentecostais, como veremos no decorrer deste estudo, utilizam seus próprios componentes culturais para a construção de suas estratégias de ação. A noção de estratégia aqui empregada supõe, de maneira geral, uma organização de ação formulada pela liderança do grupo. Estas estratégias são compostas de hábitos e representações pré-constituídos aos grupos, mas que permitem a alguns indivíduos (normalmente líderes) selecionar os elementos mais eficazes para a elaboração da estratégia. Como observaremos nesta pesquisa, embora exista o mesmo conjunto cultural no campo religioso, cada grupo (como o pentecostal) tende a selecionar os elementos culturais segundo suas estratégias de organização, e, desta forma,

¹ SWIDLER, Ann. "Cultura in Action: Symbols and Strategies" American Sociological Review. vol.51, nº2.1986. cit in CORCUFF, F. "Novas Sociologias: construções da realidade social". Edusc. São Paulo. 2001

tende a romper os limites dos espaços sociais disponíveis (re)formulando a identidade social.

A tipologia de organizações religiosas permite a compreensão das ações e motivações destas instituições. Utilizamos os conceitos, segundo a perspectiva weberiana, de "tipos ideais" de organizações, somente como instrumento de análise sociológica porque os tipos ideais de organizações podem não ser encontrados por estarem em contínua interação entre a micro e macro sociedade; ou seja, etnia e nação.

No decorrer desta pesquisa, utilizarei os conceitos "igreja", "denominação" e "seita" comuns na sociologia da religião: o conceito de *igreja* expressa uma grande instituição religiosa com auto status social; identifica-se com o território nacional e por conta disso resulta em laços fracos entre os fiéis; muitas vezes encontra-se vinculada ao Estado por colocarem seus líderes como seus funcionários; possui um clero profissional com treinamento formal rigoroso e abrange todas as classes sociais. *Seita* refere-se a uma instituição de menor tamanho; apresenta uma relação conflitante com a sociedade por rejeitar a religião dominante e separação do Estado. A adesão é voluntária e há um forte controle sobre o comportamento e ausência da participação autônoma na vida política. Privilegia-se a formação prática da liderança que é estabelecida por critérios carismáticos e sem treinamento formal. Os adeptos, normalmente, de classe baixa exercem uma forte participação no grupo, pois se o grupo não é perseguido não terá muita eficácia na tentativa de mudar o mundo. Por último, o conceito de *denominação* que surge no contexto de pluralismo religioso; instituição religiosa separada do Estado que busca respeitabilidade social favorecendo a integração dos fiéis como cidadãos; seus adeptos são de uma só

classe social, mas com laços comunitários mais fracos que os da seita e mais forte que os da igreja; clero mais especializado que o da seita, mas menos que da Igreja, pois predomina a ênfase no valor individual. (Freston 1993); (Weber 1982).

Evangélico e protestante são termos utilizados como sinônimos no sentido de ação conjunta. No tocante à expressão "evangélico", este termo é eficaz para a produção de identidade para esse grupo que é constituído por vários segmentos distintos entre si. Por ser uma categoria generalizante, o termo evangélico desconsidera as divergências e dissidências internas e agrega sob o único rótulo as denominações *protestantes* (históricos ou tradicionais: Igreja Batista, Metodista, Presbiteriana e "renovadas": igrejas tradicionais acrescidas do termo "renovada" ou "restaurada"); os *pentecostais* (de caráter nacional- Assembléia de Deus, Congregação Cristã, Igreja do Evangelho Quadrangular e "ministérios autônomos" de caráter regional ou local) e os *neopentecostais* (Igreja Universal do Reino Deus, Igreja Internacional da Graça)

Protestante é o uso mais técnico: aparece no Censo Demográfico, discriminando aqueles que se distinguem dos católicos, espíritas... traduzida popularmente pelo termo *crente* num sentido generalizante.

No processo eleitoral, tais denominações utilizam a estratégia corporativista de *candidaturas oficiais*. Esta estratégia permite a produção da figura do "porta-voz", que na interpretação de Mónica Zoppi seria "aquele que ao mesmo tempo é ator e testemunha ocular do acontecimento" (Zoppi 1997:22). Como *ator*, este porta-voz (normalmente um pastor) participa conjuntamente das ações do grupo que representa, destacando-se no meio dele

como representante legítimo. Como *testemunha*, se diferencia do grupo por ser o destinatário de suas demandas e por possuir a missão de defender seu grupo diante do “adversário”, além de criticar, através do discurso da ética e da valorização, aqueles que estão no poder. Neste aspecto, o conflito reclamado é normalmente por princípios éticos na esfera política, enquanto o conflito vivido é pelo poder tanto intra quanto extra-institucional.

O pentecostalismo é identificado como a religião dos pobres. "Sem defensores eruditos próprios, também carece do prestígio do popular, do nacional ou do místico para atrair defensores intelectuais" (Freston 1993:4). Assim, o processo político surge como possibilidade de circulação, retenção e distribuição de recursos diversos. Trata-se de transformar em recursos políticos todos os favores e bens de que possam dispor, e de tal forma promover a transição de recursos em votos, que serão transformados em diferentes recursos. Dessa transformação resulta o prestígio como produtor de votos.

"O abismo que separa os votos dos recursos raramente seria transposto sem a interferência do prestígio" (Marques 2002:65). Se por um lado existe o reconhecimento da utilização da identificação entre política e dádivas², por outro lado há determinados discursos dentro do próprio grupo que repudiam o excessivo corporativismo eleitoral. Normalmente, o "*voto de cabresto*" é atribuído às pessoas dependentes ou seguidoras de um líder. Também faz alusão à pessoa dotada de prestígio que "aconselha" ou exige a fidelidade na hora do voto. Entretanto, deve-se levar em consideração que parte dos eleitores que possuem este voto está ao mesmo tempo se ajudando, seja

² Recursos postos à disposição que nem sempre são de origem material. São os pequenos favores, as constantes atenções que muitas vezes são reconhecidas como dádivas que exigem, em contrapartida, uma devolução a prazo ou amortizações da dívida.(Marques 2002:67).

material seja socialmente. Tanto ricos quanto pobres, católicos e evangélicos valorizam a capacidade de obter recursos, pois estes equivalem a prestígio.

Dentro do quadro social exposto, esta dissertação se propõe, a partir do enfoque teórico da Sociologia da Religião, a analisar as estratégias utilizadas pelas lideranças pentecostais paulistas nas eleições proporcionais de 2002. O interesse está em analisar os critérios pelos quais as igrejas pentecostais AD, IEQ e IURD escolhem seus candidatos oficiais; os vínculos existentes entre os candidatos e as lideranças eclesiais; o discurso das lideranças e dos seus candidatos; como se trabalha o voto dentro das igrejas e os resultados esperados tanto pela liderança quanto pelos candidatos.

Para Novaes, cada pesquisa sobre o pentecotalismo se sente obrigada a cada vez “provar”, ou pelo menos tentar convencer seus interlocutores, de que *“esta opção religiosa não tem que ser pensada, necessariamente, como ameaça externa à cultura brasileira, como politicamente incorreta ou como motivadora de uma desconfiança de base”* (Novaes 1998:147). Os resultados dos estudos às vezes produzem a substituição de um veredicto (alienado, explorador) por outro (democrático, modernizador). Assim, a autora conclui que tais estudos não possibilitam a produção de conhecimento porque não renovam as questões “à luz dos processos sociais em curso” (ibid).

Desta forma, esta pesquisa se propõe a evitar os dois veredictos. Busca-se por meio do trabalho empírico entender e interpretar as ações e motivações dos políticos pentecostais, sejam estas ações dotadas de *“ação racional”* - encontram-se os meios através dos fins - ou *“ação alógica”* - conexão de sentimento. Seguindo o pensamento em Weber (1983), esta

pesquisa aponta apenas uma entre tantas formas de se interpretar a realidade social. Portanto, este é um estudo sem conclusão definitiva dada a complexidade da realidade histórica e cultural ao lado dos inúmeros pontos de investigação.

METODOLOGIA

O trabalho de campo foi colocado como extensão do trabalho realizado na graduação do curso de Ciências Sociais nas eleições municipais de 2000. Para esta pesquisa, os candidatos entrevistados foram aqueles que tiveram a base eleitoral São Carlos e região, e que, por sua vez, foram indicados pela liderança da igreja como candidatos oficiais. O estudo de trajetória dos políticos torna-se interessante, pois exemplifica a preocupação da interação entre a prática religiosa e a prática política. Outras entrevistas tornaram-se indispensáveis para uma melhor compreensão dos fatos.

Por ser uma pesquisa de caráter qualitativo, a principal técnica de investigação utilizada é de entrevistas temáticas e histórias de vida. Foram realizadas seis entrevistas com pastores, nove com deputados e duas com vereadores de São Paulo. Foram realizadas sete entrevistas com membros da AD, seis da IEQ e sete da IURD. Às vésperas das eleições, foi possível aplicar um questionário aos membros das três denominações. Estes foram respondidos de forma anônima e espontânea, num total de 107 questionários válidos: 39 referentes à AD, 31 à IEQ e 47 à IURD. Logicamente este número de entrevistas está longe de ser considerado uma amostra representativa. Porém, de modo ilustrativo, nos fornece uma idéia mais ampla das diferentes justificativas destes eleitores em relação à escolha de seus candidatos.

Também foi indispensável a observação de cultos, participação em reuniões de pastores e eventos político-religiosos.

Analizamos tanto jornais denominacionais e da grande imprensa como também materiais de propaganda eleitoral e literatura produzida pelos próprios líderes denominacionais.

Outro recurso utilizado durante o trabalho de campo, além da observação em si (como a escolha do melhor lugar para observar), diz respeito à representação de papéis sociais desenvolvida pelo entrevistado. Com isso, contribuíram enquanto complemento de análise os temas estigma e memória; ambos foram identificados como elementos implícitos do discurso político pentecostal, particularmente com os políticos e liderança da AD e IEQ.

O estudo de Erving Goffman tornou-se necessário para a análise da construção da identidade política pentecostal. Pois esta é formada tanto pela visão de si mesmo quanto pela visão do outro sobre si. Dessa forma, um grupo de políticos pentecostais se apresentava **diretamente associado** à identidade pentecostal do grupo (reconhecendo o conflito gerado pela existência do estigma³). Um segundo grupo procurava **passar à margem** dessa identidade social por não vislumbrar grandes ganhos nessa identificação. E, por último, o grupo dos que procuravam **“encobrir”** tal identidade, assumindo a identificação com o grupo pentecostal somente quando “necessário”.

Como estratégia eleitoral, a memória foi utilizada por meio do resgate do passado e sua re-significação a partir do presente. Esta articulação produziu um tipo de memória *seletiva e instrumental*, como veremos no sétimo capítulo. Isso se deve ao fato de que o grupo pentecostal apresenta "uma

³ O termo estigma se refere à característica produtora do descrédito do grupo e que constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual (como o outro vê) e a identidade social real (como o próprio grupo se vê) (Goffman 1963).

relação difícil com a história. Esta é reduzida a apenas três momentos: igreja primitiva, momento da recuperação da visão {começo do grupo} e o hoje" (Freston 1994:69). Se, para o autor, a repetição do passado torna-se a única fonte de legitimação para o grupo, o mesmo não se pode dizer em relação aos representantes políticos pentecostais, para os quais essa mesma referência constitui um elemento desagregador. A análise sociológica da memória nos demonstra o processo de (re)construção da identidade social dos pentecostais, esta que era "caracterizada pela quase total auto-exclusão da política" (Freston 1993:2). A mudança da cultura dos pentecostais, como veremos, é algo recente e que, sem dúvida, abre um leque de possibilidades de questões teóricas.

CAPÍTULO II

2. PROTESTANTISMO NA AMÉRICA LATINA

2.1 Breve histórico do protestantismo na América Latina

Os cristãos de todas as denominações dividem-se desigualmente nos 238 países do mundo. O continente com maior proporção de cristãos é o da América Latina, com 92% (Beozzo 2003).

O Brasil exporta o pentecostalismo não só para seus países vizinhos, mas também para a Europa, Ásia e África, e principalmente para países de língua portuguesa, como Angola e Moçambique. Pesquisas recentes demonstram o crescente avanço do cristianismo no continente africano. Um dos motivos é que “as igrejas africanas independentes constituem uma expressão do movimento pentecostal mundial que se renova com a espiritualidade primitiva africana” (Cox 2000:16). Essa expansão ocorre durante o contexto político-social de descolonização que acontece logo após a Segunda Guerra Mundial.

Na América Latina, no início do século, mais de 90% da população era formada por católicos romanos. Estima-se que o Brasil tem o maior peso em porcentagem de evangélicos na América Latina (10%). Beozzo considera o pentecostalismo como *"fenômeno de massas semelhante ao da reforma protestante do século XVI, sem estar preso, entretanto às fronteiras nacionais que demarcaram a reforma"*. Tanto a IC quanto as igrejas protestantes de imigração e missão perderam fiéis para o pentecostalismo. Porém, várias igrejas foram "pentecostalizadas", no sentido de serem influenciadas pelo movimento carismático. O maior exemplo católico é o Pe. Marcelo Rossi. Ele chama atenção tanto dos acadêmicos quanto de outros setores seculares da sociedade, como a mídia, por exemplo.

Na década de 1950 houve a transição de um cristianismo rural para um cristianismo preponderantemente urbano. Com exceção do Uruguai, da Argentina e do Chile, todos os demais países da América Latina e do Caribe continuavam com a maioria de sua população na zona rural. Nas décadas seguintes, há um inchaço das cidades devido à chegada de migrantes e ao êxodo rural. Neste período, surgem centenas de favelas e casebres, construídos em áreas de risco (morros, beiras de córregos, áreas alagadas) com materiais inadequados (papelão, lata, madeira) e sem infra-estrutura de saneamento, eletricidade, água potável, coleta de lixo, segurança e tudo mais (Novaes 1982; Rolim 1985; Medcraft 1990; Mariano 1995).

Com a urbanização, formam-se grandes zonas metropolitanas, que são obrigadas a "sustentar" economicamente tantas outras áreas destituídas de investimentos educacional, empregatício e de saúde. Com o passar do tempo, essas megalópoles passaram a conviver com a insuportável taxa de desemprego, com o empobrecimento (em todos os sentidos), com a guerra contra o tráfico de drogas e com a violência.

A experiência religiosa, quanto à transmissão e vivência da fé, também sofreu alterações dentro deste processo social (Machado 1991; Mariano 1995). A nova condição social provocou nos migrantes um desordenamento de seus valores e de sua concepção de mundo. Essas pessoas, submetidas à dinâmica urbana, não encontravam referenciais para o seu modo de vida. Assim, disponibilizaram-se para uma nova experiência religiosa seja dentro de sua própria igreja seja convertendo-se a uma outra. Nesta passagem, a pessoa poderia perder a referência uniforme e direta de uma determinada

comunidade, criando assim o processo da "*desinstitucionalização*" da fé⁴. Ou seja, a pessoa passa agora a viver sua fé de maneira privada ou identificando-se, ao mesmo tempo, às várias igrejas diferentes.

A multiplicação e/ou fragmentação das igrejas tem sua origem na própria Reforma de Lutero, em que a relativização da instituição acontece em decorrência do enfraquecimento da legitimidade do sacerdote e diminuição da distância entre leigos e sacerdotes. Com a autoridade relativizada, os leigos tornam-se mais 'iguais' por terem acesso à Bíblia e à mesma capacidade de entendimento das Escrituras⁵.

A religiosidade popular se desenvolve através da reprodução dos signos simbólicos; ou seja, são religiosidades construídas socialmente, e não oriundas de uma construção racionalizada, teoria teológica. Nesta perspectiva, o conceito de sincretismo pressupõe a existência de uma religião "pura" (intelectualizada) e "não-pura" que seria a sincrética (praticada pelos analfabetos)⁶.

O campo religioso brasileiro expressa nossa característica de portadores da diversificada herança cultural e religiosa derivada do encontro entre indígenas, colonizadores e negros africanos (Brandão 1988; Sanchis 1997). Cada um desses grupos resistiu de alguma forma podendo dar continuidade às religiões de suas culturas anteriores. A diversificação religiosa se intensifica com a presença da imigração estrangeira e com o protestantismo de missão. Estes lutaram para introduzir a liberdade de culto e os direitos à cidadania ao longo das mudanças de regime no século XIX.

4 Ver: Mallimaci 1996; Segato 1996; Sanchis 1997; Siqueira 1999 e Bonfatti 2000.

5 Ver: Dreher 2002; Mattos 1997.

6 Esta interpretação pode ser encontrada em obras como de Bastian (1997), ao abordar o tema dos 'novos movimentos religiosos'.

2.2 Pentecostalismo

O Pentecostalismo é uma religião nascida do protestantismo, no século XX. Considera a crença nos dons do Espírito Santo como a crença maior, em torno do qual giram as outras crenças e práticas religiosas.

O nome pentecostalismo deriva de Pentecostes – festa religiosa dos judeus, dia em que o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos e começou o cristianismo. O ponto de partida do movimento pentecostal deu-se em 1906, numa velha Igreja Metodista de Azusa Street, em Los Angeles, EUA. Neste templo abrigavam-se evangélicos, majoritariamente negros. O líder, Willian Joseph Seymour, era filho de ex-escravos e autodidata na leitura e escrita, pois foi expulso da escola bíblica de Charles Fox Parham por este ser simpatizante da Ku-Klux-Klan. Seymour assistiu aulas através da porta entreaberta e, assim, assimilou os ensinamentos que passou a pregar em Los Angeles (Dreher 1999:186).

O reavivamento de Seymour desenvolveu a cultura africana na música e na liturgia. Este movimento foi desconsiderado pela imprensa da época devido ao status social de seus integrantes (Freston 1994; Dreher 2002).

Os negros caracterizaram o pentecostalismo como teologia que enfatiza a oralidade, e a partir daí permite a compreensão e a vivência religiosa a todos que antes se sentiam à margem do ensinamento por estar centrado na escrita. Dessa maneira, o pentecostalismo democratizou a salvação e o conhecimento da Palavra por libertá-la do racionalismo e da abstração que limitava as pessoas menos instruídas.

2.3 O Pentecostalismo no Brasil

Até o século XIX, a IC esteve diretamente ligada ao Estado, devido ao regime do padroado. Com a República, veio a separação dessas duas instituições, acarretando profundas mudanças para a IC.

As primeiras igrejas foram fundadas onde já se encontravam os protestantes de imigração (luteranos) e os históricos de missão (metodistas, presbiterianos, batistas e congregacionais) que não eram proselitistas. Enquanto os presbiterianos, batistas e outros se dirigiam às camadas de alguma qualificação profissional e de reduzida instrução. Seus líderes não tiveram escola para formar pastores como tinham os protestantes históricos. A formação vinha pela prática dos cultos, da aprendizagem simples da leitura da Bíblia e da própria pregação. Quando convertido, o ex-católico se torna independente do padre e passa a condenar qualquer conduta que possa aludir à idolatria; e assim, deixa as imagens e passa a levar consigo a Bíblia sob o braço.

O começo do pentecostalismo no Brasil se deu na década de 1910, acompanhando as migrações brasileiras. Essa é a primeira das três ondas de periodização propostas por Paul Freston (1993) para se entender a implantação do pentecostalismo no Brasil. A ênfase do pentecostalismo da primeira onda está no *batismo*; da segunda na *cura* e da terceira na *libertação* (Freston 1994:138). Na primeira onda, instalaram-se a Igreja Evangélica Assembléia de Deus e a Congregação Cristã. A segunda onda é dos anos 50 até 60, em que ocorre a fragmentação deste campo em pequenos e em três grandes grupos: IEQ, Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). A terceira onda vem dos anos 70, se fortalecendo nos anos 80. Aí surgem a Igreja Internacional

da Graça de Deus (1980) e a IURD. Como veremos nesta pesquisa, os grupos pentecostais da primeira e segunda onda (AD e IEQ) não se estagnaram no tempo. Acompanharam e, até uma certa medida, inovaram de acordo com o processo social.

O processo de industrialização do Brasil, fortemente acelerado na década de 50, trouxe a urbanização, principal contexto para o crescimento do pentecostalismo. Este movimento era visto como uma alternativa religiosa para as pessoas que estavam submetidas à série de mudanças econômicas e sociais vividas pelo país. O pentecostalismo oferecia participação, mútuo apoio, libertação emocional e senso de identidade. Além de criar uma sociedade substituta que cuidava de várias entidades a ela pertencentes, como escolas, orfanatos, lares para idosos.

O enfoque dos estudos nos anos 70 aborda o caráter passivo da mensagem pentecostal. Como a análise não pode ser baseada somente no núcleo doutrinário, mas também nas relações sociais estabelecidas ao longo do tempo. A função integradora revelou estratégias de comportamento que resultaram em diferentes ações. Na década de 80, o movimento pentecostal apresentou uma prática evangelista ainda mais ousada e ofensiva do que anteriormente. A novidade neste período é a ampliação qualitativa dos espaços de atuação na sociedade a fim de viabilizar seus objetivos religiosos, principalmente a entrada maciça dos pentecostais na esfera política e nos meios de comunicação. Sempre deve se ter em mente que os grupos nascidos dentro deste novo contexto social possuem muito mais liberdade de inovação do que os anteriores.

O último estudo do IBGE⁷ mostrou as mudanças que ocorreram neste campo religioso: a porcentagem de católicos caiu de 83,80 (1991) para 73,80 (2000). Os evangélicos passaram de 9,1% da população para 15,5%. Ou seja, os evangélicos passaram de 13,3 milhões para 26,1 milhões, dobrando o número de fiéis em 10 anos. Para Fonseca, a diversidade religiosa brasileira *"intensificou-se com a expansão evangélica, favorecida pela liberdade de religião e relativa igualdade de tratamento dado a estas pelo poder público"* (2002:106). Porém, os dados do IBGE não expressam uma realidade social muito intensa no Brasil, que é o efetivo trânsito religioso praticado pelos cristãos brasileiros.

Enquanto a AD expandiu-se a partir de sua fundação, em Belém do Pará, a Congregação concentrou-se mais no sudeste e sul do país, principalmente nas áreas urbanas. As igrejas da segunda onda também expandiram-se no meio urbano, principalmente na periferia das grandes cidades. Foram pioneiras de colonização na região do Pará, Mato Grosso, Rondônia, Acre e Roraima. As igrejas da terceira onda inovaram pelo intenso uso do poder midiático.

O IBGE (2000) apresenta uma variedade de crenças e opções religiosas vividas pela população: católicos romanos (73,6%); espíritas (1,38%); evangélicos (15,41%); candomblecistas (0,08%); judeus (0,06%); orientais (0,26%); evangélicos pentecostais (10,42%); evangélicos tradicionais (4,22%); umbandistas (0,25%) e os sem religião (7,26%). Podemos observar que o protestantismo (somando os tradicionais e pentecostais) é um dos responsáveis pela quebra da hegemonia católica no Brasil. A responsabilidade

7 Dentro da categoria "evangélicos tradicionais", o IBGE considera as igrejas do protestantismo histórico: os batistas, luteranos, presbiterianos, metodistas. Na categoria "evangélicos pentecostais" inclui: AD, Congregação Cristã do Brasil, Deus é Amor, IEQ. Os testemunhas de Jeová e os

dos pentecostais torna-se ainda maior na periferia das zonas metropolitanas, porém ainda sem ressonância em algumas regiões, como nos Estados do Nordeste. Fonseca (2002) demonstra que o período de maior crescimento evangélico no Brasil foi a década de 1990, e seus efeitos ainda serão expressos até 2010. Entretanto, Fonseca apresenta quatro motivos que justificam a dificuldade dos evangélicos de ultrapassar, em nível nacional, a casa dos 30% em 2020. Primeiro, a existência da pluralidade religiosa, pois o crescimento dos evangélicos não se dá isoladamente. Segundo, ainda faltam estudos mais aprofundados em relação ao trânsito religioso brasileiro. O terceiro refere-se ao envelhecimento populacional associado à baixa taxa de natalidade, que impossibilitam profundas alterações da população religiosa. E, por último, Fonseca refere-se às respostas do clero católico à realidade pluralista instaurada.

Tabela:1 -IGREJAS EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS NO BRASIL-2000

Igrejas	População	% de fieis
Assembléia de Deus	8.418.154	47,47
Casa da Benção	128.680	0,73
Congregação Cristã do Brasil	2.489.079	14,04
Deus é Amor	774.827	4,37
Comunidade Evangélica	77.797	0,44
Igreja Universal do Reino de Deus	2.101.884	11,85
Igreja do Evangelho Quadrangular	1.318.812	7,44
Maranata	277.352	1,56
Nova Vida	92.312	0,52
O Brasil para Cristo	175.609	0,99
Outras	1.878.971	10,59
Total Geral	17.733.477	100,00

Fonte: IBGE

2.4 Breve Histórico da Igreja Assembléia de Deus

No Brasil, em 1911, chegam os primeiros missionários suecos. Eram batistas dissidentes, oriundos de um país que os reprimia e os marginalizava. Pois a Suécia era um país estagnado social e economicamente. Somente depois da Primeira Guerra Mundial este país cresce economicamente, consolidando um governo social-democrático a partir de 1932 (Freston 1994:77).

Estes missionários influenciaram os primeiros quarenta anos da AD no Brasil. Desprezavam a Igreja estatal, com seu alto status social e político, com seu clero culto e teologicamente liberal (ibid 78). Por serem bíblicos, enfatizavam mais a Palavra escrita do que a glossolalia e profecias. No Brasil, exerciam uma religião leiga e contracultura, pois não se interessavam, como os missionários americanos, em aspirações sociais. Os missionários americanos eram portadores da cultura que cooptava as instituições liberais com instituições alternativas controladas por grupos minoritários. Assim, a AD nasce com os atributos de um pequeno grupo marginalizado, marcado pela simplicidade e que transfere aos primeiros pastores brasileiros, também pobres e marginalizados economicamente, o desinteresse pela ascensão econômica. O missionário sueco admitia sua marginalização e assumia que estava formando um clero de gente socialmente excluída, que dispensava o aprendizado formal que reforçava o status do missionário.

Dois suecos emigrantes de Chicago, Gunnar Vingren e Daniel Berg, guiados pelo Espírito Santo, chegaram ao Pará, onde havia um pastor da Igreja Batista, também sueco, que implantava igrejas em toda a Amazônia (ibid

81). Iniciaram seu trabalho de trazer o Espírito Santo à Igreja Batista, porém o grupo pentecostal foi excluído desta congregação em 1912, criando assim a igreja AD. Permaneceram na região Norte e Nordeste por aproximadamente 15 anos. Acompanhando a migração interna, seguiram para o sudeste. Em 1930, já se podia encontrar uma igreja da AD em todos os Estados do país. Neste ano, a igreja consegue sua autonomia em relação à Missão Sueca e transfere sua sede de Belém para o Rio de Janeiro. Este é o período da nacionalização da igreja (ibid 83).

AD possui um sistema de governo oligárquico que se distribui em igrejas-mães e suas congregações. Conhecendo seu processo histórico, pode-se entender algumas características que marcam AD. Segundo Freston, até certo momento, as fisionomias dos pastores-presidentes são nórdicas. Depois, a maior parte da cúpula nacional é de nordestinos, geralmente de origem rural. Com isso, suas características de igreja oligárquica, caudilhesca e de sistema patriarcal derivam de seu processo de origem, marcado pela experiência de seus fundadores suecos e pelo sistema pré-industrial do período dos anos 30 a 60, em que predominava o coronelismo nordestino (ibid 84). A Convenção Geral das Assembléias de Deus é o órgão máximo da denominação, porém com um centro fraco de decisão, já que não nomeia nem demite pastor; Isso resulta em uma certa dependência financeira. Em 1978, a Convenção Geral instituiu a obrigatoriedade de curso bíblico para o pastorado, fazendo surgir vários institutos bíblicos em igrejas-mães. Esses institutos, em substituição aos seminários, evitariam o deslocamento geográfico e o risco de futuros cismas internos devido à mentalidade dos jovens pastores formados nos seminários, pois estes são mais críticos e desenvolvem uma teologia política mais

sofisticada. O pastor-presidente concentra um enorme poder com seu estilo patriarcal, organização burocrática antiquada e formalismo no trato (ibid 87). Este é escolhido pelo ministério composto por pastores, evangelistas e presbíteros e chega a exercer o cargo de pastor-presidente por 20, 30 anos.

De um cisma em 1989 cresceu AD Ministério-Madureira, atualmente já às voltas com seus próprios compromissos políticos. Este Ministério tem sua sede no Rio de Janeiro, mas possui igrejas em quase todo o país.

O primeiro jornal pentecostal surgiu em 1917 com os missionários suecos. A Casa Publicadora da AD (CPAD) foi fundada em 1937. O jornalismo, nesta igreja pentecostal, sofreu menos restrição que a educação teológica. Através de publicações como "Mensageiro da Paz", é possível formular a ideologia da denominação, pois aí são publicadas suas queixas, os amigos e inimigos e tanto histórias de sucesso quanto histórias que ilustram um código desejável de conduta. Desta forma, a publicação consegue reforçar a identidade do grupo e seu sentimento de pertença (Goffman 1963:34).

Com o passar do tempo, aumentou a preocupação dos líderes com a respeitabilidade social e êxito profissional. Com isso, surge o interesse em modificar alguns tabus comportamentais e reacender a chama sectária. Segundo Freston (1993:22), a AD exerce uma autoridade "tradicional" por reproduzir o sistema oligárquico e caudilhesco através da transferência de cargos no âmbito dos laços das famílias tradicionais. O conceito weberiano de domínio tradicional é exercido pelo patriarca legitimado pelo reconhecimento antigo, conformismo e pela orientação habitual (Weber 1991). Porém, Freston salienta que este sistema é desafiado pela autoridade "racional-legal" resultante

da concorrência religiosa entre pentecostais e sua preocupação com a ascensão social.

Para ampliar o espaço do domínio legal na AD, "pastores jovens estariam mais preparados porque possuem uma formação teológica mais ligada à competência funcional de seu papel de líder, além de estarem embasados por regras racionalmente criadas" (ibid). Tal estrutura de poder é legitimada por uma lógica teológica⁸ que limita a hierarquia (permanente) sobre o critério das relações de parentesco que Durkheim (1977) denomina como "solidariedade orgânica". Entretanto, mesmo dentro de uma comunidade hierárquica, Durkheim verificou que quando ocorria a condição de independência esta era voluntária e motivada por sentimentos religiosos. Assim, a AD como tantas outras instituições, é convidada pelo processo social a partilhar com seus membros a igualdade de capacidades, pois mesmo que o acesso seja mínimo cada um dos membros buscará a justificativa mais adequada para a posição que ocupa na instituição.

De alguns anos pra cá, a AD tem atingido a classe média alta, principalmente profissionais liberais, porém a maior dificuldade está em encontrar as estratégias exatas para atraí-los. Freston (1993) argumenta que "*se a AD aceitar novos membros de classe mais alta, acelerará o processo de mudanças de costumes, de estilo de culto, formação de ministros e, por conseguinte, de linha política na direção de um fracionamento ideológico*". A abertura da igreja para atuar na política já tem sido estimulada pela cúpula, mas o empenho de pastores para isso ainda ocorre de forma fragmentada, como veremos mais adiante. Para consolidar o potencial político existente, a AD

necessita de mudanças que passariam pela reformulação teológica e pela clareza de seu conteúdo ideológico.

Nós, pesquisadores, somos atraídos por estas mudanças institucionais pela possibilidade de aplicação das teorias sociológicas. No caso de reformulações teológicas, emprega-se a sociologia da semiótica que revela as mais diversas significações ocultas em publicações "domésticas" e em interpretações dos textos bíblicos, nas quais são expressas mensagens de natureza inquestionável, pois a legitimação da estrutura de uma conduta pode vir de uma fonte que a purifica; isto é, "a torna inocente e dá a ela uma justificação natural e eterna" (Nöth 1996:150).

A partir da semiologia⁹ Barthes explica que uma escrita é mais do que o seu conteúdo, pois independente da riqueza da obra e do grau de criatividade do autor, "toda escrita traz consigo uma escolha, um engajamento". Pode-se dizer que com Barthes a literatura perdeu definitivamente a inocência. Afinal, se antes ela é vista como expressão de uma interioridade livre, destacada de um contexto maior, com Barthes ela se torna produto de uma dinâmica que reflete os fluxos e refluxos da própria sociedade.

2.5 Breve histórico da Igreja do Evangelho Quadrangular

"A tenda toda foi envolvida enquanto eu expunha este aspecto da Palavra de Deus. Era como se cada alma ali estivesse em sintonia com o ritmo da música celestial. Nasceu em meu íntimo uma melodia que parecia tocar e ser sustentada sobre quatro cordas vibrantes e trêmulas enquanto eu refletia sobre a

8 Um exemplo deste domínio seria o fato do Vaticano reconhecer somente a Igreja Católica Romana, embora saiba da existência de outros tipos de cristianismos como, por exemplo, o cristianismo indígena no México que exerce uma lógica diferente da lógica apresentada pelos teólogos católicos.

9 A Semiologia pode ser conceituada como a ciência que estuda os problemas relativos à representação e que envolve diferentes matérias como som, imagens, objeto e escrita. Assim, forma-se o conceito de signo verbal, signo gráfico e signo gestual. O conceito semiológico fundamental é o conceito de signo (Barthes 1996).

visão do profeta Ezequiel. Fiquei parada por um instante e escutei, agarrada ao púlpito, quase sacudida por esplendor e alegria. Brotaram então do fogo ardente do meu coração as palavras: EVANGELHO QUADRANGULAR. No mesmo instante o Espírito deu o testemunho. Ondas, Vergalhões, Oceanos de louvor varreram a audiência, que foi arrebatada pelos ventos impetuosos do reavivamento do Espírito Santo de Deus que operava de tal forma que toda a multidão estava atônita ao ver o Senhor operando, a mensagem Espírito Santo".

O nome Evangelho Quadrangular veio de uma revelação à fundadora da igreja, Aimee Semple McPherson, em 1922, enquanto pregava para cerca de 8 mil pessoas cada um dos quatro evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João). A revelação especificava o caráter de Jesus Cristo e de sua obra. *Church of The Four-Square Gospel* refere-se às quatro qualidades de Cristo: Salvador, Batizador no Espírito Santo, Médico e Rei. É a única grande denominação cristã iniciada por uma mulher.

Aimee Semple McPherson nasceu no Canadá em 1890. Era da Igreja Metodista quando se converteu, aos 17 anos de idade, casando-se aos 18 com Roberto Semple. Em missões, ambos pegaram malária na China, e Roberto Semple morreu da doença. Com a filha, Aimee voltou para a América. Casou-se novamente com Harold McPherson. Como seu marido não gostava de missões, Aimee passou a dedicar-se à família. Quando estava enferma, o Senhor perguntou a ela: "Vai pregar agora ou não?" Ela respondeu: "Sim, vou pregar". Assim, Aimee começou seu ministério em 1915, contando então com 25 anos. Em 1922 já tinha um programa de rádio e em 1924 sua própria emissora. Seu público era mais da classe média baixa, diferente do público das missões pentecostais menores. Às vezes, Aimee pregava em reuniões do Ku-Klux-Klan, e mesmo depois de doze anos de funcionamento havia somente 25 membros negros da igreja, organizados separadamente (Freston 1994:111).

No Brasil, a IEQ é a única igreja pentecostal de origem realmente norte-americana. Em 1946, Herminio Vasquez e Harold Edwin Willians, dois *ex-cowboys* do cinema entraram por Rondônia e foram para Manaus e Belém, mas continuaram as viagens até chegar a São Paulo e Minas Gerais. Em 1951, em São João da Boa Vista (SP) surge a Igreja Evangélica do Brasil ramo da Igreja do Evangelho Quadrangular Mundial. Seu grande salto em 1953, deu-se através da campanha de curas chamada "Cruzada Nacional de Evangelização". Não durou muito, e Williams funda a Igreja da Cruzada (1954), reestruturada em 1955 como a IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR.

Parte de sua liderança era composta de ex-presbiterianos e ex-metodistas que apresentavam a necessidade de cura física e psicológica (sinal de adaptação às sensibilidades da sociedade de consumo). A igreja tinha como técnica divulgar as mensagens em locais seculares, os tabus comportamentais foram abrandados e desenvolveram novos estilos de comunicação, incluindo o aspecto visual da liderança que se diferenciava dos pastores da AD.

Nos anos 80 já era uma das igrejas mais expressivas. Em 1988, a IEQ se torna independente de Los Angeles e adquire suas próprias editora e gráfica (ibid 110). Como não poderia deixar de ser, a igreja também possui seu próprio jornal, "Voz Quadrangular", equivalente ao "Mensageiro da Paz" da AD.

A Quadrangular oferece cursos de pastorado em seus institutos bíblicos que podem ser feitos por correspondência, inclusive é o mais usado. A intenção é generalizar o conhecimento formal, pois com estes cursos o obreiro passa a ser um obreiro credenciado com permissão de realizar batizados, dirigir a santa ceia, officio fúnebre, praticamente um pastor. Estudando mais dois anos,

o obreiro credenciado passa a ser pastor e a administrar uma igreja, com mais três anos torna-se ministro. Os pastores são nomeados pelos superintendentes regionais, que estão abaixo dos presidentes estaduais e nacionais. No topo encontra-se o Conselho Nacional de Diretores, eleito por quatro anos em Convenção Geral. Enquanto na Quadrangular fala-se em 23 mil pastores para os 2 milhões de membros e, na AD 60 mil pastores para 8,4 milhões de fiéis. Para os 125,5 milhões de católicos a IC dispõe de somente 17.168 religiosos, respectivamente 9.552 presbíteros diocesanos e 7.716 religiosos¹⁰.

Uma característica dessa igreja é que 35% dos pastores são mulheres. Há vários casos em que a pastora titular é a esposa e o pastor auxiliar seu marido. Isto raramente se vê em igrejas pentecostais. *"Não é por acaso que a IEQ é menos repressora no tocante à roupa e aparência femininas do que outras igrejas pentecostais"* (ibid: 111).

Como a maioria das igrejas pentecostais, sua maior receptividade está entre os crentes históricos mais simples que não se integrava plenamente no cristianismo racional dos missionários protestantes. A IEQ lhes possibilitava espontaneidade, revelação direta e calor em suas reuniões em tendas de lona. Cada crente possuía a chance de conseguir *status* religioso através da pregação, ensino ou revelações (profecias). Através da pregação, povo pregando para povo, reproduziam-se relações familiares e readquiria-se a segurança perdida pelas mudanças sociais.

A AD e IEQ são as maiores igrejas pentecostais, e evidentemente, não são as únicas em funcionamento no país. Existem dezenas de igrejas menores, quase todas fundadas por dissidentes. Como o caso da Igreja Brasil

¹⁰ Há em média na AD um pastor para cada 140 fiéis, na IEQ um pastor para cada 57 fiéis enquanto a IC dispõe de um presbítero para cada 10.041 membros. Essa comparação é somente para instigar algumas questões: tempo para a formação de liderança; estrutura hierárquica; distancia

para Cristo organizada por Manoel de Melo em 1955, e a Igreja Deus é Amor, organizada por David Miranda, cunhado de Melo. Ambos passaram pelas igrejas AD e Quadrangular, talvez por isso suas doutrinas não se distanciem tanto das anteriores. Há também as igrejas protestantes históricas restauradas ou renovadas que se dizem continuar próximas das igrejas de origem, embora agregam o estilo pentecostal às suas práticas religiosas: batismo com o Espírito Santo, orações espontâneas, pregação de leigos, testemunhos e cânticos populares.

2.6 Breve Histórico da Igreja Universal do Reino de Deus

Seu fundador, Edir Macedo de origem católica começou a se dedicar ao trabalho religioso a partir de 1977. Ex-funcionário da Loteria de Estado entrou na Igreja de Nova Vida¹¹ e saiu quando começou a IURD. O contexto em que foi iniciada é totalmente diferente das outras denominações que chegaram nas décadas anteriores.

O pentecostalismo dos anos 80 se adapta às mudanças do período militar: industrialização, urbanização, modernização dos meios de comunicação de massa, crise da igreja católica e estagnação econômica. Macedo passou a morar nos Estados Unidos a partir de 1986 com a intenção de implantar igrejas e assimilar modelos religiosos americanos. Em 1989 retorna ao Brasil para comprar a Rede Record. Como respaldo apoiou Fernando Collor e teve três deputados federais eleitos em 1990. *"O cacife político não se limita aos deputados pertencentes à igreja, há outros aliados no Congresso"* (Freston

formal e intelectual entre o leigo e o clero, centralização de decisões, etc.

¹¹ O fundador da Igreja de Nova Vida foi o canadense, dissidente da AD, Robert McAlister. Em 1960 rompeu com a igreja para trabalhar numa dimensão menos legalista, investir na mídia e desenvolver uma forma mais centralizada e personalista de organização religiosa. A Nova Vida foi a

1993). A força política: votos, dinheiro, TV, rádios, jornais, foi demonstrada nos protestos contra a prisão preventiva de Macedo em 1992¹². Em sua pesquisa, Fonseca apresenta o relato do outro fundador da Igreja, bispo Rodrigues que declara que a Universal começou a crescer "somente após a veiculação de um programa de quinze minutos que antecedia o programa de uma mãe de santo". A partir daí, a igreja adota a estratégia de alugar horários antes e depois de programas midiáticos para aproveitar a audiência. (Fonseca 2002:141)

A principal novidade deste período é a ampliação e consolidação dos pentecostais na esfera da mídia e da política a fim de viabilizar seus objetivos religiosos. A IURD é uma igreja de necessidades, com a capacidade de interpretar e de responder às múltiplas necessidades do indivíduo, que tanto podem ser religiosas quanto emocionais e sociais. Muitos dos problemas apresentados pelos seus membros necessitam de respostas imediatas por se tratarem de problemas existenciais. As respostas são dadas nos cultos e em conversas particulares com os pastores e obreiros dos templos. Aliás, tal disposição é o maior chamariz da Igreja, pois seus templos estão abertos todos os dias com pastores a disposição praticamente o dia todo.

Como a maioria dos cultos pentecostais, os da Universal oferecem ao membro a oportunidade de expressar toda sua emoção através das orações espontâneas, cantos e gestos. Com isso, os cultos proporcionam experiências que desenvolvem a dignidade, o respeito e auto-estima àqueles que se sentem maltratados pela vida em diferentes aspectos. Essa experiência é

primeira igreja pentecostal que adotou o episcopado no Brasil (Freston 1994:133). Acredita-se que essa possa ser a origem do título Bispo de Edir Macedo

12 Acusado de charlatanismo, as fotos de Macedo na prisão (lendo a Bíblia e de cabelos despenteados) são utilizadas na mídia para a afirmação "que a IURD é como omelete, quando mais se bate, mais cresce" (Fonseca 2002:139)

complementada por exorcismos, participação das *correntes* da igreja, *desafios* (campanhas) e curas divinas.

Mas a aparente história de sucesso encobre uma mudança fundamental de estratégia. Macedo assimilou seletivamente modelos americanos de ação religiosa, e a presença da igreja lá possibilitava obter equipamentos para a Rede Record e divisas para a expansão internacional. Durante o processo de estruturação, Macedo viu a necessidade da adaptação cultural ao público-alvo. Assim, os cultos e o programa de televisão passaram a ser em espanhol (Freston 1997). Para aumentar o número de fiéis no Brasil, a IURD conquistou um poder midiático inigualável por investir pesadamente neste setor, pois a concepção é de que não há territórios cativos ou demarcados ao campo religioso. Como resultado, a igreja se indispõe com grandes e tradicionais instituições formadoras de opinião, como a Rede Globo e a IC. A IURD indica a disputa entre campos aparentemente diferentes: ora um conflito religioso se confunde com a mídia ora uma disputa interna à mídia é traduzida pela concepção religiosa. Sua 'guerra santa' é contra a IC e os cultos mediúnicos, pois sua noção é de que a umbanda, o candomblé e o kadercismo abrigam e cultuam demônios que prejudicam o crescimento do país, destroem a vida de seus adeptos e desviam os homens do caminho de Deus (Mariano 1995).

O conflito da IURD com a IC deriva de vários fatores. Desde a preocupação com a perda de seus fiéis para as igrejas pentecostais (Antoniuzzi 1994) até o famoso caso do "chute da santa", exatamente no dia 12 de outubro, tradicional dia em que chegam os romeiros à Aparecida do Norte para a prática

de louvor à Virgem¹³. Esse fato provoca a indignação popular e mobiliza todo o país em torno da discussão do campo religioso no Brasil (Novaes 1999). Em relação à Rede Globo, esta se sentia ameaçada na disputa pela audiência com a emissora da Universal.

A IURD também não conseguiu boas relações a Associação Evangélica Brasileira (AEVB) que vê nesta denominação "práticas" totalmente diferentes das igrejas evangélicas. As tais "práticas" se referem às doações de dinheiro; à pregação em relação ao dízimo; à introdução de entidades afro-ameríndios nos cultos; à utilização do misticismo e das superstições populares como fitas e pulseiras especiais, sal grosso, cajado e outros objetos simbólicos. Neste sentido, a IURD "rompe com a pobreza simbólica do protestantismo brasileiro" (Freston 1994:138).

A prática da oralidade é uma herança do iconoclasmo do século XVI¹⁴. A partir desse movimento, o protestantismo adquire a oralidade como principal característica do grupo. O preço dessa reforma seria a incapacidade do protestante (até hoje) de apreciar uma obra de arte sem confundir com idolatria. A dinâmica simbólica da Universal que visa estimular a fé, Freston observa que os cultos da IURD "recuperam alguns sentidos anteriormente esquecidos pelos protestantes", por isso o intenso uso dos gestos, tato, visão e objetos simbólicos.

A Teologia da Prosperidade foi o resultado das importações de teologias e literatura, da intensificação do intercâmbio com igrejas e

13 Uma cerimônia religiosa era transmitida pela Rede Record, propriedade da IURD há quatro anos, quando o Bispo Von Helde chuta uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil e muito cultuada pelos católicos. Este episódio foi intensamente explorado pela Rede Globo.

14 De Wittenber expandido por toda a Europa, o iconoclasmo "provocou uma das maiores catástrofes na história da humanidade" (Dreher 2002:53). Este movimento consistiu na destruição das obras de arte que representavam para gerações de cristãos objetos de veneração religiosa.

pregadores estrangeiros, da mobilidade social dos fiéis e do surgimento de novas igrejas e novos líderes eclesiais. Com este processo, muitos crentes reuniam condições econômicas de desfrutar das boas coisas que o mundo oferecia, mas para isso tornou-se necessário alterar as concepções teológicas que diziam que os verdadeiros cristãos seriam, se não materialmente pobres, radicalmente desinteressados de coisas e valores terrenos. Com sua diversidade interna e mais independente para mudanças, o pentecostalismo pôde contar com essa nova demanda. A teologia da prosperidade correspondeu tanto à resolução imediatista de problemas financeiros dos membros mais pobres demanda aqueles que desejavam legitimar seu modo de vida: fortuna e felicidade (Mariano 1996).

Dreher concebe a IURD como "uma igreja supermercado devido às transações comerciais que realiza" (1999: 233). Esta concepção se refere à teologia da prosperidade praticada na igreja: "receber bênçãos equivale receber bens materiais". Para o autor, a IURD evidencia uma estratégia de mercado quando "escolhe a localização geográfica de suas igrejas e na forma de oferecer seus produtos através da mídia". A igreja estaria privilegiando o encontro típico do shopping center: "clientela flutuante e móvel que é convidada por meio da propaganda da televisão" (ibid: 234).

A análise do autor fundamenta-se no parâmetro da igreja de Lutero, ou seja, igreja como comunhão dos santos, e por isso a Universal enquanto igreja não se encaixaria neste modelo por simplificar a filosofia mercantil e aplica-la na cosmovisão de um mundo que se encontra invadido por demônios que serão vencidos por Jesus e pelo Espírito Santo por meio do

"Quando o ser humano não é capaz de pensar e de ver símbolos em uma tradição cristã viva, sua consciência religiosa fica esclerosada. No século XVI, iniciou-se uma esclerose espiritual, iconoclastia" (ibid: 56).

exorcismo e da cura divina. Dreher concebe esta cosmovisão como um "convênio entre Deus e o ser humano" no qual "há reciprocidade de deveres e obrigações entre ambas às partes de cumprir e de exigir cada um o que lhe interessa" (ibid). Através do "estilo de supermercado", a IURD deixaria de lado a prática da comunidade passando a enfatizar o individualismo. O autor conclui que a prática iurdiana leva à perda da gratuidade, e questiona: "seria o neopentecostalismo o fim da *sola gratia* tão cara aos primeiros protestantes?" (ibid:235)

Se nos remetermos a Berger (1985: 7), vemos a prática de uma "religião desenvolvida para o mundo dos homens". Assim, no tocante a maneira da Universal oferecer seus serviços de exorcismo e cura a todos os interessados, sem a exigência da conversão ou de compromisso de fidelidade à identidade do grupo, expressa a prática que corresponde à realidade produzida pelos homens para se entenderem e explicarem si mesmos, pois a religião constrói o significado de conhecer o mundo, "é apenas uma forma de a sociedade aparecer ao homem como obra sua" (ibid) já que sua busca consiste no equilíbrio entre pessoa/Mundo e pessoa/Corpo. Para conseguir tal equilíbrio, ele se utiliza da atividade mental e física, através da linguagem e da cultura, para produzir a si mesmo dentro de um mundo que deseja.

A vertente antropológica da *tríade* (*exorcismo, conversão e cura*) aponta uma prática religiosa que flui sem traumas porque está incorporada nas vivências de seus membros (Bonfatti 2000). Assim, mesmo não convertido o tal 'cliente' será influenciado pela "força reguladora da tríade" durante o culto e como resultado ele realizará um (re)conhecimento do universo simbólico pré-

existente via sincretismo religioso. Esta oportunidade é oferecida durante os cultos da Universal quando esta elabora seu corpo simbólico.

A existência do sincretismo associada à "oferta espiritual de salvação" faz que com que o transito religioso do não-convertido ocorra sem rupturas.

"As manifestações adquirem nexos, inteligibilidade e sentido quando estruturadas sob a direção da tríade que as organiza dentro da chave interpretativa de conversão, exorcismo e cura" (Bonfatti. 2000).

A pessoa não precisa ser convertida à igreja para compreender o que ocorreu em sua vida, pois o crente também pode ter sua própria "estrutura de plausibilidade" enquanto a sociedade inteira serve de plausibilidade para o mundo religioso, "gerando os monopólios religiosos" (Berger 1986:61). A característica marcante da Universal é o seu sincretismo por isto membro "flutuante" se mantém em torno da igreja sem grande estranheza, propiciando assim sua cura. Um grupo religioso com caráter sectário, Berger definiria como "não monopolizador", também tem sua estrutura de plausibilidade garantida, tanto quanto a grupo religioso tradicional e fechado, e caso ocorra algum desequilíbrio neste mundo simbólico do grupo a conduta do membro também sofrerá mudanças em sua estrutura, pois este passará por um processo de "anomia" até adquirir uma nova teodicéia, isto é, visão compreensiva do mundo.

Weber (1982) dizia que tratar o sofrimento como um sintoma de desgosto aos olhos dos deuses e como um sinal de culpa secreta, a religião atenderia psicologicamente uma necessidade muito geral. Mas os afortunados

desejavam ser convencidos pela idéia do merecimento e, acima de tudo, que a mereciam em comparação com outros. Assim, a teodicéia é construída pelos afortunados como fonte de legitimação pela conduta exercida¹⁵. Dessa maneira tanto ricos quanto pobres têm o que merecem. Daí deriva a teologia da prosperidade em que a mensagem aos fiéis segue a direção de recompensa nesta vida; ou seja, a pobreza é resultado da falta de *fé inteligente*. Seu princípio é o investimento a Deus para que Ele devolva com lucro. A mensagem não se limita às ações religiosas. Passa pelas ações econômicas: o conselho é ser autônomo.

O lugar do culto não possui em si um caráter sagrado. A sacralização do lugar só ocorre mediante a reunião dos fiéis. A idéia central é a da fé interiorizada (fé inteligente). A estrutura da Universal concebe o dízimo como meio de conotação identitária; isto é, distinção entre membro e não-membro, pois ser dizimista é uma demonstração de sentimento de pertença à igreja. Como o dízimo é obrigatório, "somente o dizimista poderá pleitear uma vida abençoada por Deus, pois está devolvendo a parte que Lhe pertence" (Bonfatti 2000).

O contexto do mercado religioso permite que as igrejas transcendam áreas ditas de círculos religiosos, mas isto "significa uma concorrência religiosa e um colapso das estruturas monolíticas de plausibilidade" (Freston 1994:152)¹⁶. A IURD, freqüentemente é criticada por sua estratégia expansionista, "inova em matéria de comportamento religioso,

15 Weber distingue quatro tipos de teodicéia, segundo seu grau de racionalidade, ou seja, níveis de sofisticação para compreender o mundo: promessa de compensação neste mundo; a promessa de compensação no 'além; dualismo e a doutrina do Karma (1982).

16 "Sem a plausibilidade da igreja medieval, a IURD não pode vender indulgências para comutar tantos anos de purgatório. Sua promessas precisam ser mais imediatas e intramundanas"(Freston 1994:152)

quando concebe abertamente a igreja como empresa econômica e a religião como fonte de lucro e enriquecimento pessoal" (Pierucci 1996).

Pelo estilo ousado de expansão, a IURD adquiriu 21 emissoras de TV, um jornal diário ("Hoje em Dia") e um semanal ("Folha Universal"), uma gráfica, uma construtora, uma fábrica de móveis e um banco para facilitar as transações financeiras. "Essa expansão diversificada, às vezes é atribuída somente ao faro empresarial não se levando em conta a sua funcionalidade à *missão religiosa*" (Freston 1994:143).

A base popular é conjugada com um poderio institucional decorrente de sua organização hierárquica; do cacife político; da arrecadação financeira e do império midiático" (Freston 1997). A igreja investiu pesadamente nos trabalhos sociais, a partir de 1994 quando fundou a Associação Beneficente Cristã. Fez campanhas contra fome e planejamento familiar. O modo de liderança de Edir Macedo, distancia totalmente dos líderes da *segunda onda* do pentecostalismo. Macedo, "líder religioso, empresário e administrador" (ibid 1994:146) consegue manter o controle sobre todas as atividades "graças ao seu monopólio teológico e ideológico".

Como toda instituição, a Universal também teve seus conflitos de dominação interna que colocou em risco o sistema centralizador de Edir Macedo. Um dos casos foi a deserção do cunhado de Macedo, Romildo R. Soares que abriu a Igreja Internacional da Graça de Deus. Para Campos, "a criação das várias dioceses e a ordenação de dezenas de novos bispos, a partir de 1993, representou uma tentativa da IURD de se reestruturar, após um período de intenso crescimento" (Campos 1998).

No Brasil, a desigualdade de tratamento do Estado em relação as religiões pode ser exemplificado quando se vê a IC obtendo recursos do Estado, do exterior, de atividades econômicas, dízimos e cobranças de serviços sem criar tanta polêmica pela mídia quanto se cria quando esta situação é reclamada pela outras religiões. Assim, este é um dos principais motivos pelos quais os pentecostais entram na política: a busca pela igualdade de direitos e de tratamento por parte do Estado.

As ações destes religiosos na esfera econômica chamam muito mais atenção da sociedade do que qualquer outra instituição que viabiliza campanhas para arrecadar recursos financeiros. Por conta disso, pastores já foram denunciados criminalmente por estelionatário, charlatanismo, curandeirismo, vilipêndio a cultos religiosos e incitação a crime (ibid: 156). Denúncias de caráter fiscal levaram Edir Macedo a passar alguns dias na prisão (1991) e em 1992, Macedo e a igreja foram multados pela Secretaria da Receita Federal por conta da compra da Rede Record. Os vários fatos polêmicos que atingiram a Universal, indiretamente atingiram todo o campo evangélico, pois como veremos no decorrer desta pesquisa, a população ainda encontra dificuldade de separar as diferentes denominações dentro do espaço social evangélico. Dessa forma, Macedo obteve uma certa solidariedade dos pastores, pois acima de tudo, estava em questão o direito à liberdade religiosa.

As igrejas AD, IEQ e a IURD não são nenhum exemplo de instituições democráticas, mas para compreende-las (independente de juízos éticos) precisamos "afastar todas as noções prévias e agrupar os fatos, segundo suas características exteriores da maneira mais objetiva possível" (Durkheim1984). Para estudar as estratégias eleitorais destas instituições

eclesiásticas, é indispensável conhecer e compreender sua formação histórica, pois é extremamente importante conhecermos a concepção que a sociedade tem desse grupo e quais os sinais exteriores que ajudam a compreender suas motivações. Eis as regras relativas à observação dos fatos sociais (ibid).

2.7 Breve Histórico da Cidade de São Carlos

No final do século XVIII, com abertura do primeiro caminho que levava às minas de Cuiabá, surge um povoamento que servia de paragem a tropeiros, exploradores e viajantes. Desse povoamento, nasce a cidade de São Carlos. Fundada em 04 de novembro de 1857, durante o período de expansão da cultura do café, por Antonio Carlos de Arruda Botelho (Conde do Pinhal). A cidade está situada a 244 Km da capital do Estado e ocupa uma área de 1.132Km² com uma população de 192 mil habitantes (Censo 2000).

A cidade hoje, se destaca entre todas cidades médio brasileiras devido seu aspecto acadêmico, tecnológico e turístico.

Entre as igrejas, salões e pontos de pregação estima-se que o número de estabelecimentos protestantes e pentecostais em São Carlos somava, aproximadamente 25 denominações (Bandini 2000:25). Espalhadas por quase todo o território do município e disputando entre si, assim como com outros grupos religiosos, a adesão dos mais diversos setores da população local. Os evangélicos são encontrados tanto nos bairros do centro como na periferia da cidade.

As denominações históricas como, Igreja Batista, Igreja Presbiteriana, Igreja Metodista e denominações renovadas concentram suas sedes no centro da cidade ou bairros circunvizinhos. Entretanto, os

pentecostais, numericamente mais expressivos, apesar de estarem presentes em todo o município e inclusive no centro se concentram em bairros mais afastados, área em que se concentra grande parte da população de baixa renda.

A primeira igreja evangélica fundada em São Carlos foi a Igreja Presbiteriana em 1875, embora atualmente conta-se somente com três igrejas. A explicação é que a esta igreja se caracteriza como uma igreja não proselitista.

A igreja AD está na cidade há 54 anos. A AD possui cerca de 6000 membros espalhados em suas 30 congregações. A primeira igreja foi a AD Ministério-Belém, fundada por missionários americanos. A AD-Ministério-Madureira chegou há 37 anos. As duas se equivalem, tendo cerca de 3000 membros cada uma.

A AD até seis anos atrás atingia a classe média para baixo; recentemente tem atingido a classe média alta, os profissionais liberais, como engenheiros e médicos. Todo bairro tem uma congregação, a pessoa participa da igreja que fica mais perto de sua casa. A concentração na igreja-sede, localizada no centro da cidade, é feita somente aos domingos ou quando há algum evento especial. Se houver um evento muito grande, então se reúnem em algum estádio municipal.

A AD, juntamente com o Conselho de Ministros Evangélicos de São Carlos, estuda formas diferentes de atingir a classe média, pois São Carlos é caracterizada por esses pastores evangélicos como uma cidade muito heterogênea: "existem muitos cientistas, universitários, diferentes padrões culturais e econômicos". Os pastores admitem que a expansão não tem sido tão intensa, mas estão procurando meios eficientes para esse problema (ibid).

Em São Carlos a IEQ chegou com missionários em 1964. Atualmente possui, aproximadamente 18 templos e cerca de 4500 membros. A igreja desenvolve trabalhos como recuperação de usuários de drogas, distribui comida (sopão) para pessoas carentes, realiza trabalhos juntos aos grupos de casais e jovens em estudos bíblicos. Um desses trabalhos é o "Quem Ama Espera", no sentido de orientação sexual para os jovens.

Em São Carlos a Universal está presente desde 1990 e tem aproximadamente 10000 membros. Devido sua presença na política, pois o primeiro vereador evangélico eleito em São Carlos foi desta denominação nas eleições de 2000, a IURD consegue viabilizar cursos de capacitação para a população (não necessariamente somente aos membros da igreja) com a articulação entre o vereador e deputados estaduais da igreja. Conheceremos mais sobre os trabalhos dessas instituições durante esta a análise desta pesquisa.

CAPÍTULO III

3. O ENLACE ENTRE POLÍTICA E RELIGIÃO

3.1 O entrelaçamento da política e religião nas eleições de 2002

Os protestantes marcam presença na esfera política brasileira dada a pluralização partidária da nossa democracia. Através dela, produzem uma pluralização religiosa com íntima relação entre Igreja e Estado, principalmente em termos econômicos. Esta estreita ligação impede a diminuição da desigualdade religiosa existente no Brasil. Entretanto, Freston (1994) faz a ressalva de que "todas podem atuar, mas nem todas atuam da mesma forma nem possuem o mesmo grau de poder e de acesso ao governo".

Por exemplo, na Argentina houve uma ruptura da hegemonia católica com a entrada de novos atores e instituições religiosas, sobretudo os pentecostais, nos espaços públicos e na relação Estado-sociedade. A situação resultou mudanças de leis, costumes e regulamentações do país. Tanto que na reforma constitucional de 1994 foi eliminada a cláusula, segundo a qual, o presidente argentino deveria ser católico. No entanto, foi mantido o artigo que vincula o governo federal e a religião católica, demonstrando que ainda há uma considerável influência política e social do catolicismo. Contrários ao Brasil, não existem representantes evangélicos no congresso argentino. O Estado tenta através de uma nova lei de cultos, regulamentar e controlar a ação dos grupos religiosos não legitimados historicamente, o que mostra os limites pouco extensos do respeito e da tolerância religiosa deste país. A constatação é que ocorre ao mesmo tempo um processo de *desinstitucionalização religiosa*, sobretudo, em relação ao catolicismo e de *reinstitutionalização* de grupos religiosos com fortes conteúdos identitários e emocionais (Mallimaci 1996:14).

Outro exemplo da relação entre pentecostalismo e a política é o do México. Garma Navarro (2000), mostra que devido às diferenças simbólicas

marcada entre católicos e evangélicos os mexicanos, estes últimos criaram a *Organização Coletiva Evangélica*, um grupo de pressão que marcou presença na mídia e na esfera política nos anos de 1991/92. Os pentecostais não queriam mais esperar pelos políticos e resolveram negociar diretamente com o Estado. Porém, segundo Navarro "*a posição ainda é frágil e as negociações dividem o próprio grupo pentecostal*" (Navarro 2000:190).

No Brasil, a tendência de algumas igrejas é de indicar seus próprios políticos, mas organizar uma causa comum entre as lideranças também não é tarefa fácil. No México, a IC tem a maior influência sobre o Estado, obscurecendo seu relacionamento entre as outras instituições religiosas, assim a estratégia das igrejas minoritárias é de negociar com partidos políticos e procurar setores que possuem uma certa inimizade com ela, e a disputa política acaba sendo favorecida pela ausência de um partido conservador não ligado à IC. Os partidos políticos e candidatos de direita somente podem beneficiar desse eleitorado evangélico se forem percebidos como instituições seculares; ou seja, sem um projeto religioso distinto, pois os votos evangélicos são influenciados mais pelas crenças religiosas do que pelo caráter sócio-econômico, apesar de que no México "a ideologia anti-católica seja mais forte entre os protestantes e pentecostais do que seu projeto de moralização" (Garma Navarro 2000:197).

Nos dois casos acima e, igualmente no Brasil, os partidos políticos não ocupam posições centrais na prática política. Se estes podiam ser vistos como instituições intermediárias da relação entre os cidadãos e o Estado, hoje alguns autores já sugerem que os meios de comunicação de massa têm substituído tais instituições e assumindo o papel de mediador político. Tal

interpretação adquire maior eficácia quando analisamos as estratégias eleitorais das denominações pentecostais.

"Sob certas circunstâncias, o uso dos meios de comunicação como recurso político pode servir como fator de fortalecimento e não de enfraquecimento dos partidos políticos"
(Dias 2002).

Neste quadro mais limitado, as práticas políticas dos líderes pentecostais demonstram a importância da coexistência dos meios de comunicação e partidos políticos quando estabelecida relação entre si. Com a possibilidade de usufruir de uma associação entre mídia evangélica e partido secular, a instituição religiosa fortalece sua identidade pela conquista de status, poder e legitimidade na esfera pública.

Tradicionalmente, o partido político no Brasil não é tido como principal critério para a escolha do candidato porque apresentamos uma característica acentuadamente personalista (Mainwaring 1991). No caso das estratégias eleitorais das igrejas pentecostais, as campanhas eleitorais centram-se fundamentalmente no critério de pertencimento à denominação.

Pesquisas de opinião também confirmam a preferência dos eleitores brasileiros por critérios de escolha eleitoral relacionados ao perfil do candidato em detrimento de uma escolha partidária. Em relação aos questionários aplicados aos eleitores pentecostais, o resultado sugere que os eleitores da IEQ são os que mais tomaram conhecimento de seus candidatos através da igreja, seja durante os cultos seja em reuniões ou encontros da comunidade. Esta indicação corresponde à caracterização atribuída por Freston de que "a IEQ desempenha um modo mais sectário de trabalho político-eleitoral". Entretanto, o resultado das entrevistas indica que a maior divulgação

em relação ao perfil do candidato oficial e suas propostas de campanha foi mais intensa pela liderança da IURD do que pela liderança da IEQ.

Segundo o IBOPE, o jornal como fonte de informação à decisão do voto, é mais utilizado entre pessoas de escolaridade mais alta. A mesma tendência é encontrada no grupo pentecostal aqui pesquisado, pois o jornal como fonte de informação sobre o candidato foi pouco citado pelos eleitores.

Os membros da AD foram os que mais tomaram conhecimento de seus candidatos através da TV e do rádio. Poucos disseram ter escolhido o candidato por causa da igreja. Como veremos no quarto capítulo, os pastores da AD não realizaram um trabalho de campanha tão intenso quanto os da IURD e os da IEQ. Como amigos e parentes também são importantes para a decisão no jogo eleitoral, os eleitores iurdianos são orientados e organizados a desempenhar trabalhos de campanha para completar o número de votos necessário para os candidatos da igreja.

Tab. 2 Número de emissoras e retransmissoras da mídia cristã no Brasil:

- Redes católicas
- Redes evangélicas

TELEVISÃO	EMISSORAS	RETRANSMISSORAS
Rede Vida	1	325
Canção Nova	2	268
Século	1	15
Record	90	5000
Boas Novas	1	27
Renascer	1	-
*Rede Internacional	1	76

Fonte: *Ministério das Comunicações in: Veja/08/10/2003*

*R.R.Souares

Os estudos demonstram que a televisão é o veículo de comunicação mais comum no momento de decidir em qual partido ou

candidato votar. Todavia, a sua utilização, assim como a utilização do jornal, aumenta de acordo como o nível de instrução. A proporção de pessoas com mais anos de estudo que utiliza a TV como fonte de informação para decidir o voto é 1,5 vez maior do que a daqueles com menos anos de estudo (IBGE), mesmo com a gratuidade e facilidade de acesso à televisão.

A possível eficácia comunicativa entre televisão e gratuidade poderia estar relacionada "pelo lugar privilegiado que a televisão ocupa na vida social do brasileiro" (Novaes 1998:150) e pela ampla liberdade no uso dos recursos comunicativos. Enquanto, a IC "tem se ocupado em produzir sua unidade universal através de negociações entre diferentes grupos mais expressivos", os pentecostais se aproveitaram desse lugar privilegiado da televisão para potencializar sua presença na mídia e, simultaneamente, "sem qualquer intenção explícita de cooperação acabaram favorecendo todo o campo evangélico" (ibid).

Porém, no caso dos eleitores pentecostais a televisão não desempenha tanta importância como na população em geral, ainda que seja o meio mais utilizado pelas igrejas pentecostais para divulgarem o evangelho e expandirem na sociedade. A televisão como fonte de informação política não é tão utilizada justamente porque o tempo da televisão para o programa eleitoral é concedido aos partidos políticos e não aos representantes. Assim, os candidatos pentecostais acabam quase invisíveis entre tantos outros, e como o eleitor pentecostal, em sua maior parte, reproduz uma tendência política individualista, este meio ainda menos atrativo.

"A propaganda da televisão tende a subordinar as estratégias individuais dos candidatos a estratégias coletivas dos partidos" (Dias 2002).

Dessa forma, a divulgação pela TV da identidade do candidato (oficial) associado aos grupos evangélicos poderia comprometer tanto a própria imagem do candidato quanto da denominação ao explicitar o modo corporativo de fazer política. Com isso, os candidatos oficiais no horário eleitoral gratuito não utilizaram o termo pastor antes do nome como forma de evitar polêmicas em alguns setores.

Nas eleições de 2002, os candidatos aos cargos legislativos tiveram seu trabalho de campanha prejudicado diante do *tratamento especial* que fora dedicado à campanha dos candidatos à presidência. Houve ocupação excessiva do espaço midiático às campanhas presidenciais, deixando o eleitor mais desatento aos cargos de deputado, senador e governador.

Segundo o IBGE, a indicação de sindicato ou igreja como instituições mais representativas de interesse, é influenciada pelo nível de escolaridade dos entrevistados. A proporção das pessoas que indicam sindicato cresce conforme o nível de escolaridade e decresce em relação às pessoas que indicam igrejas e cultos. Conforme a pesquisa mais específica ao grupo evangélico, a pesquisa do ISER de 1998, demonstra que o grupo eleitoral evangélico se caracteriza pelo baixo nível de participação cívica e pela utilização de símbolos religiosos na política obedecendo a lógicas e interesses diferenciados de cada denominação. O candidato evangélico busca o reconhecimento e a legitimidade no interior do grupo religioso ao qual pertence. Não basta o candidato acrescentar um "sou evangélico" à sua campanha para se colocar como representante legítimo desta comunidade, principalmente, por esta comunidade que se apresentar tão diversificada e segmentada.

Como exemplo de articulação da identidade religiosa como estratégia política temos a candidatura do ex-governador do Rio de Janeiro

Anthony Garotinho à presidência. Garotinho buscou obter 80% dos votos evangélicos, mas segundo o Datafolha (2002), ele conseguiu o apoio de somente 41%, embora seu índice de rejeição tenha sido sempre abaixo de seus concorrentes, Ciro e Lula.

Garotinho, primeiro candidato presidenciável que fez uso da identidade religiosa, enfrentou falta de estrutura partidária por estar filiado a um partido pequeno (PSB) e, conseqüentemente, não conseguiu atrair apoios significativos fora do mundo evangélico. Entretanto, quanto mais fosse visto pela mídia como o candidato de um segmento religioso, menos chances teria de ganhar apoio em outros setores. A campanha de Garotinho, exemplifica o dilema do candidato em eleição majoritária quando associado a um segmento religioso ainda minoritário, ora prejudica ora auxilia sua image de político. A imagem pública de Garotinho, exibida pelo horário eleitoral, era de pessoa pública que enfocava (como poucos) o mundo privado. Durante toda a campanha, a vida privada do candidato teve como objetivo enfatizar seus valores compartilhados com uma identidade religiosa mais abrangente, daí resultou na imagem de pai de família numerosa com filhos adotivos; de casamento estável; de prática religiosa; de compromisso popular e fidelidade. Para Soares, "o logotipo, Garotinho, poderia sugerir a imagem de uma juventude excessiva e incompatível com a seriedade do cargo pretendido" (Soares 2001)¹⁷.

Em termos de jogo político, a aliança entre PT e PL, respectivamente, IURD e Lula, demonstrou a falta de coesão interna do grupo evangélico. A coligação, no tocante à Universal, significava obter mais espaço

20 Soares, L.E. Garotinho, Gênova e Salvador. Artigo disponível no site: www.no.com.br/revista/noticia/.

político para suas obras sociais e para garantir seu envolvimento na área das telecomunicações. Para Oro (2002), os temas comuns entre o PT e a Igreja Universal seria o discurso pela ética na política e o trabalho social desenvolvido por ambos, porém são grandes as diferenças em relação aos objetivos e interesses de uma e outra.

A IURD sabe usar a mídia ao seu favor quando divulga seus trabalhos sociais, por exemplo, atingir o imaginário popular por projetos como da Fazenda Canaã, dirigido por pelo bispo Crivella. Com a inserção dos evangélicos, o espaço público passou a ser disputado por este grupo que consegue associar temas esquecidos pelos políticos convencionais, mas que estão presentes no cotidiano do cidadão. A produção de imagens públicas foi possível pela articulação entre poder midiático da IURD e seu modo de interpretação da realidade social.

CAPÍTULO IV

4. OS PENTECOSTAIS NA VIDA POLÍTICA

4.1 A inserção do protestantismo na esfera da política

Os missionários protestantes chegam ao Brasil somente no século XIX. Isto se deve, sobretudo à aliança comercial que propiciou a abertura dos portos.

"Este grupo participava da política somente quando havia discrepancia entre o modelo denominacional e a sociedade brasileira. O pietismo apostava na conversão das elites e não politizava os próprios protestantes" (Freston 1993). Com uma importancia numérica insignificante, os protestantes seguiram à margem do sistema político, apesar dos impedimentos jurídicos e estruturais que os envolviam¹⁸.

Estes missionários não ameaçaram os católicos porque sua identidade social era portadora de coesão e de legitimidade. Assim, o catolicismo era a religião oficial e somente seu batismo era reconhecido. Por conta disso, o protestante permanecia numa situação de cidadão de "segunda categoria" por não poder conquistar sua identidade social e usufruir de seus direitos civis.

O governo republicano decretou a separação entre Igreja e Estado (7/1/1890) e assegurou a liberdade dos cultos. A Constituição de 1891 garantiu o casamento civil, cemitérios seculares e o ensino leigo. "Mesmo não havendo restrição legal para a participação política dos protestantes, estes inexistem no congresso, a maioria era de luteranos e monarquistas" (Freston 1993).

Nesse período a IC investiu em jornais, paróquias, congregações religiosas e dioceses. Desenvolveu pastorais que se dedicaram tanto aos setores

dominantes quanto aos populares. Com o esforço no campo intelectual em relação às universidades católicas, a idéia era cristianizar as elites e, conseqüentemente, a sociedade (Mallimaci 1995).

Quanto aos protestantes, no período da República, estes tiveram uma participação muito pequena na política nacional. Mas, já se apresenta um certo interesse de candidaturas e os jornais evangélicos começam a valorizar o voto consciente.

Freston (1993), identifica quatro fases de participação dos evangélicos na política nacional. Primeira, a metodista (1946-1951), presbiteriana (1951-1975), batista (1975-1987) e a partir de 1987 o predomínio da AD. Discute-se a o início da quinta fase, a partir de 1990 com a entrada da IURD na modalidade da política pentecostal, sua neopentecostalização (Oro.2002)

A tentativa da IC de promover uma neo-cristandade, junto ao governo Vargas, fez surgir a primeira mobilização política dos protestantes (Freston 1993). Líderes presbiterianos articularam a Confederação Evangélica para estimular a participação dos evangélicos na Assembléia Constituinte. Sua posição em questões religiosas não era muito diferente da tradição laica. A única reivindicação particularista era de não fazer eleições aos domingos. Algumas vão além do liberalismo e refletem posicionamentos social-democráticos (Freston 1993:41). Em 1950, o número de deputados federais sobe de 9 para 13 protestantes, maioria históricos, mas nenhum considerado candidato oficial.

Em 1964, um golpe militar põe o fim da experiência democrática que fora ensaiada desde as eleições de 1946. O contexto favorece a aproximação do protestantismo com o regime militar (ibid). Na IC, os setores mais conservadores colaboraram com o regime militar afirmando que o golpe havia afastado o país dos perigos do comunismo. Com isso, muitas pessoas se afastaram da igreja. Tal como no grupo anterior, figuras se posicionaram contra o regime de forma mais ativa.

Nas eleições de 1986, é o momento da *irrupção pentecostal*: classe formada por líderes evangélicos que entra na esfera política com interesses corporativistas em defesa de suas instituições e dos valores morais (Freston 1993). A posição predominante como base governista será alterada na gestão de 1999-2002, com a presença de evangélicos ligados a movimentos sociais e evangélicos menos corporativistas por não serem representantes oficiais de suas denominações (Fonseca 2002:145).

A época da Constituinte, foi marcada pela formação de nova composição partidária, que ao longo do tempo, abalou a legitimidade do congresso porque "os novos parceiros do poder distanciaram da vontade do povo criando um obstáculo ao exercício legítimo do poder legislativo" (Lima Jr.1994). Para o autor, os partidos e as eleições ora foram vistos e viabilizados como instrumento de dominação política ora como instrumento de representação política (Lima Jr.1993).

A constituição da classe política dos pentecostais supera a classe dos históricos, pratica um "nomadismo partidário" (maior do que a média nacional) e possui um peso maior com a direita. Seus representantes são de

origem social mais baixa, estilo menos discreto de praticar a política e desenvolvem a estratégia eleitoral de candidatura oficiais (Freston 1993).

Tal estratégia garante a entrada significativa da AD que sube o número de 2 para 14 parlamentares em 13 estados numa considerável demonstração de força eleitoral. Este grupo aumenta a representação do Nordeste, Centro-Oeste e estados menores do Norte; identifica-se com o estilo cultural do protestantismo popular, e acima de tudo, é um grupo constituído por pessoas exemplares da comunidade, seja na liderança religiosa seja na ascensão econômica (Freston 1993:53). De 1987 a 1995 a AD teve a representação no Congresso num total de 26 parlamentares.

A IURD se destacou neste domínio a partir das eleições de 1994 elegendo 6 deputados para o Congresso Nacional e 8 nas Assembléias Legislativas dos estados¹⁹. Naquele ano, no estado do Rio de Janeiro obteve a secretaria do Trabalho e Ação Social e apresentou uma candidatura ao senado que alcançou 500 mil votos (Freston 2000). Em 1998 a Universal elegeu 26 deputados estaduais e 18 deputados federais enquanto a AD atingiu um total de 15 e a IEQ de 8 parlamentares.

A demonstração de força eleitoral chamou a atenção de muitos observadores e aguçou o interesse eleitoreiro de candidatos e partidos políticos. Nestas eleições o grupo evangélico se fez presente no primeiro escalão do governo com a eleição de presbiteriano Anthony Garotinho para o governo do Rio de Janeiro (Fonseca 2002:124). Sua vice Benedita da Silva, fiel da AD, assumiu o cargo de governadora em 2002 quando ele saiu para fazer a campanha presidencial. Atualmente, a ex-governadora é ministra do Promoção

19 A IURD já havia eleito 1 deputado federal em 1986 e em 1990 3 deputados federais e 6 deputados estaduais

e Serviço Social do governo Lula e Garotinho secretário de Segurança Pública do Rio de Janeiro no governo de sua esposa, Rosinha Garotinho.

Embora, ambos tenham uma trajetória política iniciada antes da conversão ao protestantismo, com o passar do tempo os dois, sobretudo, Garotinho nas eleições de 2002, utilizaram-se da identidade religiosa em suas campanhas (Fonseca 2002:140).

Fonseca em sua pesquisa sobre a IURD entrevista o líder político da Igreja, Bispo Rodrigues que "identifica três momentos de ataques a sua igreja na esfera pública": pela repressão no início (líderes processados); pelos ataques da mídia (em relação aos cultos) e pelas leis (Fonseca 2002:144).

A IEQ começou a sair de sua postura 'apolítica' na década de 80. O típico político da Quadrangular é aquele que desempenhou por anos o trabalho de pregação ou de operador de milagres (Freston 1994:115). Este foi o caso do pastor Mário de Oliveira que começou como menino-pregador nos anos 60, depois começou a receber revelações e nos 70 já era um líder da igreja em Belo Horizonte. Em 1982, através de sua projeção no rádio e tv, se elegeu deputado federal (ibid).

Em 1986, a IEQ elegeu 4 parlamentares, sendo um deles o reeleito Mario de Oliveira em "dobradinha" com seu irmão como deputado estadual. A igreja trabalha com o mesmo modelo de candidaturas oficiais que a AD e a IURD. Sua liderança está totalmente envolvida na política com projetos montados em comissões específicas sobre este assunto. Esta classe política é de protestantes que mudam de partido constantemente e possui uma dispersão ideológica contínua, mas com peso maior na direita tal como a AD.

Para Mainwaring (1991:34) “os partidos políticos brasileiros são subdesenvolvidos para um país que alcançou tal nível de modernização”. Como outros parlamentares, os evangélicos também não contribuíram com a construção de partidos políticos mais efetivos. Também beneficiaram-se desta “democracia que oferece aos políticos tanta autonomia *vis-à-vis* seus partidos” (ibid). Nossa legislação eleitoral reforça o comportamento individualista dos políticos e impede a construção partidária.

Os componentes dos partidos políticos vêem a carreira política como trajetória individual, pois esta lhes fornece renda, prestígio, e acima de tudo, poder. Os partidos são compelidos a construir uma política de continuação de poder, por isso o foco ideológico e a produção de estratégias, pois na prática social, se o partido contrariar muito o eleitor, ele nunca chegará ao poder (Downs 1999).

Nas eleições de 2002 a AD elegeu 26 deputados federais e 34 deputados estaduais. A IEQ elegeu 10 representantes oficiais, sendo 4 deputados federais e 6 deputados estaduais. A IURD conseguiu 18 deputados federais e 45 deputados estaduais. Com aproximadamente 60 votos, a ‘bancada evangélica’ é maior do que qualquer bancada estadual, com exceção da bancada paulista. A coloração partidária da bancada vai do PT ao PPB, passando por PL, PFL, PTB, PSDB, PSB e PDT. (*Folha de São Paulo*.10/10/02). Há pelo menos oito parlamentares batistas. Os demais parlamentares evangélicos pertencem a denominações como Metodista, Presbiteriana, Sara Nossa Terra e outras.

De modo geral, Fonseca demonstra cinco perfis dominantes entre os políticos evangélicos. O primeiro seria aquele político apoiado pela

liderança da denominação a que pertence. Neste perfil, inclui tanto um deputado de uma denominação de abrangência nacional quanto de uma denominação local ou regional. Segundo, refere-se aos políticos ligados aos meios de comunicação de massa "que transformam seu carisma em potencial de votos". O terceiro perfil inclui aqueles políticos que possuem recursos financeiros próprios. São profissionais que entram na política em busca de defender seu setor ou com o propósito de atuar na vida pública de uma maneira mais eficiente. O quarto tipo, seria aquele militante que depois da conversão utiliza-se de sua nova identidade na política. E por último, Fonseca identifica os políticos militantes de organizações e movimentos progressistas e que ingressaram na vida política mais efetiva (ibid.2002:129).

Neste quinto grupo, o autor inclui também os políticos ligados ao MEP (Movimento Evangélico Progressista) que reúne membros de todas as igrejas evangélicas. Vários destes setores evangélicos identificam-se com partidos de esquerda e que fogem do lema "irmão vota em irmão".

A "bancada evangélica" na Câmara dos Deputados atua pressionando corporativamente em nome de Deus e do povo de Deus o corpo de legisladores e outros poderes constituídos em razão das plataformas e objetivos políticos de suas corporações religiosas. Desta forma extrapolam o campo das lutas especificamente religiosas e passam a competir em uma arena mais vasta do que a do campo religioso. Entram em disputas com outras agências e outros agentes buscando sempre fontes de informação, influência e estímulo político, e neste percurso encontram novos aliados (apoio de legisladores, presidentes[Sarney e Collor], grupos de rádio) e novos adversários (feministas, homossexuais, indústria cultural, educadores liberais).

É contra esse quadro amplo de adversários que os políticos evangélicos hoje se movem tornando-se ativistas e estimuladores da participação política de seus "irmãos".

CAPÍTULO V

5. ESTRATÉGIAS ECLESIÁSTICAS

5.1 Construindo Cidadania como Identidade Religiosa Protestante

Certamente os votos evangélicos fazem diferença numa competição eleitoral. Desta forma, os líderes eclesiásticos usufruem das imagens positivas em relação ao seu modo de vida, em prol de candidaturas oficiais. Utilizam-se de uma fonte sagrada socialmente legitimada, de onde transferem para o campo político seus símbolos e discursos. Porém, esta é uma variável a mais a ser considerada na arena eleitoral. Pois não há garantia que os membros votem de acordo com a orientação de seus líderes, ou que evangélicos votem em evangélicos, e ainda que a identidade de "evangélico" realmente torne-se um diferencial positivo para a imagem de um candidato político. Cada uma dessas possibilidades depende de outras tantas variáveis, como por exemplo: a experiência pessoal do candidato; os vínculos políticos dos candidatos; os vínculos dos eleitores e outras variáveis inerente ao jogo político.

Ao lançarem candidatos oficiais com propostas definidas, as igrejas pentecostais racionalizaram suas práticas com base nas necessidades corporativas e construíram estratégias eleitorais visando a ampliação do espaço político da igreja. Alguns romperam com práticas sectárias em busca de alianças e tentaram minimizar a dicotomia sagrado/profano como forma de justificar as ações políticas. A decisão de lançar-se na empreitada político-partidária tem envolvido, ao longo dos últimos anos, riscos institucionais muito grandes que não seriam enfrentados sem que tivessem objetivos definidos.

Os pentecostais podem ser classificados como *outsiders*, uma vez que esse grupo social não possui coesão interna, entretanto ameaçam a posição

dos *estabelecidos*, católicos (Elias.2000)²⁰, tanto no campo religioso quanto em outros setores da sociedade.

A coesão é importante, para esta categoria porque lhe permite desenvolver o estereótipo do seu oponente. Elias se refere à *interdependência* para demonstrar que nenhum grupo é independente dentro do mundo social porque há uma busca contínua do reconhecimento por aquele grupo que se diferencia. Os pontos que se pautam nesta relação são a ameaça de perder status *-estabelecidos-* e o medo de perder a identidade *-outsiders*.

Durante o processo, o grupo tornar-se-á *estabelecido* somente quando conseguir legitimar e estigmatizar o outro grupo, mas isto só é possível através da coesão. Legitimar-se e estigmatizar são elementos constituinte das estratégias eclesiais na arena política, mas como a fronteira entre os dois grupos é pequena, resta aos pentecostais utilizar a força da identidade, e "se o grupo não tem coesão não tem identidade, fica fragilizado e mais sujeito aos efeitos dos estigmas" (Elias 1994).

As três denominações selecionadas praticam a estratégia de candidaturas oficiais, mas enquanto a IEQ mantém suas estratégias políticas orientadas por um *ethos sectário*, a IURD em determinadas regiões apoia candidatos leigos, tal como a AD em que verdadeiros caciques locais também estabelecem alianças políticas com candidatos leigos, independente da indicação da Convenção Geral. Conhecendo as estratégias das denominações pentecostais para as eleições legislativas, poderemos entender como o modo de ver e fazer política está sendo construído racionalmente.

20 As categorias estabelecidos e outsider' se definem na relação que as nega e que as constitui como identidades sociais. Os indivíduos que fazem parte de ambas estão ao mesmo tempo separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência (Elias.2000). Outsiders na Inglaterra tem o sentido de intruso. Porém no português podemos traduzir como de desviante, "de fora". O sentido de marginalizado não deve ser considerado pois possui um sentido pejorativo e estereotipado do termo.

5.2 A institucionalização política da Igreja Assembléia de Deus

Em 1985 a Convenção Geral decidiu oficializar algumas candidaturas, porém em alguns Estados o apoio foi para candidatos de outra denominação. O esforço político pós-1986 se deu pela institucionalização na qual uma reestruturação da Convenção Geral em moldes mais burocráticos tornava a projeto político melhor coordenado (Freston 1993).

A nova classe política, oriunda de candidaturas oficiais, é formada por apresentadores ou cantores e/ou pessoas detentoras de “capital familiar”; ou seja, filhos ou genros de pastores-presidentes. Estes não são membros comuns porque se apresentam *como exemplos* de membros convertidos e bem sucedidos (Freston 2000:290). Esta mesma análise é válida para a IEQ, mas não para a IURD que opta em escolher somente pastores ou bispos da igreja, independente do carisma pessoal.

Em janeiro de 2001 a AD-Ministério Belém constituiu a *Comissão de Assuntos Políticos da CGADB* para tratar especificamente da política. Esta comissão teve como presidente o Pr Ronaldo Fonseca da AD de Taguatinga-DF; Joanyr Ferreira De Oliveira (Relator); Geremias Couto (Secretário) e ainda, Lelis Washington Marinhos; Paulo Freire Costa; Hidekazu Takayama e Reginaldo de Almeida. A comissão foi criada durante a Convenção Geral, em Brasília-DF e teve como principal objetivo preparar estratégias eleitorais para as eleições de 2002.

Denominado, "*Cidadania AD-Brasil: A valorização do voto evangélico*", o projeto teve a participação dos pastores de quase todo o Brasil e também de 17 deputados que compunha a bancada assembleiana no Congresso

Nacional. O projeto foi aprovado e teve entre outras orientações a determinação de criar em cada estado brasileiro uma comissão estadual constituída de todas as convenções estaduais ligadas a CGADB²¹.

Atendendo as orientações determinadas pela comissão, no dia 19 de Setembro foi realizada outra reunião em São Paulo. Participaram os representantes das quatro convenções do Estado de São Paulo filiadas a CGADB. Nesta reunião foi constituída a diretoria da Comissão Política Estadual de São Paulo que tem como presidente o Pr Paulo Freire da Costa, residente em Campinas e membro da Comissão de Assuntos Políticos da CGADB.

"Esta comissão tem como atribuição realizar uma avaliação criteriosa das indicações de irmãos que queiram se candidatar a cargos públicos, de forma que possam representar a AD do Estado de São Paulo" (Jornal Palavra dezembro/2001).

No mesmo mês, a Comissão Política Estadual se reuniu novamente, na cidade de Santos-SP. Como reunião deliberativa, resultou na indicação de dois candidatos: para reeleição o deputado federal Neuton Lima - Indaiatuba-SP e o Pr Paulo Alves Correia Jr –Santos-SP. No dia 10 de outubro, deliberou-se mais três indicações para deputado estadual: Pr Jesiel Padilha – Presidente Prudente-SP, Marcelo Siqueira Bueno e Adilson Rossi –São Paulo-SP.

Na AD-Ministério Madureira a escolha dos candidatos sempre foi mais centralizada, sem levar em conta a vontade das igrejas da região. As lideranças regionais não participaram igualmente das decisões, mas pelo menos

21 As quatro convenções: CIADESPEL, COMADESPE COMOEXPO e CONFRADESP

chegaram a conhecer aqueles que poderiam unir toda a base da AD-Madureira e representá-la na esfera política. Tanto a AD-Belém quanto a AD-Madureira não realizaram nenhum tipo de prévia dentro da denominação para saber a opinião do eleitor assembleiano.

Segundo o Pr Rubens, genro do pastor-presidente da AD-Madureira de São Carlos, *“a escolha foi espontânea, pois havia um consenso tanto na base superior quanto na inferior”* (Entrevista.09/09/2003). Os candidatos indicados foram o Pr Bittencourt, São Caetano do Sul-SP para deputado estadual e o Pr Otávio Rogério²² para deputado federal.

O consenso, como pressuposto democrático, não é característica típica do sistema interno da AD. A decisão de participarem da vida política não é própria dos candidatos. A maneira específica de medir a grandeza daqueles que representarão os demais na esfera pública está baseada nas relações personalistas de confiança (com a liderança) que são garantidas pelo conjunto de trabalhos desenvolvidos junto aos membros.

A indicação é feita pelo pastor-presidente, Samuel Ferreira, junto com a orientação do Bispo Manuel Ferreira. Com uma centralização frágil, esta prática reproduz o sistema oligárquico, próprio da AD, e impede o desenvolvimento de um sistema no qual o critério de distribuição de poderes seja baseado na vontade coletiva e no reconhecimento da qualidade pessoal.

A liderança da igreja AD-Madureira teve uma conduta diferenciada da liderança da AD-Belém durante as eleições. Os candidatos oficiais do segundo ministério foram bastantes citados nas entrevistas com os membros, apesar desses candidatos não serem da região e não estarem tão

²² Não foi possível encontrar o Pr Otávio Rogério para esta pesquisa. Com 40.720 votos, destes 69 na cidade de São Carlos, o pastor não conseguiu se eleger pelo PDT.

presentes durante a campanha eleitoral. Porém, já eram conhecidos dos membros devido aos trabalhos desenvolvidos na igreja. Alguns são cantores, desenvolvem trabalhos sociais ou já são conhecidos pela trajetória política, como o caso do reeleito Dep. Federal Neuton Lima.

Cidadania AD-Brasil

O projeto leva em conta o potencial político que esta denominação possui. Afinal, a AD congrega a maior parte da comunidade evangélica do país e está presente em todo território nacional.

"O projeto reconhece a necessidade de estimular uma consciência de maior preocupação para com as questões sócio-políticas, incentivando uma conduta pautada na ética, no respeito ao ser humano, às instituições e, acima de tudo, nos princípios cristãos" (Projeto Cidadania AD-Brasil).

O projeto apresenta um cenário brasileiro que justifique a necessidade da igreja participar da política. Segundo a Comissão, o Brasil se encontra numa *"crise moral evidenciada principalmente na programação, quase sempre de baixo nível, da TV brasileira e demais meios de comunicação"*.

No mundo político: *" as graves denúncias demonstram a necessidade de uma mudança radical para o fim da corrupção"*.

Na relação da AD com o Estado: *"as lideranças enfrentam dificuldades no contato com as autoridades constituídas em busca de soluções, envolvendo não só os interesses da Igreja e de seus membros, mas também da comunidade"*.

Objetivo da igreja na política: *"manter a vigilância na defesa da liberdade religiosa e neutralizar enquanto evangélicos, leis nocivas que venham agredir essa Liberdade"*.

O projeto prevê uma estrutura organizacional composta pelas comissões de política nacional, convenções, ministérios estaduais e Distrito Federal ligado a CGADB. Inicialmente, dois escritórios políticos foram abertos: Brasília e Campinas, mas o propósito é ter um em cada Estado para oferecer assessoramento espiritual, técnico e político aos evangélicos que exerçam funções públicas.

As comissões políticas possuem tarefas específicas:

- fornecer estrutura de campanha para os candidatos
- assessorar o candidato eleito durante seu mandato
- veicular trabalhos da comissão por *home-page*
- promover parcerias junto aos institutos de pesquisas para o levantamento de perfis políticos
- organizar o Fórum Nacional de Políticos das AD com o objetivo de criar um ambiente permanente de debates e estudos sócio-político;
- assessorar mediante o apoio do pastor presidente de convenções ou ministérios na avaliação e indicação de candidatos
- manter o arquivo da legislação eleitoral atualizado
- promover a organização da capelania parlamentar
- promover a conscientização política dos membros

Em relação à escolha dos candidatos oficiais, o pretendente deve corresponder aos seguintes requisitos:

- ✓ ser membro da igreja há mais de três (3) anos
- ✓ dar público e notório testemunho cristão
- ✓ desfrutar de bom conceito
- ✓ exercer liderança comunitária
- ✓ conhecer a doutrina da Igreja.
- ✓ ter seu nome submetido aos pastores e outros líderes da AD
- ✓ possuir credenciamento após o cumprimento dos critérios

- ✓ assinar o Termo de Compromisso: obrigações e direitos
- ✓ não comprometer o testemunho cristão ético e moralmente

A comissão política também se preocupou em garantir os compromissos do candidato oficial através do "manual do candidato", no qual constam os pontos que o candidato da AD deverá se posicionar *intransigentemente* contra. Veja alguns desses pontos:

- ❖ prática de aborto
- ❖ legalização da união conjugal de pessoas do mesmo sexo
- ❖ corrupção de qualquer natureza
- ❖ assuntos que contrariem os princípios doutrinários

O candidato depois de eleito para algum cargo público deve se comprometer em contribuir com cinco por cento (5%) dos seus subsídios para um fundo nacional para viabilizar o projeto político da CGADB.

A disputa pelos votos entre os candidatos oficiais e locais foi muito forte porque a AD não consegue centralizar e controlar as decisões tomadas pela Convenção Geral. Os pastores locais possuem autonomia suficiente para escolher a 'melhor' aliança no período eleitoral. Os membros, por sua vez, também se sentem livres para seus vínculos pessoais, pois sempre a igreja abriu as portas para todos os candidatos.

Vamos conhecer um desses candidatos locais que fragmenta os votos da AD na cidade de São Carlos e região.

O deputado estadual, Lobbe Neto foi eleito deputado federal pelo PSDB com 114.579 votos. Formado em biomedicina pela Universidade Metodista de Piracicaba, sua carreira política começou há 20 anos como vice-prefeito de São Carlos pelo PMDB (1982-1986). Depois, cumpriu quatro mandatos como deputado estadual. Segundo Adalberto seu assessor de política

e marketing, "o deputado sempre foi muito procurado por ser uma pessoa independente de cores partidárias e de credo"(entrevista,10/03/2003).

Lobbe é católico, mas sempre está presente nos principais eventos da AD e da IEQ. Participa porque a "igreja evangélica tem o costume de convidar autoridades ao contrário da católica"(ibid).

Como normalmente tem a palavra nos eventos evangélicos, a assessoria do deputado busca orientação com a liderança evangélica em relação às terminologias que são restritas à igreja, mesmo assim na equipe do deputado há evangélicos que auxiliam na preparação do discurso à esta comunidade.

Lobbe Neto tem presença destacada no meio evangélico, não somente por ser da região, mas por apresentar uma carreira política já consolidada. Isto fica claro na fala do Pr Rubens da AD-Madureira: "*Lobbe já está com quatro mandatos, isso é importante, mesmo não sendo da igreja*", pois além do deputado provar ao eleitorado que conhece os reais problemas e demandas da região, e não somente da igreja, tem-se a garantia da continuidade da parceria. Deste modo, a atração do voto atinge tanto o eleitor pentecostal quanto seus familiares, amigos e vizinhos.

A relação entre pastor da AD e candidato local é reflexo da ausência de uma "ordem legítima" da organização. Estes pastores não sofrem nenhum tipo de represália em relação às suas decisões políticas. O vereador Pr Carlos Apolinário²³ diz que a AD nunca terá a organização do modelo da IURD "*porque não dá para tirar a autonomia e obrigar os pastores a obedecerem a decisão de um papa que não existe*"(entrevista.03/04/2003).

23 Hoje vereador e líder da bancada do PGT de São Paulo. Em 2002 dois políticos pentecostais disputaram o cargo de governador do Estado: Lamartine Posela, pelo PMDB e Carlos Apolinário. Este, ex-deputado estadual e federal, teve uma coligação de micro-partidos. Adotou o slogan "São Paulo nas mãos de Deus", tentando repetir o sucesso de Francisco Rossi nas eleições de 1994 com sua conhecida canção "segura nas mãos de Deus e vai...".Perdeu no segundo turno para Mario Covas(Campos.2000:7).

A determinação da AD-Madureira é de apoiar o candidato oficial, mas não foi o que se encontrou durante o trabalho de campo. O candidato Lobbe Neto e a candidata à reeleição para deputada estadual Edir Sales²⁴ do Partido Liberal foram os candidatos apoiados pela liderança da AD-Madureira, e parcialmente, pela AD-Belém.

Como “o voto corporativo não é automático, é uma relação construída” (Freston 1993:99), verificamos que tanto o eleitor pentecostal da AD quanto seu pastor são influenciados por fatores internos e externos ao campo religioso. Por conhecerem seus verdadeiros problemas, analisam qual seria o tipo ideal de político que poderia solucioná-los. Os candidatos não oficiais, no caso Lobbe Neto e Edir Sales, sempre estão presentes na igreja, é natural que os membros os associem como possíveis representantes de suas demandas não religiosas e até religiosas. De fato, houve interação social suficiente, antes das eleições, para se estabelecer *afinidades eletivas*, assim no momento eleitoral, os pedidos de votos não precisam ser tão racionalizados por estes candidatos quanto pelos candidatos oficiais: “*Não precisa nem pedir, eles dão de forma espontânea*” (Pr Rubens.AD-Madureira.Entrev.09/09/2003).

Esta fala nos remete à duas visões distintas. Enquanto para Schumpeter (1984) o *debate político* ocorre com o eleitor somente em período eleitoral, para Habermas (1982) o *debate* ocorre o tempo todo. Ou seja, as pessoas criam áreas de conceito do que é e não é permitido, e justificam -com um fundo verdadeiro- a *ação social*. Em Habermas, a *opinião pública* é equivalente à *verdade* porque deriva de um debate crítico entre os indivíduos. Entretanto, seus críticos rebatem dizendo que essa *opinião pública* é fruto da

24 A deputada estadual não conseguiu ser reeleita. Não é membro da AD. Converteu-se ao pentecostalismo há quatro anos. Hoje é membro da Igreja Porta da Paz, localizada em Itaquaquecetuba sua segunda área eleitoral. Em campanhas eleitorais, diz não gostar de ser identificada como

demagogia e da linguagem de sedução da publicidade, não equivalendo à verdade.

O fato é que no mundo cotidiano os indivíduos podem decodificar os discursos políticos e criticá-los em ambientes desvinculados ao Estado e à Igreja. Apesar do “controle” das informações (por parte da imprensa, pois a comunicação distorcida acarreta uma série de problemas) nós conseguimos, através da comunicação e do uso dos espaços públicos, dar outra direção às informações, pois fazemos uma “leitura negociada”.

Esses candidatos leigos possuem algumas características que os identificam com os eleitores pentecostais, além de não serem caracterizados como o *outro*, também são vistos como portadores da esperança de mudança. Esse atributo da capacidade efetiva de mudanças é adquirido através da frequente presença na igreja e da sua proximidade com o pastor.

Na visão dos pastores, a fragmentação dos votos ocorre porque "os membros ainda não perceberam que possuem capacidade de elegerem seus próprios representantes" e também não observam que “alguns direitos da igreja não são atendidos porque não tem um representante que possa reivindicá-los”.

A pesquisa realizada em São Carlos, durante as eleições municipais de 2000²⁵ demonstrou que a militância política não é consensual nem mesmo dentro da própria denominação. Esta situação se evidenciou no caso em que a igreja que não se sentia representada pelo seu candidato. Então, mesmo que o líder desse seu apoio ao candidato, não quer dizer que os membros fariam o mesmo. Alguns membros apresentavam opiniões diferentes

evangélica: “essa nomeação me deixa limitada”. Prefere ser identificada como “serva de Deus”.

25 Ver monografia: Bandini, Claudirene. Religião e Política: Candidatos Evangélicos nas eleições de 2000 no município de São Carlos; UFSCar. 2001. Orient. Prof.Dr.Paul C. Freston.

do seu líder e visavam o benefício de toda a sociedade e não somente de seu segmento (Bandini 2001:61).

A AD-Madureira está se organizando para convencer seus fiéis da necessidade da participação ativa na vida política. Embora, tente reproduzir o modelo da IURD, é pouco provável que consiga o mesmo sucesso dela devido à existência dos caciques locais oriundos da fraca centralização desta denominação tão extensa. Mesmo assim, a AD está se estruturando para as próximas eleições municipais.

"Para 2004, quem quiser sair como candidato terá toda liberdade como cidadão que é direito assegurado pela Constituição. Mas apoiado pela convenção e pela igreja será apenas um candidato dentro do município"(Pr Rubens.entrev.09/09/2003).²⁶

O modelo corporativo já havia sido aplicado na AD na década de 80, mas ficou um tanto abandonado devido ao envolvimento de alguns representantes desta denominação em práticas fisiológicas e anti-éticas. Mas, o sucesso eleitoral da IURD fez com que a AD e IEQ reconhecessem sua hegemonia na política entre os evangélicos. A prática iurdiana que consiste em colar cartazes, pintar os muros, grudar 'profetinhos' na capa de suas bíblias e de distribuí-los para amigos e parentes, tenta ser imitada por essas denominações.

Para se chegar a esse resultado, a liderança deverá desenvolver em seus membros um novo significado do voto; ou seja, atribuir-lhe um valor a mais além do dever cívico, pois para o eleitor da Igreja Universal, votar não é

26 Nas eleições de 2000 em São Carlos, havia sete candidatos da AD, cinco do Ministério Madureira e dois do Ministério Belém. Nenhum deles era pastor e nenhum foi eleito devido a fragmentação dos votos.

somente um dever de cidadão é a expressão de sua identificação com a igreja, que esta acima de qualquer partido político.

Para alguns autores, a instrumentalização da instituição religiosa, favorece a continuidade do nosso sistema eleitoral, pois “estimula a ausência de compromissos, solidariedade, disciplina e coesão partidária dos políticos” (Mainwaring 1991:43).

5.2 O *ethos político* da Igreja do Evangelho Quadrangular

A IEQ também tem usado o modelo corporativo de candidaturas oficiais nas eleições nacionais. Porém sua atuação não é tão forte no país todo como a AD (Freston 2000:296).

A IEQ possui uma estrutura de coordenação política que coordena estrategicamente a implantação de normas e apoio a candidatos oficiais. Cada comissão desempenha determinadas funções, tais como: nomeação; fiscalização de trabalhos; recebimento de relatórios; cobrança dos candidatos no sentido de fidelidade aos princípios bíblicos, éticos e doutrinários durante a eleição e depois de eleito; conscientização do ministério das responsabilidades de cada um e da importância da união. A cúpula da denominação está totalmente envolvido neste projeto político e a maneira de trabalhar a política é muito sectária.

"Temos números mais que suficientes para confirmar nas urnas, todos os nossos representantes no Brasil" (Pr Mario de Oliveira).

Com esta convocação, a CONAPIEQ dá continuidade ao projeto político da igreja denominado, *Cidadania Quadrangular*.

"A Igreja pretende fortalecer-se em todos os segmentos da sociedade e se preparar para cumprir a sua missão de resgatar almas para Jesus e implantar o Reino de Deus" (CONAPIEQ.2002).

O projeto político da Quadrangular começou com a escolha dos candidatos, pelo pastor presidente no ano de 2000. Desde então, as igrejas desenvolvem os trabalhos *"Um Só Coração"* e o *"Voto com Fé e Consciência"*

que consiste, respectivamente, na abertura das igrejas aos políticos oficiais e na fundamentação bíblica dos motivos para se votar nos candidatos compromissados com a igreja.

“A cadeira é da igreja e não do deputado” (Pr Zezinho Entrevi.07/09/02). Como demonstra a fala do coordenador regional de ação política, o vínculo entre candidato e igreja é tão forte que a instituição prevalece sobre o indivíduo. O mesmo ocorre com a IURD, em que o pastor eleito também não é dono do seu próprio mandato. Ou seja, o “político deve seguir as orientações da igreja nas questões interessantes a ela” (Oro 2002:11).

O problema da linguagem está sendo enfrentado na AD e IEQ porque maior parte da liderança não consegue formular idéias políticas em linguagem religiosa. Seus fiéis são tradicionalmente de uma cultura religiosa que procuram a igreja para aprenderem os ensinamentos do evangelho. Assim, quando os pastores falam dos problemas sociais, dos direitos dos pobres e das lutas de reivindicação pelo cumprimento destes direitos, sem articular explicitamente a ligação entre o mundo religioso, estes fiéis se sentem enganados porque procuraram a igreja para orar e ouvir a palavra de Deus.

Alterar esta mentalidade é o maior desafio para a liderança das igrejas pentecostais, pois os membros, muitas vezes nem percebem as implicações políticas do cristianismo²⁷ ao longo do processo histórico. Os líderes, raramente utilizam uma linguagem secularizada no ambiente religioso pois poderia surgir problemas de comunicação, e por certo, instalaria um clima de conflito dentro da igreja. Desta forma, "a concepção liberal de cidadão autônomo, que vota conscientemente, é contornada na prática pelo *ethus*

sectário" (Freston 1994:115). Em suma, o único caminho utilizado pela liderança em termos de conscientização política dos seus membros é orientá-los a praticarem a “responsabilidade cristã”, isto é viverem aquilo que se prega na igreja.

A revista *Cidadania Crista*, produzida pela Coordenadoria Estadual de Escola Bíblica Dominical de Minas Gerais, produziu a edição especial: *Por uma Igreja de Cidadãos Conscientes e Atuantes na Sociedade*. Contendo 11 lições, esta edição especial foi distribuída para os líderes em todo o país. Apresenta vários temas sociais com dicas de reflexão sobre a missão da igreja na sociedade e nas instituições públicas.

As igrejas cristãs sempre tiveram relações com o Estado e, portanto com a política. No tocante a missão da sua igreja no governo, a liderança da Quadrangular questiona seus fiéis sobre a garantia dos direitos individuais, "já que não estão presentes no Estado os homens e mulheres portadoras da visão do Reino de Deus". Assim, o projeto demonstra a importância da escolha dos seus candidatos para cargos políticos e o risco que a igreja corre se não forem enviados homens que façam a diferença no meio político.

O projeto *Cidadania Quadrangular* visa atingir as lideranças da denominação e através deles chegar aos fiéis.

A CONAPIEQ produziu para a liderança da IEQ uma cartilha de orientação sobre os temas que a igreja se posiciona a favor e contra. O objetivo da cartilha é evitar erros e desencontros entre as lideranças. Nessa cartilha a IEQ se posiciona contra:

27"O problema de fundo é a idéia de que o ser humano é formado de duas coisas separadas e distintas: o corpo e a alma. Desta forma o corpo é visto como adversário que deve ser combatido pela parte espiritual. Por isso o ser humano deve concentrar-se na salvação da alma e esquecer as

- *Divórcio sem fundamento*
- *Casamento de pessoas do mesmo sexo e homossexualismo*
- *Aborto*
- *Imposição do controle da natalidade e esterilização*
- *Pena de morte*
- *Exploração de menores*
- *Legalização da profissão de prostitutas*
- *Corrupção e impunidade.*
- *Fechamento de igrejas e prisão de pastores {referindo-se a Lei do Silêncio}*

Em uma das reuniões dos coordenadores políticos com a liderança de São Carlos, Pr José Francisco, coordenador estadual de Ação Política, fez a pregação se referindo à leitura do Apocalipse 12 que aborda o tema é da guerra espiritual, na qual o pastor fez a analogia da mulher do texto bíblico com a figura da igreja e o filho dela com o membro da igreja. Como no texto o diabo sabe que a mulher é frutífera, assim como a igreja também tem o poder de frutificar, a interpretação seguiu a linha de que a mídia, especialmente a revista *Veja*, deve ser visto como a figura do dragão, pois "a mídia quer destruir o povo evangélico".

Através dessa leitura, o coordenador estadual de política, realiza seu trabalho com a liderança sob o fundamento de que "o diabo evoluiu e que a igreja tem que evoluir também, pois se inicia o tempo de guerra espiritual".

“Nós vamos mostrar que o dragão não está comendo nossos filhos. Valorizem aquilo que é nosso. Incentivem a escrever nos muros dos irmãos os nomes dos nossos candidatos. Colem as fotos deles nas igrejas. Coloquem faixas nas igrejas porque se gasta muito nas campanhas e os nossos candidatos não fazem trocas. A igreja é que faz a campanha deles” (Pr José Francisco.07/09/2002).

“Falem dos candidatos. Não tenham medo de falar. Use aquilo que se está estudando para colocar a participação deles. Agora, nós precisamos começar a falar deste assunto no altar” (Pastor-superintendente Henrique.07/09/2002).

Pr Eduardo, presidente do Conselho de Ética e Disciplina e diretor local de Ação Política, também teve a fala na reunião.

“A atuação da cidadania será no dia 06 de outubro. Cada pastor será obrigado a dar seu apoio ao Projeto Cidadania. Esta é uma ordem do presidente da IEQ, pois ele não quer que os pastores Jefferson e Agnello sejam traídos pelos fiéis. (...) pessoal, não seja um Judas, seja fiel à igreja. Se o fiel não quer que se fale em política no púlpito, ele não é fiel a Deus. Utilize Deuteronômio (cap.17,15). A Bíblia diz: escolhei seu irmão. Não porás sobre ti um estranho. A igreja é que vai sentar na cadeira da Assembléia”.

Para alguns, a sociedade brasileira está longe de desenvolver os valores de cidadania como um tipo de identidade que proceda, "independente, de qual for o enraizamento social dos indivíduos" (Teixeira 2002:54).

As democracias participativas modernas explicitam, durante os processos eleitorais, as invasões na experiência cotidiana dos eleitores através de diferentes recursos convocatórios. Há uma luta acirrada pela obtenção de distinção, deferência e prestígio pelos candidatos oficiais e sua liderança com vistas ao sucesso eleitoral.

Antes de qualquer coisa, o cidadão deve ser igual, livre e autônomo. Portador de direitos e deveres, através do voto secreto, o eleitor escolhe entre os candidatos àquele que melhor representa seus interesses. "A própria adoção da cabine eleitoral seria a projeção da liberação dos vínculos sociais" (Teixeira 2002:53). Nas democracias modernas, "o voto seria a forma do cidadão participar, fazendo valer os seus interesses nas tomadas de decisões coletivas" (Boobio 1987). A concepção de voto se constituiria em uma ação isolada intencional, uma escolha objetiva a ser realizada em função dos meios disponíveis -dos candidatos- e os fins desejados.

A estratégia de lançar candidatos oficiais nega ao eleitor pentecostal o direito de existir enquanto um sujeito social singular, de buscar ser reconhecido com base em sua condição de pessoa e não de elementos de identificação. Não deve o eleitor se anular devido ao seu pertencimento a um grupo específico, pois estaria entrando num processo de alienação. Nesta perspectiva, a alienação adquire um significado distinto ao cunhado na tradição marxista, pois se refere ao *“não-reconhecimento do manejo individual das condições pessoais, sociais, econômicas ou políticas envolvidas no processo de construção do sujeito histórico”* (Teixeira 2002:55).

Aqui a instrumentalização dos indivíduos se dá pela imposição dos elementos de pertencimentos sociais como necessários e “naturais” e não pela sua negação. O eleitor pentecostal se aliena da política, não em termos de prática, mas por aqueles politicamente melhor posicionados (líderes) com legitimidade e poder de definir as legítimas relações identitárias (candidatos oficiais).

O manejo do pertencimento tem se apresentado como elemento crucial nas estratégias eleitorais das denominações pentecostais. Isso se deve à característica típica das democracias que privilegiam em períodos eleitorais tais relações, pois seus eleitores, normalmente são aqueles mobilizados apenas nessas oportunidades.

Os projetos políticos destas denominações pentecostais não prometem mudanças econômicas. Mas a ampliação da cidadania religiosa. A igreja é uma instituição que sempre forneceu identidade, seja no liberalismo de 1830 seja no catolicismo de 1930. Essa (re)significação do passado pode ser evidenciada nas idéias de Bastian (1995) por meio do seu sonho de liberdade

democrática com os protestantes do século XIX e em Gutierrez com a utopia de Tomas More na Teologia da Libertação.

Nesta perspectiva, tanto a AD quanto IEQ usam a palavra cidadania em seus projetos políticos corporativos como tentativa de romper com o crescente processo de *destraditionalização da religião* (Mallimaci 1995) e com *desinstitucionalização* da identidade religiosa (Siqueira 1999).

O termo cidadania objetiva reafirmar a identidade religiosa que está paulatinamente substituída pela identidade *flexível-flutuante* (Hervieu-Léger 1993) resultante do transito religioso.

O cidadão, nos moldes destes projetos políticos, tanto reafirma seu sentimento de pertença como se diferencia dos tais clientes ou consumidores religiosos disputados no mercado religioso. Tais projetos buscam de reforçar a dimensão institucional através de uma consciência coletiva, contrapondo-se à concepção reinante das novas religiosidades que consiste na existência do divino dentro de cada um de nós, basta desenvolvê-lo.

Em suma, estamos presenciando um conflito sociológico entre indivíduo-sociedade, expresso nas palavras de Siqueira (1999): "*por um lado o consentimento individual e por outro, questões religiosas, bondade, referências históricas, comunidade político-moral*".

Estes projetos políticos expressam a preocupação democrática da igualdade de direitos. Buscam sob o lema de que todos têm direitos alterar o quadro social, ainda que os mesmos não funcionem completamente porque alguns têm mais poder que outros. Porém o objetivo não é eliminar as diferenças sociais e culturais. Ao contrário, incorporam forças e valores que julgam somente eles possuírem. Desenvolvem uma cultura de resistência que

reproduz (sem saber) a ideologia dominante. Neste sentido, Corten (2001) define o pentecostalismo como o "*novo ópio do povo*". Tal definição não deriva somente da reprodução da estrutura dominante, mas leva-se em conta a análise sociológica da organização pentecostal, que nos faz lembrar a expressão utilizada por Marx "da emoção em um mundo sem emoção".

5.4 *Carisma institucional: instrumento político da Igreja Universal do Reino de Deus*

A liderança da IURD é compartilhada entre seus fundadores, Edir Macedo e Carlos Alberto Rodrigues líder político da Igreja. Também fazem parte da cúpula os bispos Romualdo Ribeiro, responsável pelas questões espirituais, e Marcelo Crivella, senador eleito via mídia iurdiana, pelo Rio de Janeiro. Sua imagem se tornou pública através do projeto *Nova Canaã* do nordeste.

O carro-chefe das primeiras notícias sobre os evangélicos na mídia foi a *bancada evangélica* na Constituinte. "A imagem veiculada era de fisiologismo, conservadorismo e despreparo para a vida política" (Freston 1993:3). Na imprensa era comum o uso de termo seita para se referir à igreja e uso de aspas no título de bispo (ibid).

A liderança da IURD percebeu alto potencial de um eleitorado que se apresentava já cansado da política. "Mesmo aqueles pentecostais, que tem por hábito votar no candidato indicado pelo pastor já estavam se tornando mais exigentes quanto aos compromissos morais de seus candidatos" (Campos 2002).

A estrutura iurdiana produz o candidato que "obedece ao carisma, acredita no profeta e, por isso, o segue e vive por sua obra" (Weber 1991), assim, seu mandato político é visto como ministério pastoral. A Assembléia e o gabinete do deputado são vistos como púlpito, no qual deve-se dar o testemunho de fé.

Embora a carreira política possa proporcionar poder econômico, o eleitor iurdiano vota confiante em seu candidato oficial porque acredita que seu

pastor, legitimado pela igreja e reconhecido por ela como uma pessoa que busca somente a salvação de sua alma e dos outros, não irá oferecer nenhum mal à política. Os candidatos são apresentados e divulgados durante o culto pelo próprio pastor da igreja. Ou seja, o discurso é realizado no local e por alguém que legitima a "diferença" dos *outros*.

"A articulação da Igreja se dá entre o seu império midiático e suporte político e financeiro" (Freston 2000:297). Devido à articulação racionalizada e autonomia para tal, a Universal "alterou sua fundamentação teológica da obediência à autoridade nas eleições de 2002 quando realizou sua mudança de posição ideológica" (Fonseca 2002).

Nas eleições presidenciais de 1989 e 1994, a IURD fez intensa campanha contra o Lula, principalmente através da *Folha Universal* (FU) com acusações e atributos negativos referentes ao candidato e para intensificar sua postura a "igreja criou a ideologia da construção da unidade da *Igreja de Cristo*" (Campos 2002).

A partir de 1995 a Igreja começa a assumir uma postura mais de centro-esquerda. Em 1998 altera profundamente sua forma de fazer política. Não apoiou nenhum candidato a cargo executivo e concentrou seus esforços em quase 70 candidatos a deputado, destes 44 foram eleitos em 17 estados (Fonseca 2002:135).

Em 2001, surgem os primeiros sinais de uma possível aliança com o PT para as eleições de 2002²⁸: "A aliança PT-PL apresentou resistências de ambos os lados, pois a igreja preferia apoiar Garotinho, mas imperou o pensamento pragmático do líder Rodrigues" (Fonseca 2002:148).

Para a campanha, os candidatos procuram partidos menores que não exigem muito de seus políticos e, depois de eleitos, procuram os maiores em busca de vantagens individuais deixando o bloco PL-PSL para as questões institucionais (Fonseca 2002).

Nas eleições de 2000, Rodrigues preparou uma cartilha para os pastores candidatos às eleições municipais. Com o título "*CONSTRUINDO A CIDADANIA À LUZ DA PALAVRA DE DEUS*", Rodrigues explica que, apesar da palavra política não aparecer nenhuma vez na Bíblia, "*Deus fez política quando gastou uma boa parte do Antigo Testamento ensinando o seu povo a conquistar territórios e a governá-los*". A partir de personagens como *Moisés* e *José*, Rodrigues afirma que o cristão tem tudo para ser um bom político por possuir uma formação moral, ética e espiritual. O cristão não pode fugir de sua responsabilidade de melhor servir à sociedade. Quando um cristão se dedica à política ele está obedecendo ao chamado de Deus, pois são "*escolhidos de Deus*".

A coleção "*Fé para Mudar*" é um conjunto de artigos de Rodrigues publicados na FU divididos em dois textos, "*A Igreja e a Política*" e "*A Igreja e o Social*".

Em relação à necessidade dos meios de comunicação, Rodrigues diz: "*(...) há dois mil anos, Cristo já havia descoberto o milagre divino da comunicação de massa*". Critica a postura da bancada evangélica: "*atuam separados e isoladamente atendendo aos interesses das suas pequenas comunidades em suas simplórias reivindicações (...) não oram juntos, não se falam, não se reúnem e pasmem, não fiscalizam as leis feitas para prejudicar a*

28 Em relação ao apoio da IURD ao candidato Lula, foi algo que permaneceu entre a liderança política. Pois, durante os cultos quando se falava da política em nenhum momento o pastor se referiu ao Lula. Os membros por sua vez, apoiaram Garotinho e muitos nem sabiam do apoio da

causa evangélica". Para Rodrigues, os protestantes deixaram a causa de Lutero e Calvino: "agora são extensões do papismo. Caminham juntos com os mesmos ideais".

Suas críticas referem ao modo (dos outros) de fazer política e diz que sua igreja é "imune às calúnias da imprensa, dos católicos e de outros poderosos". Em geral, os textos apresentam um cenário de guerra pelo poder que envolve preconceito, prestígio e privilégio.

Os representantes políticos são apresentados como exemplos de disciplina e por isso a necessidade de tanta fiscalização sobre seu mandato e postura pessoal. Esses são portadores legítimos das qualidades destacadas de um *tipo ideal* de político que possuem: *paixão* (sentido de objetividade, dedicação a uma causa, força de personalidade política); *senso de responsabilidade* (normalmente, os pastores são 'ex-vítimas' da realidade e provaram saber usar o 'poder' para uma finalidade substantiva) e *senso de proporções* (ética absoluta). Todas as tarefas políticas a Universal tem explorado à maneira cristã, por meio de um discurso político-religioso a necessidade da ética ao fazer política.

Como nas outras anteriores, na Universal também não há nenhum tipo de prévia eleitoral ou de consultas às bases. A estratégia eleitoral se resume em dividir os votos dos templos entre os candidatos oficiais. Cada região trabalha para atingir o número de votos necessários para o candidato indicado e fecham-se as portas para qualquer outro.

Em São Carlos, coube a cada membro conseguir 21 votos, além do seu para os candidatos da igreja. Os membros participam de mutirões para

distribuição de propaganda eleitoral e protegem a igreja da aproximação de materiais de outros candidatos. Durante as campanhas também são realizados grandes encontros religiosos, assim como na IEQ, aonde os candidatos se apresentam, pregam e fazem o discurso político. Nestes encontros, normalmente comparecem os pastores-presidentes e bispos. Estes encontros são verdadeiras festas de confraternização. Um destes eventos da IEQ, realizado no ginásio de esportes na cidade de Araraquara, estava presente o cantor sertanejo Dalvan, que desde a conversão, participa dos eventos da Igreja ao lado dos candidatos. Na IURD, os grandes encontros da Associação Beneficente Cristã (ABC) também assumem a função de estratégia eleitoral.

Enquanto "empresa burocrática de salvação" (Bourdieu 1987:40)²⁹, os líderes eclesiais reproduzem as obrigações articuladas pela instituição em busca do monopólio do poder religioso.

A prática de candidaturas oficiais demonstra “uma relação de complementaridade entre carisma institucional e trajetória das qualidades pessoais dos candidatos” (Freston 2000:299). Em estudo sobre o perfil predominante dos deputados federais da IURD, Freston demonstra que os candidatos indicados pela igreja são, normalmente pastores que atuam na mídia, não são recém-chegados nem totalmente desconhecidos dos fiéis eleitores. Porém, o sucesso na votação se deve, sobretudo ao fato desses candidatos serem indicados pela Igreja e legitimados a falar em sua defesa. Afinal, a postura de instituição perseguida pelos políticos incrédulos é o tempo todo cultivado dentro da igreja. Histórias de que igrejas serão fechadas, dizimos serão taxados, pastores acabarão presos e homossexuais terão que ser

aceitos sem contestação nas comunidades cristãs são ouvidas com muita frequência entre os membros pentecostais.

Todos os candidatos evangélicos alegam defender suas igrejas de leis “anti-crente” tais como a Lei do Silêncio -que prevê que o som entre as 10 horas da noite e 7 da manhã não ultrapasse 55 decibéis. Os candidatos alegam que esta lei é uma perseguição contra o crescimento dos evangélicos. O mais polêmico é o Projeto de Lei que prevê a união entre pessoas do mesmo sexo: "contraria o princípio da família, que é o laboratório responsável pela incursão do caráter no indivíduo" (*Tabernáculo/Setembro2002*).

O jornal, *Tabernáculo* apresenta vários projetos que estão em tramitação na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. A divulgação desses projetos tem o propósito de justificar a necessidade dos pastores de atuarem nas esferas públicas. Há projetos de isenção de taxa de incêndio nas igrejas e templos de qualquer culto; de isenção de ICMS e IPVA na compra de automóveis novos por igrejas e templos de qualquer credo; de proibição da cobrança do ICMS nas contas de gás de igrejas. São projetos defendidos por alguns pastores como necessários para ajudarem as igrejas nas obras sociais. O jornal enfatiza que estes pastores têm se destacado nas reprovações de projetos que "desencadeariam uma verdadeira perseguição ao povo de Deus". E conclui: "para fazer a diferença, os políticos devem buscar o conhecimento das reais necessidades da população e ter um projeto ético-político sério e limpo". Ressalta que os cristãos não devem votar em um candidato só por ser evangélico, mas "analisar sua vida, seu testemunho e,

29Características burocráticas da Igreja: delimitação explícita das áreas de competência; hierarquização regulamentada das funções; racionalização correlata das remunerações, “nomeações”, “promoções” e das “carreiras”; codificação das regras profissionais e extraprofissionais; racionalização dos instrumentos de trabalho tipo dogma , liturgia e da formação profissional Bourdieu, 1987:60).

principalmente, seus ideais políticos e como tem conduzido sua campanha" (ibid).

A pesquisa *Novo Nascimento* realizada pelo ISER em 1998, apontou que os membros da IURD concentram seus votos no candidato oficial, chegando a 95% do total. "A liderança não pode contar com 100% dos votos da igreja. Pois o eleitorado é capaz de separar o campo político do religioso" (Freston 2000:298). Para Freston, a AD nunca mobilizou mais do que 40% do seu potencial de voto. Na IURD tem crescido o número de eleitores da igreja que continuam votando nos partidos de esquerda. Além disso, há um "constante fluxo de novos membros nesta denominação com pouco tempo para assimilar as normas da igreja". Desta forma, Freston acredita que a IURD concentra cerca de 70% do seu potencial, atingindo seus objetivos através de parentes e amigos de seus fiéis eleitores.

Para Fonseca, a estratégia eclesiástica da IURD contribui com a democracia quando controla e fiscaliza o mandato de seu parlamentar. Para isso, o Conselho de Bispos da Igreja avalia formalmente os políticos através de dossiês com informações sobre os discursos do parlamentar, sua frequência e votações. Dependendo do resultado desta avaliação, a Igreja decide se o político deverá continuar ou não (Fonseca 2002:161). Porém, o autor ressalta que a metodologia empregada rompe com uma das principais características da democracia ao impossibilitar que os próprios membros escolham seus representantes políticos, pois estes foram indicados por uma liderança autoritária que estabelece os meios e os merecedores da representatividade política. É imprescindível que liderança comprove o desempenho do representante, pois "para que a vitória na competição eleitoral seja garantida as

demandas da base eleitoral não podem ser desconsideradas" (Fonseca 2002:162).

O eleitor está cada vez mais atento ao novo contexto político do país. A cada eleição, constata-se um aumento do eleitorado e da oferta partidária. Com isso, encontra-se um maior número de candidatos por cargos políticos³⁰ gerando uma maior concorrência dos horários eleitores e dos materiais de campanha. Neste contexto, não há como o eleitor não sofrer influencia em sua neutralidade política.

Teóricos da Ciência Política como Pareto, Mosca e Michel desmistificam o poder das massas quando demonstram a permanência da elite no poder devido sua intensa capacidade de organização e de coesão de pensamento e conduta. E desta forma, "os líderes nunca saem da massa e sim de um grupo liderante" (Grynszpan 1996), pois em todas as esferas sociais há o domínio de uma minoria, seja uma elite econômica seja elite religiosa.

Se houve o desaparecimento das oligarquias, isto se deve às instituições representativas como o sistema proporcional, pluripartidário e voto obrigatório. O eleitor evangélico participa de toda essa trajetória recebendo influencias da mídia e discutindo no seu cotidiano qual seria o tipo do político ideal. Nesta perspectiva, não somente as igrejas pentecostais, mas nenhuma outra instituição deve subestimar o eleitor seja evangélico ou não.

A democracia tem uma elite aberta em constante luta e renovação e mesmo que possua, nas idéias de Grynszpan "uma massa incompetente, desinteressada, amorfa e que por isso necessita de divisão de trabalho e da especialização", a democracia permite insurgências de alguns indivíduos ou

30 O número de votos válidos tem aumentado no Brasil a cada eleição. Em 2002 o número de candidatos por cargos políticos foi de 9 candidatos para cada representação. Até as últimas eleições, o número ficava na casa de 3,5 candidato por vaga (Santos.Anpocs.2002)

grupos da massa, como é o caso das igrejas que pesquisamos. Entretanto, este grupo terá que enfrentar o obstáculo da burocratização, que tenta superar a estrutura hierárquica típica destas instituições religiosas, para ter suas reivindicações atendidas e, sobretudo para não perder o poder já conquistado na esfera pública. Para isso, a liderança terá que ponderar sobre os limites entre razão e paixão, já que estamos lidando com instituições religiosas que acima de tudo são portadoras de valores, crenças e doadoras de sentido.

A teoria elitista, como uma das estruturas de poder, nos faz pensar na concorrência e divisão entre líderes pentecostais pelos os próprios interesses e não pelos interesses da população mais geral. Pois, podemos observar que os pentecostais estão produzindo uma matriz comportamental diferenciada da que se tem até o presente. Mas, ao mesmo tempo em que se apresentam como 'diferentes' dos outros buscam igualdade de condições e de tratamento. Por isso, alguns autores afirmam que os pentecostais não estão politizados, mas que somente estariam instrumentalizando a religião. Tal argumento leva em conta três ações racionais do grupo pentecostal: a construção da matriz comportamental, a idolatria pelas massas e a coesão de pensamento que serviriam como 'chamariz' para aqueles que não compartilham da mesma fé, mas que lhes dariam apoio, simplesmente, por ver neste grupo um comportamento diferenciado pelo discurso.

CAPÍTULO VI

6. ESTRATÉGIA ELEITORAL DOS CANDIDATOS PENTECOSTAIS & RECEPÇÃO DO ELEITOR PENTECOSTAL

6.1 Trajetórias político-religiosas dos candidatos oficiais

Observamos nesta pesquisa três tipos diferentes de manejo da *identidade pentecostal*. O primeiro é o político que se identifica e utiliza a imagem de "defensor" dos pentecostais no tocante à perseguição, são efetivamente os oficiais da igreja. Neste grupo se encaixam os políticos da IEQ, da IURD e alguns da AD. O segundo tipo de estratégia é a do político pentecostal que não utiliza a identidade de evangélico por essa ser estereotipada fazendo com que os ganhos sejam menores que os custos. O terceiro tipo de estratégia é aquela em que político pentecostal se posiciona à margem desta identidade religiosa, ora suas reivindicações são para toda sociedade ora direcionadas especificamente às pessoas de sua categoria religiosa. No terceiro manejo incluem o Deputado Federal Neuton Lima da AD, o vereador paulistano Carlos Alberto Bezerra Jr. membro da Igreja Comunidade da Graça e a ex-deputada estadual Edir Sales da Igreja Pentecostal Porta da Paz. Os dois últimos políticos, embora não sejam membros das igrejas selecionadas para esta pesquisa, suas proximidades com as igrejas selecionadas para esta pesquisa tornam-se relevantes para a melhor compreensão do contexto.

Um elemento comum nas entrevistas com os deputados era a preocupação de expressar uma representatividade mais geral e, não especificamente à comunidade evangélica. Alguns candidatos, principalmente os da AD e da IEQ demonstraram um certo interesse em ganhar apoio além dos campos de suas denominações. Porém, em nenhum momento cogitou-se a idéia de amenizar a identidade religiosa, uma vez que esta coincide com a identidade individual do candidato.

6.2 *Sob a confiança divina: Igreja Assembléia de Deus*

Começaremos apresentando a trajetória político-religiosa dos candidatos oficiais a deputado estadual da AD-Ministério Madureira³¹. Em seguida conheceremos o candidato AD-Ministério Belém.

Pastor Bittencourt nasceu em Tobias Barreto, Sergipe. O pai como agropecuarista permitiu que a família tivesse boas condições de vida. Aos 17 anos migrou para São Paulo, onde desenvolveu a carreira vocacional no seminário. Fez o bacharelado em Teologia e depois em Ciências Jurídicas e Sociais. Coursou Direito nas Faculdades Integradas de Guarulhos e pós-graduação em Direito Constitucional pela Universidade São Francisco de Bragança Paulista. Como advogado, constituiu a Sociedade de Advogados de São Caetano do Sul, onde está localizado seu escritório. Atualmente, além de pastor (e deputado estadual), leciona no Instituto Teológico de Ensino Superior que atende vários segmentos evangélicos na formação de novos obreiros para o serviço sacerdotal.

"Sempre fui sacerdote da AD-Madureira".³² O emprego do termo sacerdote, normalmente, é mais utilizado quando se refere à liderança da IC. Não é comum ouvir este termo referindo aos pastores evangélicos. Uma explicação poderia ser a tentativa de minimizar o estigma do termo "pastor evangélico" na esfera pública.

Deputado estadual, eleito pelo PGT com 35.754 votos, afirma ser representante oficial da Igreja AD-Madureira, mas ressalva que também é parlamentar do povo paulista e paulistano: *"claro que minha base é a igreja,*

31 Todas as citações adiante referem-se a entrevista com o Pr Bittencourt que foi realizada em seu gabinete no dia 04/04/2003, no prédio da Alesp.2ºandar.sala 2017

mas eu não posso me furtar ao dever de representar os outros segmentos da sociedade". O vínculo com a igreja vai muito além da função de pastor, pois também é deputado; presidente do Instituto Teológico Betel do ABC; diretor da Comissão Jurídica da CONAMAD; suplente de Mesa da Diretoria da CONAMAD; segundo secretário da CORMESP e consultor bíblico e jurídico do CNPB. Um representante na esfera pública com tal perfil sugere mais segurança para a igreja: *"qualquer entidade que tenha seus direitos usurpados, tem que ter seu representante para insurgir"*.

"Sou sacerdote, mas estou deputado. Pois sou sacerdote por vocação e chamada divina". Na perspectiva weberiana, quando o protestante legitimou o Estado como instituição divina, ao mesmo tempo legitimou o autoritarismo e o uso da violência. Lutero isentou o indivíduo da responsabilidade ética pela guerra transferindo-a para as autoridades. Por isso, não é pecado obedecer às autoridades fora dos assuntos de fé (Weber.1983).

O sentido de vocação está diretamente ligado ao *domínio carismático*. "Sacerdote por vocação" subentende-se uma total *dedicação* daquele que obedece ao carisma, ao "chamado divino". Remetendo-nos a Weber, uma pessoa que busca salvar a própria alma não deveria entrar na política, pois todas as tarefas ali executadas são por meio do uso da violência. Porém, a *ética protestante* originou uma nova concepção através da "abertura de consciência".

Apesar da importância do respaldo da liderança da igreja, se faz necessário a apresentação aos eleitores, pois estes estão cada vez mais politizados e conscientizados em relação ao voto. Durante a campanha o

32 Faço uma observação: esta entrevista só foi possível depois das eleições. As tentativas durante a campanha foram infrutíferas. Logo que tomou posse da cadeira, o deputado não pôde me receber imediatamente porque ainda não estava liberado pela igreja para dar entrevistas. Esse 'cuidado'

deputado viajou 35 mil km dentro do Estado resultando numa votação pulverizada. Em São Carlos, obteve somente 48 votos. Seu potencial é muito maior, mas não fora alcançado por dois motivos. Primeiro, devido seu distanciamento da igreja e segundo, a fraca divulgação do seu nome pelos pastores nos cultos e eventos da igreja. Em suma, Pr Bittencourt foi um candidato próximo da cúpula, mas distante da sua base eleitoral.

Na opinião do deputado, a possibilidade de acabar com a pulverização dos votos de seus "fiéis eleitores" é grande porque a igreja já teria superado o pensamento de que o pastor é somente aquele que está no púlpito da igreja. Mas para que isso se efetive o pastor ressalta: *“a pessoa eleita não pode abandonar o local do seu sacerdócio”*. Dessa forma, o deputado segue uma rotina, na qual trabalha pela manhã na igreja e à tarde na Assembléia Legislativa. A noite volta à igreja, pois *“o povo não pode se sentir abandonado”*.

Como primeiro mandato e recém empossado, o pastor tinha dúvidas se realmente conseguiria conciliar o trabalho da igreja com o mandato, por enquanto estava sendo possível tal conciliação.

O próximo político, Pr Adilson Rossi também apresenta a mesma preocupação. Eleito deputado estadual pelo PTB é pastor da AD-Ministério Belém.³³ De berço evangélico, família de classe média, seu pai era proprietário de um supermercado na cidade de Itatiba interior do Estado de São Paulo. Atualmente, exerce a função de pastor conselheiro da AD nesta cidade.

corresponde ao projeto político da AD de manter o controle e orientação sobre as condutas de seus representantes.

33 Entrevista realizada no dia 13/02/03 no gabinete da Alesp.

Pr Rossi começou a trabalhar aos 12 anos de idade junto com o pai. Quando completou 16 anos montou sua própria loja de artigos evangélicos em Jundiaí. Aos 18 abriu uma loja de automóveis em Itatiba.

Com 12 CDs gravados, o pastor exerce as funções de cantor; evangelista (há mais de 20 anos) nas *Cruzadas Evangelísticas* em que visita todas as cidades do Estado; como conferencista em encontros de jovens viaja por todo o Brasil e palestrante no *Ciclo de Oração* (trabalho realizado junto as mulheres da AD). Tais trabalhos o auxiliaram para a construção de sua imagem pública e na garantia de uma identificação junto a sua comunidade.

O pastor esteve presente na cidade de São Carlos antes da campanha eleitoral realizando um desses trabalhos. Pr Eli, pastor-presidente da AD-Ministerio Belém, comunicou várias vezes aos membros que Pr Adilson sairia como candidato a deputado estadual e que estaria com total apoio da Convenção. Mesmo não tendo visitado politicamente a cidade e nem a região, dos 60.019 votos obtidos 1.147 foram da cidade São Carlos.

Sua indicação pela liderança se deve ao fato do pastor oferecer o menor risco de problemas futuros à instituição. Tal garantia se deve ao longo e forte vínculo familiar do pastor com a denominação e, conseqüentemente aos trabalhos que tem realizado durante todos esses anos.

"*Por uma questão de inteligência eu vou dividir essa cadeira com a igreja*". Embora, reconheça que possui autonomia sobre seu mandato, o pastor alega a existencia de um compromisso com a igreja por ter sido incentivado e legitimado a falar em seu nome. Seu propósito é fazer um trabalho de fiscalização de tudo que for contra a igreja, pois acredita que valorizando esta parceria "*automaticamente*" será candidato a reeleição e

poderá, novamente, contar com apoio da igreja: *“Por que tirariam alguém que já está lá correspondendo aos anseios e necessidades da igreja?”*.

Na semana da entrevista, Pr Rossi esteve em reunião com o líder do PTB, na qual lhe informou sobre o nome de dez possíveis candidatos para reeleição de 2006. Entre os dez, três seriam membros da AD "porque candidatos da AD têm voto garantido".

Em 2000, o deputado saiu como candidato a vereador da cidade de São Paulo. Obteve 20.772 votos e diz ter atingido 10% dos eleitores da capital. Para as eleições de 2002, trabalhou com o objetivo de atingir 10% do eleitorado, aproximadamente 600 mil membros, e obteve 60.019 votos. *“Essa parceria com a igreja é importante para garantir esses votos. E o apoio tende a crescer ainda mais se eu atingir a expectativa”*, mas ressalva: *“não tive nenhum apoio financeiro da igreja e isso precisava mudar, pois se você é candidato da igreja, a igreja deveria investir!”*.

A única ajuda que conseguiu da igreja foi autorização para a entrega do material de campanha. Entretanto, em muitas igrejas o material ainda foi entregue do lado de fora do templo. Pela primeira vez, a igreja-sede localizado no bairro Belém, permitiu a entrega do material de campanha dentro da igreja, mas sob o cuidado do *profetinho* ser envelopado. Em seguida o pastor dizia a comunidade: *“vocês estão recebendo o material do nosso candidato. Guardem porque no dia da eleição vocês vão precisar”*.

Para o deputado, os 92 anos de vida da AD foram perdidos em questões políticas, pois "não é a igreja que precisa da política, mas a política é que precisa da igreja".

“Só se corrompe quem tem tendências para se corromper”.

Segundo o deputado, esta frase será compreendida pelo membro da AD quando ele observar que seus pastores enquanto políticos não alterarem seus valores espirituais e morais, e acima de tudo, não se distanciarem da igreja e do povo dela.

Nosso último político entrevistado da AD foi reeleito a deputado federal pelo PFL³⁴. Neuton Lima, distingue dos dois deputados anteriores por possuir uma trajetória política mais longa.

Caçula de oito irmãos, Rubeneuton Oliveira Lima nasceu em São Paulo, numa família migrante do Ceará. Seu pai é ministro da AD-Missão, membro da Liderança Nacional das AD no Brasil, presidente do Conselho Sudeste desta Convenção e (há mais de 20 anos) tesoureiro da Convenção Estadual.

O deputado é formado em Direito pela Universidade Metodista de Piracicaba com pós-graduação em Economia e Desenvolvimento Urbano pela Escola de Políticas Públicas e Governo da UFRJ. Começou a trabalhar com 12 anos de idade como empacotador de supermercado na cidade de Indaiatuba, onde reside até hoje. Sua entrada na política surgiu quando o prefeito da cidade, preparando sua sucessão e convidando um candidato a vereador de cada segmento da cidade, procurou o irmão do deputado que era funcionário da prefeitura. O irmão não concordou e indicou Neuton Lima que achava mais indicado para o cargo.

³⁴ Entrevista realizada no dia 14/02/03 em seu escritório em Indaiatuba.

Nesse momento, Neuton Lima estava com 20 anos e trabalhava na Mercedes Benz do Brasil. Aceitou o convite e candidatou-se pelo PMDB sendo eleito para a Câmara em 1988 com 380 votos.

A base eleitoral foi restrita à igreja AD, ainda pequena na cidade, aonde seu pai pastoreava. Foi o vereador mais jovem eleito na história de Indaiatuba e o primeiro vereador evangélico da cidade. Como vereador, foi fundador e presidente da Associação dos Vereadores Evangélicos do Estado de São Paulo; autor do Conselho Municipal de Entorpecentes e do Passe-Fácil do Trabalhador. Fez um trabalho social voltada para a cidade e para toda a comunidade evangélica, e não especificamente, a igreja AD.

Para a reeleição em 1992, agora filiado ao PFL, perdeu a eleição por 15 votos. Em 1996 elegeu-se como vereador. Em 1998 elegeu-se como deputado federal pelo PDT com 37.604 votos. Nesta campanha, o deputado viajou sozinho de carro e visitou cerca de 150 municípios. As visitas eram sempre em igrejas da AD. Neuton Lima, comenta que várias igrejas não o deixaram nem se apresentar, *"já que a igreja não tinha um projeto político definido"*. No Congresso Nacional tramitam cerca de 100 projetos de leis apresentados pelo deputado. Participou de algumas Missões Oficiais representando o parlamento brasileiro na Ucrânia, Rússia e Chile.

Como membro da AD, a única cobrança que a igreja lhe fazia era em relação aos princípios éticos na vida pública, *"os representantes passados da AD cometeram erros. Muitos abandonaram a igreja. Outros tiveram problemas com sua vida política que os levaram a cassação. Isso fez com que a igreja se precavesse de fechar apoio a uma pessoa e esta ter episódios como estes e macular a imagem da igreja"*. Neste ponto a característica sectária dos

membros das igrejas pentecostais explica o efeito limitado dos escândalos sobre a política corporativa (Freston 1993:102).

Mesmo sem a imposição da igreja eu honrei os princípios da igreja na vida pública. Trabalhei para ela conseguindo rádio para a igreja e fiz um trabalho social que eu não uso como bandeira política: internações, cirurgias, equipamentos hospitalares para a igreja, unidade móvel de saúde para a igreja e para as entidades sociais da igreja”(Dep. Fed. Neuton Lima).

O trabalho do deputado federal despertou na liderança o interesse em auxiliar os candidatos da igreja, e a partir daí, se propôs a construir o projeto político *Cidadania AD Brasil*, como vimos no quarto capítulo.

A população em geral caracteriza os deputados como os políticos mais distantes no cenário político. Isso se deve ao fato de realizarem o grosso de suas atividades no Congresso Nacional, em Brasília e nas Assembléias Legislativas de cada Estado. Dessa forma, acabam distanciando dos eleitores por passarem a maior parte do tempo distantes fisicamente de seus eleitores. Por conta disso, as estratégias políticas detas denominações concentram a maior parte de suas atividades no sentido manterem seus políticos próximos à base eleitoral que o elegeu.

As atividades destes políticos também são menos visíveis, e em muitos casos, até invisíveis para a maior parte de sua base eleitoral, sobretudo, se comparados com a visibilidade das atividades que estes líderes desenvolviam antes da política, pois como pastores estavam fisicamente próximos da população.

O vereador de São Paulo e pastor da AD, Carlos Apolinário, diz que "os líderes da AD deveriam pedir satisfações do mandato de seus representantes, pois esse procedimento lhe permitiria uma compensação do

seu distanciamento em relação à comunidade; além de credenciá-lo para uma próxima eleição, caso fizesse um bom trabalho". Ao contrário do deputado federal Neuton Lima que se apresenta extremamente companheiro da Igreja:" *Particularmente, trabalho de uma forma muito corporativa, pois na hora que eu precisar de apoio eu terei*".

Esta fala exemplifica o modo de democracia que se exerce no Brasil, no qual "o político e não o partido é o veículo de representação" (Mainwaring 1991:54). Desta forma, os políticos conseguem individualmente representar sua clientela reforçando o elemento corporativista do sistema. Durante seu mandato, o deputado Neuton visitou 498 municípios do Estado e não foi em nenhum outro lugar senão na AD.

No cotidiano, fora do período de campanha eleitoral, os políticos pentecostais procuram desenvolver trabalhos no sentido de manter a proximidade com seus eleitores reais e potenciais. Dentro de um conjunto de atividades a serem realizadas, a relação com a igreja (base eleitoral) constitui na tarefa central. Um exemplo dessa tarefa é a função do jornal FU da IURD, que possui uma parte direcionada à política, na qual apresenta a atuação dos parlamentares da igreja: "*Uma cobertura que se pretende jornalística, mas que não deixa de ser propaganda oficial*"(Fonseca 2002:151).

Diminuir o distanciamento entre representante oficial e membro será um dos maiores desafios da comissão política da AD. O propósito da comissão é transmitir o maior número de dados possíveis sobre o representante para conseguir o voto do membro. Para isso, é necessário produzir o conhecimento contextual que consiste na *informação verdadeira*. Esta informação pode até ser manipulada, mas nunca será considerada falsa

(Downs1999). Outro ponto básico que deverá ser aprimorado pela liderança, caso queira continuar na arena política, trata-se da escolha dos candidatos. Alguns pastores acreditam que a escolha do candidato oficial deveria ser através do voto direto dos membros, pois desta forma eles se sentiriam mais responsáveis pelo voto ao representante da igreja. Veremos como foi o procedimento nas últimas eleições.

O deputado Neuton Lima foi escolhido pelo pastor-presidente do Estado de São Paulo, José Wellington. Somente ele teve o direito de votar no candidato. Os outros 56 líderes regionais da igreja não puderam votar. O resultado foi que os líderes apoiaram quem quiseram no momento da eleição, pois sabiam que não sofreriam nenhuma penalidade já que a AD não possui nenhum órgão legítimo de controle sobre a liderança regional. Alguns problemas internos deverão ser ajustados caso a liderança prossiga com o projeto para as próximas eleições.

No grupo de políticos pentecostais pode-se encontrar políticos que apresentam um discurso mais apurado em termos de participação política dos evangélicos. São os políticos que constituem o quinto grupo na classificação de Fonseca. São representantes pentecostais mais envolvidos em movimentos sociais e que apresentam um discurso mais progressista voltado às transformações sociais³⁵.

O modelo corporativo de fazer política é profundamente criticado por um desses representantes pentecostais. Conheceremos um deles.

Carlos Alberto Bezerra Jr. foi eleito vereador pelo PSDB em 2000 com 23.000 votos. Médico ginecologista, filho do pastor-fundador da Igreja

³⁵ Sobre evangélicos e progressistas, ver: Fonseca (2002:130-134).

Comunidade da Graça, Carlos Alberto é um pentecostal que se define como social-democrata no qual seu mandato não tem como prioridade os direitos corporativos da igreja: *“procuro ser diferente do modelo tradicional do político evangélico”*. Sua preocupação é desenvolver um “modelo alternativo” e, neste sentido desde o início, realizou projetos voltados para a conscientização dos evangélicos, nos quais especialistas e técnicos eram convidados para discutirem com a comunidade, dentro da perspectiva cristã, soluções para a cidade. Um dos frutos desse trabalho foi a aprovação na Câmara do projeto que garante isenção de tarifa de ônibus para gestantes, juntamente com uma política de distribuição de medicamento e garantia da vaga no leito da maternidade para a gestante que está na rede pública municipal.

Carlos Alberto sempre se envolveu com movimentos sociais, e evangélico de berço, cresceu observando que o voto do eleitor dessa comunidade era motivado pela identificação da fé e por isso decidiu *“qualificar o voto melhorando o nível crítico da população”*. Para se ter igreja mais presente nas transformações sociais, o vereador desenvolveu o projeto *Fórum Social Cristão* com o objetivo de refletir e promover ações de cidadania. Durante a campanha desenvolveu um trabalho denominado *Movimento São Paulo Tem Cura*, que depois das eleições transformou-se no *Instituto Agente*, também com o mesmo intuito de estimular a cidadania (Fonseca .2002:131).

6.3 A concepção de voto do eleitor assembleiano

Os candidatos oficiais da AD-Madureira (Pr Bittencourt e Pr Otávio Rogério) não foram divulgados na igreja pelos pastores e não tiveram material de campanha distribuído aos membros. A única visita durante a campanha na cidade se deu durante a realização do encontro da AD-Madureira que reuniu os pastores de todas as congregações do Estado de São Paulo. Com isso, esses candidatos praticamente não foram citados pelos eleitores assembleianos nas entrevistas.

Os candidatos Adilson Rossi e Neuton Lima da AD-Ministério Belém, além do pastor-presidente divulgar seus nomes, estes já eram conhecidos pelos membros por causa dos trabalhos desenvolviam na denominação.

Todos os entrevistados da AD, tanto Ministério Madureira quanto Belém, reconhecem que lhes chamam a atenção quando vêem um candidato evangélico. Porém este eleitor - como qualquer outro - passa por vários critérios na hora da escolha. A ênfase de boa parte dos assembleianos está no critério de capacitação política do candidato, pois a maioria dos eleitores assembleianos declararam visar o benefícios para toda comunidade e não somente benefícios para sua igreja.

As principais justificativas citadas pelos assembleianos para a escolha do deputado foram:

“(...) a partir do momento que o candidato seja eleito, ele estará ali para defender a sociedade, não apenas um segmento”;

“O importante é governar bem o país. Seja da igreja ou não. O político deve fazer o bem a todos, é obrigação dele”;

“A gente não pode ficar preso à religião porque eu sou dessa denominação eu vou votar nesse. Tem que ver a capacidade do candidato”;

“Não voto em evangélico só por ser da igreja”;

“Pela conduta diante da sociedade e diante de Deus”;

"Porque sou evangélico";
"Por participar da mesma ideologia";
"Bendita é a nação cujo Deus é o Senhor";
"Dou preferência aos domésticos na fé";
"Porque é evangélico e tem boas propostas de trabalho";
"Não porque é evangélico, mas é uma pessoa simples e humilde";
"Pela atitude e caráter";
"Não porque é evangélico, mas porque ele é bom. Não é certo usar o evangélico para se promover";
"Pelo Bem estar da igreja, não cair no comunismo"

Algumas justificativas de membros que não escolheram candidato evangélico: *"Os evangélicos não estão preparados", "Por não terem propostas convincentes para o país".*

Durante o culto de Ação de Graças na AD-Belém, o candidato católico Lobbe Neto (eleito deputado federal) teve direito a fala no final do culto:

“Estamos num momento de reflexão, pois há pessoas que apóiam o casamento de sexos iguais e a Lei do Silêncio. Querem até cobrar impostos do dízimo. Pensem em Alckmim que é um religioso e não um ateu {referindo-se a José Genoio, candidato do PT e adversário de Alckmim no segundo turno para governador} e que se preocupa com o grupo cristão”³⁶.

Na mesma ocasião, o Pr José Wellington³⁷ faz uma observação aos membros: *“Se ganhar o partido que aprova casamento de homem com homem, eu serei obrigado a casar os dois homens com bigode, porque senão serei preso por discriminação racial”³⁸.*

O discurso está centrado na moralização e na idéia de “perseguição” ao crescimento evangélico. Os líderes pentecostais, “autores e beneficiários da política corporativa” não se encarregam de conscientizar os

36 Uma das preocupações colocadas pelos pastores assembleianos era em relação à religião do candidato ao governo paulista, Geraldo Alckmin. Segundo os pastores, Alckmin é membro da ordem Opus Dei da Igreja Católica. Esta ordem inspirava uma desconfiança ou até mesmo mistério para alguns pastores, e por conta disso, surgia a dúvida na melhor escolha: entre o "delegado ateu" e o "misterioso católico".

37 Pr José Wellington é pastor-presidente da Convenção Geral da AD do Brasil.

* O correto seria discriminação sexual.

fiéis em direção ao sentimento mais cidadão em relação ao voto, à participação política e social (Freston 1993). O modelo desempenhado na AD é visto como um modelo tradicional de "despachante de Igreja", aquele candidato que constrói seu mandato em defesa dos interesses corporativos da instituição.

A crítica do distanciamento do pastor em relação a sua base eleitoral está muito presente entre os membros e alguns líderes da AD. A maior parte destas críticas está dirigida ao Pr Carlos Apolinário, membro da AD há 44 anos. As críticas dos membros concentraram em torno do seu slogan para o governo do Estado em que dizia que iria colocar São Paulo nas mãos de Deus. Segue algumas dessas críticas: *“Eu não sei o que ele fez, o que ele era.. Na televisão ele tem dito que vai pôr São Paulo nas mãos de Deus, mas não apresenta nenhum projeto pra gente”*. *“Não votaria no Apolinário porque o mundo já está nas mãos de Deus. Não é ele que vai colocar São Paulo nas mãos de Deus.”*

Carlos Apolinário justifica seu slogan com o argumento de que a tradição de 15 dias antes das eleições o prefeito entrega a chave de São Paulo nas mãos do Rei Momo o fez ter o seguinte pensamento: *“(...) se é bom entregar as chaves nas mãos do Rei Momo, muito melhor será entregar as chaves de São Paulo nas mãos de Deus”*.

Segundo Apolinário, *“fazer as pessoas pensarem em Deus também é tarefa de um bom governador”*. Apolinário detem a imagem, tanto na AD-Ministério Madureira quanto no Ministério Belém de um político evangélico que se afastou da liderança: *“(...) este é um dos riscos que a gente corre: eleger um representante e ele não corresponder”*, comenta um dos pastores da AD.

Dizem que Apolinário teve uma mudança de conduta durante seu segundo mandato de deputado distanciando-se da igreja e se preocupando mais com a mídia. O pastor continuará contanto com o apoio desta base eleitoral, mesmo porque não conquistou outra que pudesse substituí-la, e já preparou seu novo slogan para as eleições de 2004: *“Fé e Coragem para Mudar”*.

Uma eleitora assembleiana diz que mesmo elegendo vários políticos tementes a Deus não haverá melhora para o Brasil: *“tudo que está acontecendo no mundo está cumprindo as escrituras porque a vinda do Senhor está próxima. A gente pode tentar, mas não vai melhorar”*.

Pode-se caracterizar esta fala como uma visão apocalíptica do mundo que nos remete a Marx quando diz , *“a essência humana carece de realidade verdadeira”* (Marx 1844:93). Neste sentido, o indivíduo seria alienado devido a suas condições materiais de realização. A religião seria um tipo de expressão da miséria real que se colocaria como forma de protesto, embora para Marx a religião não tenha nenhuma proposta de transformação social porque esta apresenta uma consciência *“invertida do mundo”*. Sua visão consiste na religião como forma de ideologia que mascara a verdadeira realidade por meio do uso da linguagem religiosa, porém esta religião enfraqueceria a partir do momento que o homem descobrisse a verdadeira realidade.

Porém, a prática política exercida no pentecostalismo permite que o crente desenvolva uma cultura de resistência e de protesto diante da estrutura social em que se encontra³⁹. Como religião anexada diretamente às condições sociais de seus membros, o pentecostalismo se transforma, conseqüentemente

³⁹ Lembrando que o pentecostalismo predomina em bairros carentes dos serviços oferecidos pelo Estado, tais como segurança, saneamento e educação

no reflexo desta situação. Assim, além de doador de sentido que nas palavras de Marx seria o "*ópio do povo*" ou de "*expressão de emoção em um mundo sem emoção*", o pentecostalismo, ao longo do tempo, tem apontado e protestado à sua maneira o suposto laicato do Estado Moderno e seus atributos negativos.

6.4 Tementes a Deus e fiéis a Igreja: Candidatos oficiais da Igreja do Evangelho Quadrangular

O típico candidato da Quadrangular, é um “*homem com prestígio religioso e capital político*” (Freston.2000:296).

Através da aplicação do seu projeto político, a IEQ conseguiu eleger 10 deputados estaduais e federais dos 24 indicados em todo o Brasil. Como representantes de São Paulo foram eleitos os pastores, Jefferson Campos (PSB) como deputado federal com 153.458 votos e Waldir Agnello (PSB) como deputado estadual com 129.907 votos⁴⁰.

O deputado estadual Waldir Agnello, 42 anos nasceu na cidade de Santos. De família pobre e com cinco filhos, seus pais eram cortadores de cana e membros da Congregação Cristã do Brasil. Começou a trabalhar com sete anos de idade como engraxate na cidade São Paulo e vendeu limão e 'bolinho de chuva' para ajudar a família. Aos 16 anos de idade conheceu sua esposa que o convidou para a IEQ. Casou-se aos 17 anos quando começou a trabalhar de ajudante geral numa fábrica. Este foi o início de sua carreira profissional de administrador de empresas e economista.

Formado em Administração de Empresas e exercendo o cargo de gerência de uma multinacional optou por ingressar tempo integral no ministério da igreja. Atualmente, o pastor ocupa os cargos de diretor executivo da Editora Quadrangular; primeiro tesoureiro do Conselho Estadual de Diretores de São Paulo e secretário nacional de comunicação.

40 As entrevistas com os candidatos da IEQ foram feitas durante o trabalho de campanha. Pr Agnello me concedeu a entrevista depois de um grande evento político-religioso realizado em Araraquara no dia 22/09/2002. No dia seguinte, em São Carlos num evento semelhante foi possível entrevistar o Pr Jefferson Campos.

A vida política começou em 2000 quando o presidente da igreja lhe apresentou o Projeto Político Quadrangular. Segundo o pastor, "*precisavam de alguém não somente fiel à igreja, mas também com capacitação profissional para desempenhar um bom papel na área pública*".

Houve uma prévia com outros cinco candidatos, na qual Agnello ganhou no primeiro turno, processo este que a igreja faz questão de nomear como processo democrático "em que todos os pastores do Estado de São Paulo foram convidados a votar". Porém, o "todos" abrange somente os pastores titulares, ou seja, excluem da participação os pastores credenciados e pastores auxiliares, embora estes é que predominam na igreja, pois pode-se encontrar igreja sem pastor titular, mas com mais de um pastor representante das outras categorias.

A escolha do PSB se deu pelo fato deste partido ser um partido chamado de *partidos leves*, isto é, partido ausente de muitos caciques e pelo baixo número de votos necessário para se atingir o coeficiente eleitoral.

A base eleitoral do pastor esteve restrita à igreja. "*A expectativa é que eu tenha na área política a mesma dedicação e o mesmo sucesso que tive na área administrativa e como pastor*". O forte vínculo com a cúpula da Igreja o favoreceu para a indicação de representante político da Igreja. Porém como deputado, a Igreja espera uma fidelidade ainda maior.

Em relação à representatividade política da Quadrangular podemos encontrar algumas divergências entre a liderança. Uma delas é a questão da fidelidade: "*O político deve fidelidade ao seu partido, mas este partido poderá defender propostas que vão contra os princípios da igreja*" (Pr

Machado.Entrev.27/09/2002)⁴¹. Desta maneira, o pastor conclui que o candidato não seria fiel à comunidade que o elegeu para defender sua igreja, mas também seria infiel caso optar pela base eleitoral, pois o partido o qual se filiou já continha sua ideologia cujo candidato deverá defender.

O ponto-chave deste contexto de fidelidade é a questão do *Compromisso Maior*. Nesta perspectiva, a fidelidade não está relacionada somente a Deus, mas também às pessoas com quem se faz alianças. A Bíblia diz, “*se você faz um acordo com alguém cumpra mesmo que seja em prejuízo próprio*” (Salmo15.04). Ao seguir este provérbio, o crente mesmo na política deve se apresentar como um "verdadeiro fiel". Desta forma, Pr Machado conclui que somente haverá uma representatividade da "*comunidade cristã evangélica*" junto ao congresso, na qual esteja ausente de interesses individuais, com a criação de um partido evangélico.

Aqui a concepção de um partido evangélico consiste no direito do político de exercer sua liberdade religiosa; isto é, agir na política sem comprometer o "*compromisso maior*". Para o Pr Machado, os pastores que se colocam como representantes políticos de igrejas mesmo sem um partido próprio corresponde à idéia de que "*as pessoas não querem liberdade. Elas querem cabrestos porque ninguém quer ter responsabilidade*". Desta forma, a igreja, como instituição sagrada não pode ser cabrestada por idéias, pois é uma doadora de liberdade ao pregar a Palavra de Deus. Se Jesus disse: “*a minha palavra é a verdade. Conheceis e sereis verdadeiramente livres*”

41 Pr Machado é pastor desta denominação na cidade de Uberlândia, MG. Ao participar de uns dos cultos da IEQ ouvi sua pregação que se apresentou diferenciada dos demais pastores da igreja. Pr Machado é formado em psicologia, física, e é muito conhecido na Igreja devido aos trabalhos sociais que realiza em sua cidade. Sua pregação é diferenciada por conta da linguagem utilizada e pela profundidade de seus ensinamentos. Sua posição em relação à política da Igreja também não está em sintonia com os demais pastores, porém neste assunto ele não intervém publicamente.

(João.8:32), então o evangélico na política também tem a liberdade de escolher pela manutenção da instituição maior que é a Igreja, porém a igreja como prioridade somente pode se dar num partido evangélico no qual seus representantes não lutariam por interesses próprios.

A pulverização partidária, característica dos políticos evangélicos, somente é possível no sistema vigente. Entretanto neste grupo, ainda não se cogita a idéia de um partido político evangélico. Neste sentido, Freston (1993:125) argumenta que o "risco seria grande no tocante a divisão dos fiéis e sem contar que a situação política não exige tal esforço. Não há exclusão do sistema partidário, nem direitos civis evangélicos a conquistar"

Outro representante da IEQ é o deputado federal Jefferson Alves de Campos, 37 anos, solteiro, nascido em Ourinhos. De berço evangélico, foi criado por bóias-frias. Mais tarde, o pai tornou-se mecânico e pastor da IEQ.

Advogado, professor da FATEC e radialista, sua militância política começou em 1992 com trabalho social em bairros carentes na cidade de Sorocaba. Candidato a vereador pelo PMDB desta cidade não se elegeu com 357 votos. Em 1996 candidatou-se novamente pelo PDT e elegeu-se com 1600 votos. Em 2000 foi reeleito com 3 mil votos, mas não exerceu o mandato devido a sentença que reduziu o número de cadeiras de 21 para 14 vereadores. Como coordenador Estadual de Ação Política desde 2000, teve como missão conscientizar a igreja no sentido de eleger seus próprios vereadores. Nas eleições de 2000 a IEQ conquistou 21 cadeiras de vereadores no Estado de São Paulo.

“O evangélico tem que parar de ficar apenas profetizando, orando para que o Brasil seja do Senhor Jesus. Ele deve trabalhar neste

sentido. A igreja tem uma responsabilidade não apenas espiritual, mas também social". Neste sentido, os deputados da IEQ se apresentam como "os canais para abençoar o país", sendo esta uma maneira específica de expressar a linguagem política para informar que se colocam como atores políticos em busca da representatividade de sua comunidade religiosa na esfera política.

Para Novaes (1998) esta relação dos pentecostais com a política se opera, consciente ou inconscientemente com o modelo católico, como *tipo ideal* de união entre fé e política. Essa relação estaria relacionada à politização das categorias religiosas através de seu modelo de instituição hierárquica (com direito a disputas internas) e através da interpelação de condutas típicas de sua categoria (ético-morais) junto ao Estado e a outros setores da sociedade.

6.5 O eleitor quadrangular na conquista do espaço político da Igreja

Os eleitores da IEQ, em comparação com os membros da AD, se apresentam mais fiéis à igreja para a escolha de seus deputados. Os questionários indicaram algumas justificativas pela escolha dos candidatos oficiais. Estas, em sua maior parte, vão de encontro ao propósito da igreja: escolher pessoas tementes a Deus e fiéis à igreja.

Embora, os critérios de capacitação e de experiência política não tenham sido citados nestes questionários, não podemos generalizar o voto quadrangular, pois com uma pesquisa mais aprimorada (certamente) encontraria eleitores da Igreja portadores destes critérios.

As justificativas mais citadas pela escolha de candidatos oficiais foram:

"Porque eles podem ajudar nossas igrejas"

"Porque conhecemos a vida de cada um";

“Somos irmãos em Cristo”;

“Precisamos de homens com sabedoria e amor ao próximo”;

“Porque devemos eleger pessoas tementes a Deus”

“Porque nós devemos escolher os candidatos da igreja para eles poderem ajudar as nossas igrejas”.

Encontramos eleitores que disseram anular o voto para senador porque não havia nenhum candidato evangélico para este cargo. Não obtemos nenhuma resposta de um eleitor que fosse votar em candidatos leigos.

Uma entrevista que se destacou foi a do secretário da Igreja que antes de se converter a IEQ (há sete anos) era ateu e portador de ideologia partidária. Foi militante do Partido dos Trabalhadores enquanto teve na política uma visão de protesto. Depois passou para uma visão de composição, *“agora busco acordos e caminhos mais suaves”*. Esta mudança na maneira de ver a política se deve à convivência no meio dos cristãos: *“votarei nos candidatos da igreja não por serem evangélicos, mas porque estou vendo a intenção deles de fazer alguma transformação”*.

Durante o processo de construção de sua identidade social, no caso a conversão, o indivíduo passa por etapas nas quais se socializa a cosmovisão do grupo e aumentando seu compromisso consigo mesmo. No caso deste eleitor, após a conversão seu modo de ver e de conduzir a vida passou a ser outro. A convivência com os cristãos o fez produzir experiências de vida que por meio da re-significação puderam ser transformadas em conhecimento. Ou seja, a conversão o fez assimilar um novo vocabulário e novas motivações, adaptando sua *identidade social* com a *identidade do eu*, pois este eleitor pentecostal passou a atribuir categorias identitárias de acordo com as interpretações do seu grupo.

Na visão deste membro, a experiência religiosa lhe proporcionou uma aproximação real com a política, a partir da proximidade que adquiriu com os agentes políticos de seu grupo religioso. O convertido não somente se sente portador de direitos e deveres como também encontra um porta-voz legítimo. Neste sentido, o candidato oficial, normalmente é alguém estimado por admiração (portador de carisma) e alguém que consegue transmitir à comunidade um saber-fazer ou querer-fazer.

Através da perspectiva sociológica dos sistemas simbólicos verificamos que tanto pastores como membros vivem uma *interdependência* com sua instituição. No grupo pentecostal podemos observar como as normas de atribuição de status, de tarefas e a distribuição de papéis dentro das denominações obedecem a padrões díspares de união interna e controle comunitário. Esses padrões se traduzem em práticas políticas que consistem por exemplo, em reservar para as 'melhores' pessoas do grupo ou cargos prestigiosos em instituições locais ou em cargos de representatividade mais abrangente excluindo outras pessoas de áreas da denominação.

Tudo está imbricado naquele emaranhado cuja lógica psicológica é compreensível só para quem está bem situado dentro do universo psicossocial da denominação, pois um *outsider* teria dificuldade em entender o porque das distinções e argumentos de uma lógica *in group* (Elias.1994).

6.6 Os Escolhidos de Deus

Candidatos oficiais da Igreja Universal do Reino de Deus

O "modelo iurdiano" de fazer política consiste na fidelidade do parlamentar da Igreja em honrar o compromisso de defender a Igreja e a família. "Fora isso estão liberados para votar segundo sua consciência e, preferencialmente, como determina o líder de seu partido" (Fonseca 2002:160).

Como garantia, a instituição controla até a nomeação aos cargos de confiança como, por exemplo, os assessores dos deputados⁴². Para ser um candidato oficial da igreja, o Conselho de Bispos observa se o pastor tem se destacado em seus trabalhos dentro e fora da igreja. Deve apresentar, principalmente um perfil de comunicador e ter realizado trabalhos sociais da igreja. Assim o Pr Milton Vieira se encaixa em todos os requisitos, pois enquanto pastor foi presidente do ABC durante cinco anos; trabalhou no projeto *Brasil sem Fome*; apresentou o programa *Mão Amiga* na Rede Record; *Momento do Presidiário* na rádio e líder responsável pela evangelização nos presídios do Estado de São Paulo.

A marca dos candidatos desta denominação é de fé cristã e dedicação ao povo. São vistos como escolhidos e não como indicados, pois são "homens de Deus, com Jesus Cristo no coração, cheias do Espírito Santo".⁴³

Pr Milton Vieira⁴⁴, em 1998 se elegeu como deputado estadual pelo PL com 56.099 votos. Em 2002 foi reeleito pelo PFL com 70.781 votos. Destes 1.860 votos foram de São Carlos.

42 Fonseca demonstra que alguns políticos da Igreja Universal como Wagner Salustiano (PPB-SP) e Aldir Cabral (PFL-RJ) teriam sido afastados da igreja por praticar o nepotismo.

43 Características atribuídas pelos eleitores da igreja aos seus candidatos.

44 A entrevista com o Pr Milton Vieira foi realizada no dia 13/02/03 em seu gabinete no prédio da Alesp.

45 A entrevista com o Pr Milton Vieira foi realizada no dia 13/02/03 em seu gabinete no prédio da Alesp.

O deputado estadual Milton Vieira nasceu em Iepê no interior de São Paulo. De família pobre com sete irmãos seu pai transportava laticínios. Em 1969 trouxe a família para São Paulo, onde trabalhou como taxista. Milton Vieira começou trabalhar aos 12 anos de ajudante em oficina Mecânica. Cursou o senai e depois a escola técnica. Parou com os estudos para trabalhar e ajudar a família. Mais tarde terminou o ensino médio e chegou a cursar o primeiro ano de Direito, neste momento já como deputado estadual.

Convertiu-se ao pentecostalismo, na Igreja Comunidade da Graça juntamente com a esposa e os filhos. Permaneceu apenas um ano e em seguida (1989) foi para a IURD. Nesta fase era proprietário de uma empresa de cesta básica e de três casas de carnes. Em 1990, recebeu o convite para ser obreiro da igreja porque “*fazia tudo certinho*” ou seja, estava sempre presente nos cultos e nas reuniões de evangelização. Em 1992 tornou-se pastor auxiliar da igreja do Brás deixando suas empresas com o sócio.

No mundo social desta igreja, alguns sistemas simbólicos são diferentes de outras denominações pentecostais. Neste aspecto é que muitas vezes são gerados os pontos de polêmica da instituição.

Na Universal cada pastor tem seu ministério. Isto quer dizer que o pastor não deixará de desempenhar esse papel somente por não estar no púlpito da igreja. “*Meu altar hoje é aqui na Assembléia Legislativa, onde procuro dar um bom testemunho*”. Nesta denominação é inconcebível um político administrar uma igreja ao mesmo tempo de seu mandato. As funções do pastor são desempenhadas em horas livres e/ou finais de semana.

Como autoridade do Estado o pastor possui livre acesso às instituições como hospitais e presídios, nos quais podem desempenhar suas

funções de pastor, levando a Palavra e fazendo orações. Entretanto, para estas visitas o pastor não utiliza sua autoridade eclesiástica. Como pastor estaria dentro da categoria *povo* e por isso teria que cumprir as mesmas regras de outros cidadãos. Como deputado, o pastor passa a pertencer ao *universo formal* das leis e instituições sociais. Desta maneira, o Pr Milton Vieira adquire legitimidade de representação e acaba por desempenhar um papel que estaria ligado ao *universo informal* das relações pessoais, cujo universo está abaixo da *sociedade formal e institucional* em que a lei se apresenta como plano máximo (Da Matta 1979).

Para da Matta, o Brasil é um *país dual*, no qual o indivíduo se encontra em alternância entre dois universos ora no lugar das leis (formal) ora no lugar das relações (informal). Aproveitando-se deste sistema, os políticos da IURD se reconhecem como *pastores-políticos* e demonstram à comunidade a importância da presença da instituição religiosa na esfera política. A prática da alternância de papéis destes atores demonstram a pluralidade das identidades que constituem o mesmo indivíduo e suas personalidades múltiplas.

"Aprender indivíduos plurais produzidos e produtores de relações sociais variadas" (Corcuff 2001:25) é a tendência da sociologia construtivista, que em sua perspectiva enfatiza as construções históricas e cotidiana dos atores individuais e coletivos. Através desta contribuição sociológica, podemos compreender que os atores aqui estudados, enquanto participantes da esfera do poder, conseguirão conquistar "o mesmo prestígio popular que usufruem as correntes esotéricas em todo o ocidente com seus próprios defensores eruditos" (Freston 1993:4).

Durante o trabalho de campanha o pastor visitou 110 igrejas da Universal. Os discursos são concentrados na analogia entre política e jogo, no qual se deve ficar sempre atento para que não seja aprovado nenhum projeto contra a igreja: *“Então, eu fui colocado lá para isso. De forma indireta eu represento a igreja, mas se bater aqui na porta um espírita eu tenho por obrigação atendê-lo. Mas eu tenho por obrigação dar um atendimento privilegiado para os evangélicos, que é a minha base”*. Sua preocupação é demonstrar que antes de ser um deputado é um pastor, e como tal possui um “compromisso com Deus”, e devido a esse “compromisso maior” nunca abandonará a igreja.

O segundo candidato oficial da IURD, Pr Marcos Abrãao⁴⁶, que inicia sua carreira política como deputado federal eleito pelo PFL com 109.434 votos, sendo 1707 votos oriundos da cidade de São Carlos⁴⁷.

Marcos Roberto Abramo, nasceu em Porto Ferreira-SP. Filho de família pobre com quatro filhos em que o pai era militar e a mãe dona de casa. Aos oito anos de idade pegava papelão na rua e lavava os quintais das casas para ajudar em casa: *“Meu pai nunca chamou a gente de filho. Ele só chamava a gente de filho quando ele ‘mamava’ a cachaça. Por isso que fui até a igreja”*. Entrou na igreja com doze anos de idade e aos dezessete anos tornou-se pastor da IURD. Coursou teologia no Instituto Teológico Cultural de Ensino-São Paulo.

Como pastor viajou pelos Estados do Mato Grosso e São Paulo ajudando os doentes e famílias destruídas. *“Como tenho essa ânsia de querer ajudar as pessoas, a igreja me escolheu como político. Fui eleito graças a*

46 Entrevista.04/04/2003 no gabinete do Pr Milton Vieira na Alesp.

Deus e estou aqui com meu ideal político de fazer um plano familiar onde eu possa ajudar as pessoas através dessas três formas: meu histórico – o que já passei e porque estou na igreja, por amar a Ele e por ser um político”.

Em relação a preparação para exercer o cargo de deputado federal o pastor justifica: “*A gente nunca está preparado para isso ou para aquilo. Mas a capacidade quem dá é Deus. Deus capacita.*”. Este embaralhamento de construções individuais e coletivas está ligado ao sistema simbólico que remete tais construções aos resultados de suas elaborações anteriores juntamente ao processo que está em curso. Rementen-se a Marx:

"Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade, em circunstâncias escolhidas por eles próprios, mas nas circunstâncias imediatamente encontradas, dadas e transmitidas" (Marx 1974:417).

A partir das pré-construções passadas, podemos entender como o mundo social é construído. As formas sociais são reproduzidas, apropriadas transformadas pelos atores sociais durante as interações da vida cotidiana. Tal construção, não ocorre somente no aspecto verbal, mas também pela via religiosa (reprodução dos textos sagrados) e pelo trabalho cotidiano.

A corrente marxista apresenta uma sociedade constituída por forças conflitantes, lutas e contradições. Uma sociedade que nunca está em harmonia. Assim, apesar da bandeira de moralização sempre defendida pelos pentecostais, seu processo histórico demonstra as contradições entre os dirigentes e dirigidos, pois a instituição religiosa pode ser vista como uma delegação que rege os negócios de uma classe social e, por conta disso, produz conflitos sociais como demonstra o caso das CPIs de 1993 nas quais alguns líderes pentecostais foram denunciados de vender seu 'passe' político, de

enriquecimento ilícito e de desvio de verbas destinadas às entidades filantrópicas da igreja⁴⁸.

"Não somente o pastor exerce o papel de tradicional *patrão* junto da própria igreja como ele condiciona os caminhos da igreja articulando com a estrutura de força política dominante"(Martin 1990:259). Muitos pentecostais reproduziram os modelos de relações baseados na autoridade e patrocínio. Desta forma, os pastores se aproximam dos políticos barganhando com sua influência sobre os votos. Estes representantes se servem das palavras legitimadas pela instituição religiosa (graças as gerações anteriores) para transformarem e criarem novas formas de interações sociais. Tais recursos lhes oferecem apoio para estas ações.

Alguns críticos do pentecostalismo acreditam que esse tipo de comportamento político é negativo para o pobre, porque assume que a raiz da pobreza e, conseqüentemente a luta contra ela, se reduz ao contexto político. Pelo fato da experiência pentecostal enfatizar a moralidade pessoal e a busca da transformação individual, esses críticos acusam-na de alienadora e consideram-na empecilho para mudança social por sua ênfase. Mariz rebate essa crítica argumentando o falso pressuposto de que "mudança social se faz apenas no mundo da política e que o palco da história é exclusivamente o mundo público" (Mariz,1996). As realidades sociais se inscrevem em mundos subjetivos interiorizados; ou seja, os mundos dos atores são constituídos por sensibilidade, representação e conhecimento. Assim, as práticas individuais expressam aquilo que o indivíduo interiorizou do mundo, mas como o universo é plural, seu mundo interior também apresenta-se sob uma pluralidade.

devido a fuga de votos para o deputado federal Lobbe Neto. Já estudado anteriormente.

48 Ver Freston (1993) cap.7: A política evangélica de 1990 a 1993- impeachment, CPIs e progressistas.

Em todas as entrevistas, os candidatos sempre apresentaram a preocupação de uma identidade política além dos limites da comunidade evangélica. A busca do voto além da fronteira religiosa ainda é uma tarefa impraticável por esses candidatos, pois ainda não conquistaram a legitimidade necessária nem mesmo no interior da sua própria comunidade. A IURD, através de sua estratégia política consegue mais espaços fora da igreja ao apoiar candidatos de outras denominações, e até mesmo fora do campo religioso, "ligação que permite o partido com outros grupos interessandos em campor alianças" (Fonseca 2002).

Ampliar a base eleitoral exigiria um prestígio cultural que essa comunidade ainda está construindo, com exceção da IURD. No campo das relações políticas ainda prevalece a manipulação das diferentes identidades pessoais.

Como vimos, as denominações pentecostais lançaram seus candidatos oficiais focalizando sobretudo o tipo "ideal"⁴⁹ de representante. O processo para a escolha daquele que poderá ser considerado o representante legítimo - que corresponda aos interesses da cúpula e do conjunto dos eleitores - passa por regras adequadas a garantir o sucesso eleitoral.

Campos (2002) à moda weberiana, detecta a passagem de dois *tipos ideais* de políticos pentecostais: o "*político evangélico*", aquele que usava simplesmente as denominações para produzir seus votos e depois procurava defende-las na fronteira político e o "*político de Cristo*", aquele que empresta a sua personalidade para ser usada como um instrumento da instituição religiosa fazendo dele (do político) um defensor da igreja na fronteira política. A seu ver

49 Conceito weberiano referente à ação social que desenvolve sem perturbações, sem erros, orientada de modo unívoco para um único fim.

"esse novo agente nada é sem a organização que o escolheu candidato na esfera política".

Mariz, por sua vez, nos chama atenção "para os efeitos do pentecostalismo sobre as populações mais pobres". Estas denominações têm recuperado vidas sociais do seus membros através de auxílio material e espiritual. O pentecostalismo realiza trabalhos em seu cotidiano que possibilitam o resgate da auto-estima, e conseqüentemente a cidadania perdida anteriormente. Cursos profissionalizantes⁵⁰, trabalhos de evangelização, estudo e leitura da Bíblia são elementos de reabilitação social.

Neste processo, pastores são apresentados como modelos de transformação de vida que os legitimam transferir do campo religioso para a esfera política sob a própria motivação de compartilhar sua reconstrução de vida e, comprovar que tal transformação somente foi possível pelo apoio de sua denominação. Agora, como "filhos da igreja" possuem o desejo (próprio) de proteger sua instituição, pois não estão preocupados em interpretar o mundo e sim em transformá-lo, assim como fizeram com suas vidas.

Este processo nos remete a Ludwig Feuerbach " que não vê que o próprio sentimento religioso é um produto social e que o indivíduo pertence a uma forma determinada de sociedade" (Marx 2003:113). Se motivações (religiosas) não-declaradas levam tais pastores à esfera política, através das palavras de Marx que "é na praxis que o homem deve demonstrar o caráter terreno de seu pensamento", apreendemos que a missão religiosa destes

50 Fundo de Amparo ao Trabalhador. Projeto da ABC, pertencente a IURD, ofereceu cursos de informática e recepcionistas para 150 jovens em São Carlos. Todos os participantes receberam diplomas registrados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) numa cerimônia (formatura) no teatro municipal. A iniciativa contou com o apoio dos representantes políticos da igreja: deputados bispo Wanderval, Milton Vieira e o vereador Pastor Heleno.

pastores na política é produto da interação entre a transformação de si próprio (conversão e mudança de vida) com as circunstâncias da atividade humana.

Assim, esta missão somente pode ser compreendida e apreendida racionalmente. Se concordarmos que a concepção de que a vida social é essencialmente prática quando Marx se refere que "*toda teoria mística encontra sua solução racional na praxis humana*", perceberemos no discurso destes atores que o importa a eles é transformar o mundo seja a partir dos indivíduos singulares seja a sociedade civil.

6.7 O voto iurdiano na luta do bem contra a o mal

A inserção da IURD na esfera política levanta questões sobre seu efeito na dinâmica eleitoral do país. Seu *ethos* político, sugere alguns autores a particularizarem o eleitor evangélico como "eleitor da Universal" (Conrado2001:105). Isso se deve à existência de um total controle da liderança sobre os meios empregados para reproduzirem a estrutura instituição.

A escolha do candidato oficial é prerrogativa única e exclusiva do Conselho de Bispos da igreja, segundo seus próprios critérios de interesse. Não há nenhuma consulta democrática aos membros das igrejas locais ou algum tipo de prévia como na IEQ. Nem sempre o candidato é da região, como coincidiu em São Carlos, em que o deputado estadual é residente da cidade de Ribeirão Preto, aproximadamente 140 km de São Carlos. Os membros tomam conhecimento do candidato oficial durante os cultos. Poucos meses antes da eleição os candidatos começam a visitar as igrejas.

Os membros também se envolvem diretamente no trabalho de campanha da igreja. Os pastores, normalmente no final dos cultos, pedem para

que os fiéis falem dos candidatos da igreja aos seus vizinhos, amigos e familiares. O grupo de evangelização, neste período, atrai outros membros em atividades de panfletagem, colagem de cartazes e faixas na igreja, pintam muros e distribuem "profetinhos". No final do culto, em que o pastor faz campanha para o candidato oficial, seu nome é repetido pelos membros três vezes seguidas. Assim, diminui o risco da pessoa confundir os nomes dos candidatos. Mas foi comum conversar com membros que não sabiam distinguir quem era o candidato a deputado federal e o estadual. Apenas tinham certeza que iriam votar nestes dois candidatos.

Para conscientizar o fiel sobre a importância do voto, os pastores contam histórias de personagens bíblicos que representam atores políticos. O personagem mais citado é *José de Arimatéia*: “Quando Jesus foi crucificado, José de Arimatéia teve o papel principal porque ele era um discípulo camuflado, como nós, que ficava no meio da política, mas estava ligado a Jesus”. Esse discurso é uma das justificativas do alto grau de fidelidade de eleitores iurdianos.

“O nosso povo é fiel. Nós conseguimos essa fidelidade porque o membro já faz parte do corpo, da igreja” (Pr Milton Vieira). A fidelidade é garantida pelo discurso de identificação entre o eleitor e a denominação. Dessa forma, "projetos individuais de seu fiéis, certamente abrem espaços para apoios que estão muito aquém de posicionamentos políticos e ideológicos" (Fonseca 2002:1663).

É muito comum encontrar na Universal uma transformação na maneira de ver a política depois da conversão à igreja.

“*Eles {refere-se aos candidatos oficiais} já são uma árvore dentro da igreja e se não fossem bons já teriam sido cortados. Eles seriam hipócritas se passassem uma coisa que não estão vivendo*”(Carlos, fiel).

“*Hoje tenho noção do que um político evangélico pode fazer. Antes eu não tinha. Eu tinha pavor de política. Muitas vezes eu dei meu voto em branco. Fui conscientizada. Porque eles falam em todas as reuniões, e tudo é buscado na Bíblia*”(Marlene, fiel).

Para compreender esta nova identidade e sua influência na relação social mais ampla, é necessário uma análise processual e interativa do processo de assimilação e incorporação da identidade religiosa (Goffman 1963). Carlos, antes da conversão “*detestava política*”, mas nestas eleições, realizou o trabalho de visita aos pastores de outras denominações para apresentar os candidatos da IURD.

A associação weberiana de *fé e reconhecimento* é considerado um dever nesta denominação. Pois, esta por ser portadora da *dominação carismática* terá a *obediência* enquanto seu carisma subsistir, pois “*o poder carismático é um poder sobrenatural que leva as pessoas à obediência*” (Weber 1991).

O “carisma” no sentido weberiano, é a qualidade extraordinária de um profeta, feiticeiro ou demagogo. Porém a instituição igreja pode também ser portadora de um *carisma* caso tenha um fundador dotado de *carisma pessoal*. Os representantes políticos da Universal são vistos pelos seus eleitores iurdianos como *escolhidos de Deus*, e neste sentido, as justificativas pela escolha dos candidatos oficiais seguiram:

“*Pessoas que não buscam interesses próprios*”

“*Lutarão pela Palavra de Deus*”

“*Não irão se corromper*”

"Porque é mais fácil e mais óbvio confiar num homem de Deus do que num incrédulo, acredito que com eles Deus pode contar para mudar a situação do nosso país"

"Porque são homens de Deus que podem transformar pela sabedoria, visão, entendimento e direção do Senhor Jesus"

"Porque este Deus que eles servem não é Deus de pau e pedra e sim Deus vivo em Espírito"

"Porque os homens de Deus não falam a mesma linguagem do povo, mas os interesses que agradam a Deus"

"Porque são homens que tem compromisso em primeiro lugar com a palavra de Deus e honrarão o nome do seu Senhor e o seu povo com dignidade, sinceridade e trabalho em favor da humanidade e muito mais, não lutarão em interesse próprio".

Os candidatos oficiais não apenas garantem o cumprimento dos dogmas internos como garantem lealdade à igreja. Desta forma, aumenta-se ainda mais a expectativa do eleitor iurdiano de que a transformação do país somente será possível através dos homens de Deus.

Esse sentimento de identidade é fruto da diversificada expansão que a Universal tem realizado. Seus instrumentos mesclam entre campo religioso, político e meios de comunicação. Assim, igreja consolida através de uma identidade religiosa participativa a relação entre sociedade civil, grupo protestante e poder político nunca encontrado no Brasil. Seja por sectarismo, mentalidade ou expressão numerica, o fato é que a IURD rompe as barreiras entre experiência e consciencia ao pregar que a Igreja possui uma missão religiosa.

Fora de período eleitoral, Milton Vieira demonstra nas visitas às igrejas a importância do pastor na esfera política: *"É importante apresentar os frutos do meu trabalho para a base eleitoral"*. Como exemplo de passagem

entre o subjetivo e objetivo ou entre coletivo e individual, o pastor sempre tem à mão uma edição da *Folha Universal* com a manchete: *JUSTIÇA FECHA AS PORTAS DA IGREJA*. Trata-se de um acontecimento na cidade de Botucatu-SP em que a vizinha, incomodada com o barulho da igreja, a denuncia ao Ministério Público e pede para fechá-la. A igreja é fechada por dois dias até que o pastor (**como deputado**) fosse atendido pelo prefeito e pela promotora da cidade.

Para o Pr Milton Vieira, sua reeleição foi possível não somente porque correspondeu às expectativas da liderança da igreja, mas também porque se manteve presente junto aos membros mostrando-lhes o trabalho que desempenhava para a igreja na política.

Assim, fidelidade de voto também passa pelo comprovação da disponibilidade do pastor-político. O representante da igreja deve demonstrar que está sempre a disposição ora como pastor ora como político. Essa disponibilidade "*acaba potencializando a relação clientelista ao incluir no jogo a própria Igreja como participante (papel intermediário) com um número muito maior de possibilidades e efetivas ações que servirão para a manutenção dessa estrutura*" (Fonseca.2002:163).

A articulação entre rede midiática e a política iurdiana se deve o sucesso político da igreja em sua *missão religiosa*. "O exercício da autoridade eclesiástica e a aplicação das estratégias eleitorais não estão desvinculadas de elementos práticos e simbólicos" (Corten 2002:15), sobretudo quando detectamos no discurso político questões relacionadas às disputas do campo religioso.

"A IURD utiliza uma gama de imagens, símbolos, slogans que (re)inventam a legitimidade (...) e sai na frente pelo seu poder de convencimento baseado na cultura bíblica evangélica" (Conrado 2001:105) .

Este cenário reflete a *interdependencia*; ou seja, um cenário atravessado por diversas inter-relações que entrecruzam os indivíduos entre si e entre as instituições. Em outras palavras, é a expressão da possibilidade do indivíduo socializar os símbolos e as representações que dão sentido ao mundo social que está inserido.

O discurso permeado por símbolos religiosos é a principal característica da identidade político-pentecostal, pois seu projeto político se alimenta, se legitima e se torna autônomo quando apoiado ao campo religioso e nos saberes cotidianos de seus atores.

Pela perspectiva weberiana, a *obediência* é determinada pelo medo e pela esperança (de recompensa neste ou no outro mundo). Assim, o *domínio organizado* exigirá o controle sobre quadro de pessoal, pois a obediência pode ser atraída tanto pelos interesses pessoais, não somente pela legitimidade conquistada, quanto pela honraria social. Neste caso, o líder religioso, também é detentor de poder e por isso deve usar os meios de administração como nomeação e organização.

A política sempre necessita de racionalidade. Mesmo quando realizada pela igreja (ou com a igreja), esta continuará detentora de ética e responsabilidade, pois quem participa de política sempre esta em luta por poder seja para servir ideais egoístas seja para estabelecer a justiça na Terra. Nesta interação, a religião corre o risco de descolar das demandas sociais devido a

formação de uma classe sacerdotal detentora do poder de definir mensagem (Weber 1983).

Nesta perspectiva, Freston apresenta quatro maneiras que a IURD utiliza para minimizar a dependência das demandas leigas. Em primeiro lugar, através da diversificação da origem dos ingressos. Em segundo, não se permite a participação congregacional para se evitar o tradicionalismo. Terceiro, a rotatividade de pastores impede a formação de bases independentes de poder e quarto, pela economia de gastos com o pastorado. Os pastores, em sua maioria, são jovens, solteiros ou recém-casados, muitas vezes com baixas expectativas de sustento porque são recém-saídos de vida desorganizada (Freston 1994:145).

Esses pastores exercem a *obediência* porque o pastorado lhes garante a supervisão necessária para se manter fora da vida desorganizada e também um contexto de partilha da própria recuperação.

No modelo iurdiano, o período eleitoral adquire um novo conceito. Além de ser uma disputa por parcelas de poder; conquista de prestígio ou de reconhecimento social a eleição passa a ser vista como esfera de luta entre o *bem* e *mal*. O verdadeiro crente entrega o seu país para os homens de Deus porque “*somente os homens de Deus podem transformar esse país pela sabedoria divina, visão, entendimento e direção do Senhor Jesus*”.

A experiência individual do crente passa a dar sentido e movimento a todo o universo social. Seus líderes ficam habilitados a atuarem criativa e até arbitrariamente com aquilo que faz parte da experiência comum dos indivíduos, pois detem a capacidade de mudar. Usufruem do poder

cognitivo, oratória e criatividade para produzir novos significados, sentimentos e linguagens.

A *interdependência* entre membros, pastores e lideranças das denominações pentecostais, garante a circulação das práticas constituintes da identidade social do grupo. Neste sentido, as "dependências" não pressupõem relações de igualdade ou equilíbrio, pois as relações aqui demonstradas mostram-se marcadas pela desigualdade, dominação e poder.

Porém, tal poder não pode ser concebido como "possuído por alguém", mas sim característica associada às próprias relações nas quais um indivíduo se apresenta mais dependente e por isso o outro detem mais poder. Como as relações são desiguais cada indivíduo se encontra limitado perante a relação com o outro.

Na perspectiva bourdiana, o mundo social apresenta como seu principal mecanismo a *dóxia* (comportamentos irrefletidos e inconscientes) que justificaria o não questionamento das relações desiguais porque a trajetória de um grupo social simplesmente reproduz as estruturas. Este é o caso das igrejas pentecostais aqui pesquisadas.

Analisamos tais instituições de forma relacional entre atores individuais e coletivos que recebem e agem limitados pelo próprio esquema de pensamento e de ação que estabelecem os instrumentos que serão utilizados pelos dominantes na distribuição (desigual) dos recursos e, conseqüentemente de poder.

Neste plural jogo de luta (individual e coletivo), o discurso do membro pode ser apresentado como ideologia pela liderança. Com isso, a funcionalidade do discurso servirá somente para a manutenção da estrutura e o

testemunho será a chave para manter a identidade social, mas sem a idéia de transformação social. Neste sentido, a articulação do pentecostalismo com a política nada apresenta de diferente de outras religiões ou grupos. Porém, deixaremos de ser conservadores ou até mesmo pessimistas quando observamos que a emancipação do indivíduo pode passar por vários setores (mídia, mercado, religião) e não somente pelo sistema de produção de poder, a política.

CAPÍTULO VII

7. A IMAGEM PENTECOSTAL NEGOCIADA NA ESFERA POLÍTICA

7.1 A Construção da Identidade Política-Pentecostal

Quando estudamos os pentecostais, estamos ao mesmo tempo lidando com a produção de *autores* e *vítimas* na alternância dos papéis sociais. Ou seja, a pesquisa nos permite apontar algumas imagens que grupos *estabelecidos* se esmeram em fazer circular.

Neste ponto, não nos referimos somente a IC como representante dos *estabelecidos*, mas também aos grupos que se sentem ameaçados na mídia e na política por outros *estabelecidos*, pois a tentativa de desabonar o outro grupo gira em torno da busca pelo poder seja para si ou para uma comunidade.

As intrigas entre membros das comunidades -católica e protestante- se referem a busca de uma confirmação (*por parte dos habitantes mais antigos*) e de uma mudança (*pelos recém-chegados*) do precário pluralismo religioso existente no Brasil.

A categoria dos atributos que o indivíduo na realidade possui forma sua *identidade social real*. Porém muitas vezes, esta identidade é ignorada diante da ênfase da *identidade social* que fora constituída sobre ele (Goffman 1963:12). Um exemplo desta relação pode ser detectada na fala de um jornalista para um político pentecostal: “*Quero te cumprimentar. Você venceu seu primeiro obstáculo como parlamentar. Você conseguiu provar para nós, da imprensa, que você é um político ideológico e não um religioso moralista*”.

O político teve seu veredicto com base no estereótipo construído sobre o político evangélico. Assim, pelo simples fato de ser evangélico teve a sua imagem associada a um moralista. A imprensa, como produtora de opinião

também é produtora de estigma ao focar somente as motivações e os comportamentos do grupo evangélico.

As denominações evangélicas são variada como igreja locais e autônomas que a imprensa tende a generalizá-las. Assim, os escândalos de uma igreja acabam sempre afetando todas as igrejas evangélicas. Como todo grupo que se vê injustiçado, o grupo evangélico também possui sua própria mídia a fim de expressar e compartilhar seus sentimentos. Tais publicações consolida ao leitor a existência real do grupo e sua vinculação a ele.

Esta pesquisa indica que há alguns líderes que se utilizam da condição do "diferente", do "injustiçado" ou "perseguido" para construir ideologias e colocarem-se como defensores legítimos do grupo frente ao governo e a imprensa. O sentimento de perseguição, característica presente na identidade social do grupo evangélico é a principal bandeira dos ditos defensores.

Entretanto, o defensor poderá descobrir que seus esforços poderão marcar de tal forma sua vida política que sua missão política será identificada como restrita ao grupo *perseguido*. Consequentemente, sua estratégia tende a reproduzir o sistema por focar o discurso no *ser diferente* e, a partir daí exercer o fisiologismo.

O efetivo afastamento do defensor de seu próprio grupo, irá depender da combinação de suas marcas positivas com sua história de vida. Este é o caso do político que fica à margem da identidade pentecostal. Ora utiliza ora não utiliza desta identidade.

O modo elitista da mídia tratar o grupo evangélico é expresso "pela tentativa de demonstrar a incapacidade dos pobres em aproveitar

inteligentemente as opções do mercado religioso" (Freston.1993). Tal postura da mídia talvez se justifique pelo discurso político-religioso de focar os políticos evangélicos como representantes legítimos do grupo evangélico.

Na tentativa de unir eleitor-candidato através de uma identidade social de pentecostal, os deputados assumem a linguagem própria deste grupo e enfatiza sua condição de *igual*. Entretanto, assumem que como deputados seu cargo "*exige atividades que vão além do campo religioso e que os eleitores não têm conhecimento desta realidade*".

Diante da crescente informação e participação dos seus eleitores na vida política, os políticos procuram "*dar o testemunho, ter ética, votar de acordo com os princípios e ser homem de uma mulher só porque sempre vai ter alguém de olho pra te pegar no pulo*".

Como na política os agentes sociais estão sempre juntos, algumas falas dos políticos expressam que frequentemente se sentem inseguros em relação à maneira de como *o outro* os identifica e, assim, sempre fica a sensação de ser *avaliado*. E por conta disso, "erros menores ou enganos incidentais podem ser interpretados como uma expressão direta de seu atributo diferencial estigmatizado" (Goffman19963).

Todas as vezes que um indivíduo entra numa organização ocorrerá mudanças na estrutura do conhecimento sobre ele (status, caráter). Sua identidade será foco de interesse tanto para as pessoas que estão próximas quanto para as que não são do seu convívio. O político pentecostal sempre se encontra num processo de avaliação, seja pela liderança do partido seja pela liderança da igreja, como demonstra a seguinte fala:

“Há preconceito do partido, que te acha um religioso demais e ideológico de menos e há preconceito da igreja, que te

acha ideológico demais e religioso de menos. Ainda há o preconceito da imprensa que te identifica com um carimbo do político evangélico tradicional: fisiologista, clientelista e de direita.”

"A *identidade do eu* é uma questão que está sempre em jogo" (Goffman1963), pois o indivíduo esta na sociedade e até certo ponto sempre será *diferente* do outro. Porém, essa diferença somente será importante como ideologia quando for coletivamente conceptualizada.

Mesmo que a identidade seja fruto da interação social, Novaes (1998) nos chama a atenção para não se deixar por irrelevante a importância da decisão individual durante a interação social. Assim, esta pesquisa demonstra a importância do contato direto com os políticos: ouvir suas histórias de vida, motivações e aspirações. Mesmo não sendo reconhecidas pelos seus autores no sentido da racionalidade para nós (pesquisadores) constituem-se um material significativo porque, além de outras compreensões macrossociais, nos indicam que cada um desses candidatos que conseguiu chegar à política (e conquistar outros status) não resultou somente da adoção a um estilo de vida que o diferenciou entre tantos do grupo (pobre e estigmatizado) e nem somente por pertencer à igreja, mas acima de tudo também por possuírem uma motivação pessoal.

CAPÍTULO VIII

8. O PASSADO COMO COESÃO DO GRUPO PENTECOSTAL

8.1 Delimitação e defesa dos espaços sociais

Pela perspectiva sociológica do estudo da memória, veremos neste capítulo uma estratégia eleitoral utilizada pela liderança da AD e IEQ.

O *fator tempo* emergiu durante as entrevistas em que políticos e líderes pentecostais justificavam o presente articulando o passado. E através dessa articulação projetavam como deveria ser o futuro. Porém, esta articulação do passado nos coloca à frente de um tipo de memória *seletiva e instrumental*.

Segundo Michael Pollak, "embora a memória seja herdada, nem tudo fica gravado nela". Pois a memória não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também é cultura quanto à transmissão, renovação e transferência de informação. Neste processo de cultura-memória ela sofrerá flutuações em função do momento em que está sendo articulada.

A instrumentalização da memória só é possível e eficaz porque esta é construída socialmente. As diferentes maneiras de se lembrar irão depender da pessoa e o do lugar que esta ocupa no contexto social. Assim, a instrumentalização é expressa através da *memória alheia*. Neste caso, a estratégia eleitoral era a utilização das histórias de perseguições que sofreram os primeiros missionários no Brasil.

A referência ao passado serve não somente para manter a coesão do grupo e reafirmar seus espaços sociais, mas também para defender as fronteiras daquilo que o grupo tem em comum. Afinal, a memória é um dos elementos constitutivos da identidade social.

Enquanto a instrumentalização da memória é utilizada por uma parte dos grupos pentecostais para a efetivação de suas articulações políticas,

outra parte faz referências negativas a essa conduta por perceber o estabelecimento de um “*modelo utópico ou salvacionista*”⁵¹.

O conflito detectado está no processo de instrumentalizar esse passado através do avivamento dos suportes afetivos de eventos contados ou lidos pelos primeiros missionários no Brasil. Uma vez que estes missionários protestantes foram portadores de um pensamento chocante para a cultura predominante. Pois estes missionários trouxeram, juntamente com prática de conversão, um novo conceito de família, e o novo crente, ao fragmentar-se de seu mundo privado tornando-se membro da família dos crentes, também fragmentava a cultura hegemônica do catolicismo. Por isso os missionários eram vistos como 'destruidores de famílias'.

O reavivamento da memória é interessante como estratégia eleitoral, uma vez que a constituição da identidade pentecostal era de “quase que total auto-exclusão da política”(Freston 1993:2). A mudança da cultura dos pentecostais, como demonstram os trabalhos acadêmicos, é algo recente que, sem dúvida, abre um leque de possibilidades teóricas.

O discurso dos políticos pentecostais afeta um ponto muito sensível do eleitor pentecostal, primeiro porque enfatiza seu pertencimento a um grupo de minoria e desprestigiado socialmente. Segundo, porque seu grupo alimenta o sentimento de perseguição: “(...) *nossos avós* {refere-se aos primeiros missionários} *foram perseguidos, apedrejados e esculachados pelos católicos*”.

Essas expressões remetem mais as noções de memória e não diretamente às percepções de tempo⁵². Ou seja, solidifica-se a memória quando

51 Utilizei o conceito de memória da Prof. Maria H.Villas Boas Concone, da PUC-SP de seu artigo sobre a “Pesquisa qualitativa nos estudos de religião no Brasil”.

marcos ou pontos são lembrados e impossibilitam a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, "*determinados números de elementos tornam-se realidade e passam a fazer parte da própria essência da pessoa*" (Pollak 1992:2).

Histórias de que igrejas serão fechadas, dízimos serão taxados, pastores acabarão presos e homossexuais terão que ser aceitos sem contestação nas comunidades cristãs são ouvidas com frequência entre os membros pentecostais.

Como a memória de um grupo é constituída pelos acontecimentos vividos pessoalmente ou "vividos por tabela", estes acontecimentos quando são transferidos oralmente tomam tamanho relevo no imaginário que fica impregnado na memória social do grupo. Assim através da socialização histórica, a idéia da perseguição passa a fazer parte de uma "*memória quase que herdada*" podendo ser transmitida ao longo do tempo com alto grau de identificação.

A memória como elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, também é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de um grupo em reconstrução de si. Porém, devido a existência do *outro*, que é um elemento da identidade social, o grupo não pode construir sua auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. Pois é inerente ao processo os critérios de admissão, credibilidade e aceitação do outro.

52 Em relação a temporalidades: para Leite Dias (1998) há diversas percepções do tempo mesmo dentro de um mesmo grupo social. Por exemplo: uma escrava recém-chegada terá uma percepção do tempo diferente daquela que nasceu no lugar. Assim, a história atendo-se ao singular e ao temporal pode elaborar críticas conceituais.

Desta forma, a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupo políticos diversos" (Pollak1992).

A memória, neste momento de disputa eleitoral, opera (coletivamente) os acontecimentos e interpretações do passado que se quer salvaguardar. Através de discursos 'afetivos', busca-se no passado o reforço dos sentimentos de pertencimento e a redefinição das fronteiras sociais entre as coletividades. Com isso, a referência ao passado tem, no final das contas, o objetivo último de manter a coesão do grupo e a reprodução do corporativismo político, tão presente em nossa democracia.

Para que o sucesso eleitoral se efetive, torna-se extremamente necessário definir o lugar específico da instituição -que organiza e mantém a identidade social viva - sua complementaridade e suas oposições irreduzíveis.

CAPÍTULO IX

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações Finais

Como esta pesquisa demonstrou, o período da eleição é o tempo de redefinir alianças, reordenar relações sociais e fronteiras internas ao ambiente social.

Em função da competição eleitoral, líderes eclesiásticos buscam racionalmente a confirmação de promessas de fidelidade de seus membros-eleitores. Estes reafirmam lealdades ou, às vezes, a quebra de compromissos estabelecidos em outros campos fora da política. Mas, o período eleitoral, se caracteriza pelo período do empenho da palavra, e como este é o momento de reconhecer os 'fiéis' e os 'honrados', também é o momento de fortalecer a organização através da possibilidade de criação de alianças.

Neste sentido, as disputas eleitorais envolvem estratégias de instituições religiosas que procuram obter aliados e seguidores para destacarem, em intensidade e extensão, as mínimas diferenças que permeiam a vida política da religiosa.

Os vários grupos religiosos, especialmente os pentecostais, vêm ocupando cada vez mais os espaços públicos e recebendo adesões de pessoas de diferentes grupos sociais. Entretanto, como resultado da luta pelos espaços sociais tem sido a postura contraditória às suas próprias pregações porque muitas vezes, a competição atinge o terreno sagrado do alheio.

Em grupos sociais muito próximos e homogêneos, no caso das igrejas aqui estudadas, criam-se diferenças (muitas vezes) idealizadas que os dividem internamente e os colocam em luta pelo controle social. Desta competição por espaço acaba gerando estereótipos e preconceitos sociais recíprocos internos e externamente ao grupo pentecostal.

De forma geral, o pentecostalismo é visto como grupo que "luta pela moralização da política supondo uma batalha espiritual estimulada por mobilizações identitárias (Corten 2000:11). De forma mais detalhada, detectamos que além do grupo pentecostal exercer sua organização sob o reservatório de práticas a que se refere Corten, estes grupos se encontram em contínua re-negociação de sua identidade, pois "é em função desta ou daquela conjuntura política que componentes deste reservatório são mobilizados" (Corcuff 2001:170).

Esta pesquisa aponta no interior do pentecostalismo, freqüentemente definido como *mesmo grupo*, indivíduos com modos diferentes de expressão do pensamento, crença, argumentos e justificação.

Um olhar mais atento sobre os discursos tanto dos candidatos quanto dos pastores, aponta que tais projetos políticos não explicam de maneira satisfatória (aos seus eleitores) o que efetivamente acontece no plano das relações sociais que geram as reais relações de desigualdade religiosa que tanto combatem na esfera política-social.

Ao contrário, no plano das suas representações, crenças e valores cada igreja se posiciona como superior a outra, de forma que há para um mesmo indivíduo ou grupo uma diversidade das crenças e atividades. Deste modo, não nos permite "atribuir-lhes uma mentalidade única e determinada" (Corcuff 2001:171).

O mesmo cenário nos orienta a conceber a pluralidade, não somente religiosa, mas também a pluralidade dos recursos utilizados no decorrer da ação do indivíduo ou grupo. Assim, a ênfase atribuída (desta pesquisa) às trajetórias pessoais dos candidatos e à construção histórica de cada

denominação pentecostal, visa explicitar a interação estreita entre a seleção dos elementos culturais disponíveis, entre os elementos pré-constituídos e as situações que são atravessadas por esses candidatos ao longo do cotidiano das suas relações sociais. Neste sentido, o caminho do plano espiritual, se colocou como um dos caminhos para se compreender o discurso religioso, caracterizado pelas tendências doutrinárias, rituais e crenças como motivação e sentido de uma ação pastoral na política.

Embora, os pentecostais normalmente sejam criticados por sua prática clientelista, seu comportamento político não tem sido diferente de políticos com outras religiosidades cujo interesses corporativos sobrepõem aos valores de solidariedade de uma comunidade mais ampla.

Várias justificativas sobre a necessidade dos pentecostais participarem da política foram explicitadas pelos próprios candidatos. Entretanto, a pesquisa demonstra a existência de uma justificativa implícita nos discursos, e principalmente, na análise das representações de papéis destes atores: a justificativa de um forte constrangimento de legitimidade resultante de uma concepção de injustiça construída pela vida cotidiana, enquanto a justificação pública se expressa pelos elementos simbólicos pré-constituídos que estabelecem o vínculo entre a pessoa ou grupo a uma "totalidade maior" seja Deus seja missão religiosa.

O problema que se origina da estratificação sócio-econômica, da desigualdade de classe e da má distribuição de renda está refletida como pano de fundo nos discursos políticos dos pentecostais. Através de uma linguagem própria permeada de religiosidade, utopias e até escatologia, estes políticos

acabam expressando um protesto não restrito ao grupo religioso apenas, mas de uma ampla categoria de excluídos.

Considerados como grupo portador da força do Espírito Santo, é sua missão 'salgar' todas as esferas sociais, principalmente na política, reagindo aos escândalos de corrupção e apelando para a necessidade de uma nova moral pública e uma nova ética na política. O vínculo da comunidade evangélica com determinados políticos, pode ser um vínculo real e não puramente oportunista. A análise deve ser cautelosa, pois a mistura da religião com a política depende dos compromissos e dos riscos assumidos por ambas as partes durante esse processo.

Referências Bibliográficas

- **ANTONIAZZI**,Alberto. *Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Ed.Vozes. 1994.
- **ALMEIDA**,Ronaldo R. M. *Universalização do Reino de Deus*.Cebrap. 1996
- **ALBUQUERQUE DIAS, A. & RIBEIRO, Márcia**. *Propaganda Política e a Construção da Imagem Partidária no Brasil: Considerações Preliminares*. Mídia e Política. Anpocs. Caxambu.2002.
- **BANDINI**, Claudirene. *Religião e Política: Candidatos Evangélicos nas Eleições de 2000 no Município de São Carlos*. Universidade Federal de São Carlos. Monografia.2001.
- **BARTHES**, Roland. *Elementos de Semiologia*, trad. por Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.1996.
- **BASTIAN**. Jean Pierre. *La mutacion Religiosa de América Latina: Para una sociologia del cambio social en la modernidad periférica*.Fondo de Cultura Económica. México.1997
- -----*El Protestantismo em América Latina*.in Historia General de la Iglesia em América Latina. Caribe.Ed.Sígueme,Salamanca.1995 (p.467-513)
- **BERGER**,Peter. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo. Paulinas. 1985.
- **BEOZZO**,José O. *Grandes Questões da Caminhada do Cristianismo na América Latina e Caribe*. Conferência sobre o

Cristianismo na América Latina e Caribe. Puc e Faculdade Batista. São Paulo.2003. (p.21-136)

- **BIGLIERI**, Paula. *Ciudadanos de la Fe: Práctica Religiosa y Conduita Cívica em Comunidades Pentecostales*. Universidade de Buenos Aires. 1988.
- **BRANDÃO**, Carlos Rodrigues. *Religião e Identidade Nacional- Ser católico: dimensões brasileiras um estudo sobre a atribuição através da religião*. Rio de Janeiro.1988.
- **BOBBIO**, Norberto. *O Futuro da Democracia: uma defesa das regras do jogo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1987
- **BONFATTI**, Paulo. *Sobre As Categorias Universais - Relevantes aspectos observados na Igreja Universal do Reino de Deus*. In *Xô satanás! Uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus*. Universidade Federal de Juiz de Fora. Tese de mestrado.2000.
- **BOURDIEU**, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 2^a ed. São Paulo, Editora Perspectiva, 1987.
- **CASTELLS**, Manuel. *Paraísos Comuns: identidade e significado na sociedade em rede e Os Lamas do Apocalipse: a Verdade Suprema do Japão* in *Sociedade em Rede* (vol.2). Ed. Paz e Terra.1999.
- **CASANOVA**, José. *Public Religions in the Modern World*. The University of Chicago. Press.Chicago and London.1994.
- **CAMPOS**, Leonildo.S. *Políticos de Cristo- Uma análise do comportamento político dos protestantes históricos e pentecostais no Brasil*. Caxambu. Anpocs. GT Religião e Sociedade.2000.

- ----- *Teatro, Templo e Mercado: A Igreja Universal do Reino de Deus e as Mutações no Campo Religioso Protestante*. Universidade Metodista de São Paulo. 1998.
- **CAVALCANTI, H. B.** *Marx, Religião e Política: O Protestantismo Conservador Norte-Americano como Ópio do Povo*. Dados. [online]. Vol. 41, nº1. 1998. Disp. <http://www.scielo.br/scielo.php>
- **CHESNUT, Andrew. R.** *The Salvation Army or the Army's Salvation? Pentecostal politics in Amazonian Brazil*. Department of History, University of California, Los Angeles. 1997.
- **CONCONE, M.H.V.** *Pesquisa Qualitativa nos Estudos de Religião no Brasil*. in *Sociologia da Religião no Brasil-revisitando metodologias e classificações*. Ed. PUC-SP. São Paulo. 1998.
- **CONRADO, César Flavio.** *"Política e Mídia: a Igreja Universal do Reino de Deus nas Eleições"*. Revista "Religião e Sociedade". Vol. 21. Nº2. Rio de Janeiro. 2001.
- **CORCUFF, Philippe.** *"As Novas Sociologias. Construção da Realidade Social"*. Trad. Viviane Ribeiro. Ed. EDUSC. Bauru. São Paulo. 2001
- **CORTEN, Andre.** *Pentecôtisme et Neo-Pentecôtisme au Brésil*. Archives de Sciences Sociales Des Religions. nº105. Centre National de la Recherche Scientifique. Paris. 1999 p.163-183.
- ----- & **Mary, A.** *Imaginaires Politiques et Pentecôtismes-África/Amérique Latine*. (p.12-33). Ed. Karthala. Paris. 2000.
- ----- *Ópio do povo ou cultura popular?* Tradução: Marinilzes Mello. 2001 disponível no site. www.?????????

- **DIAS**, Marcia R. & **Albuquerque**, Afonso. *Propaganda Política e a Construção da Imagem Partidária no Brasil: Considerações Preliminares*. Anpocs. Caxambu. 2002.
- **DA MATTA**, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Ed. Zahar. 1979.
- **DOBBELAERE**, Karel. *Secularización : Um concepto multi-dimensional*. Universidade Iberoamericana. México. 1994.
- **DOWNS**, A. *Uma Teoria Econômica da Democracia*". São Paulo. Ed. Edusp. 1999. (Partes I e III).
- **DREHER**, Martin. *A Igreja Latino-Americana no Contexto Mundial*. Coleção História da Igreja: Vol.3 .São Leopoldo. Ed. Sinodal. 1999
- ----- *A Crise e a Renovação da Igreja no Período da Reforma*. São Leopoldo. Coleção História da Igreja: Vol.4 Ed. Sinodal. 2002.
- **DURKHEIM**, Emile. *As Regras do Método Sociológico*. ". Coleção "Os Pensadores. Cap.2 a 5. São Paulo. 1971
- _____ *As Formas elementares da Vida Religiosa*". São Paulo: Ed. Nacional, 1984.
- _____ *A Divisão do Trabalho Social*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1977.
- **DUSSEL**, H. *História Liberations. 500 Anos de História da Igreja na América Latina*. Ed. Paulinas. São Paulo. 1992
- **ELIAS**, Norbert & **SCOTSON**, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro, Zahar. 1994.
- **FONSECA**, Alexandre Brasil. *Religião e Democracia no Brasil (1998-2001)*. Tese de Doutorado. USP. 2002

- -----*Lideranças Evangélicas na Mídia: Trajetórias na política e na sociedade civil*. Religião e Sociedade. Rio de Janeiro.v.19.1998.
- **FRESTON**,Paul Charles. *Cuba e Nicarágua*. cap.4.Ed. ABU.1985.
- -----*Protestante e política no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment*. Unicamp.1993.
- -----*Evangelicalism and Globalisation: General observations and some Latin American dimensions*.
- ----- *Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Ed.Vozes. 1994.
- -----*A Igreja Universal do Reino de Deus na Europa*. Pesquisa de campo realizada em Portugal, Inglaterra e Brasil.1997.
- -----*Neo-Pentecostalism in Brazil: Problems of definition and the struggle for Hegemony*. Archives de Sciences Sociales Des Religions. nº105.Centre National de la Recherche Scientifique. Paris.1999 p.145-162
- ----- *The Political Evolution of Brazilian Pentecostalism: 1986-200*, in *Imaginaires Politiques et Pentecôtismes - África/Amérique Latine*. Org. **Corten,A & Mary,A**. Ed. Karthala. Paris.2000: 289-296.
- **GARMA NAVARRO**, Carlos. *Pentecostal Churches and their Relationship to the Mexican State and Political Parties*. Emin Imaginaires Politiques et Pentecôtismes- África/Amérique Latine. Org. **Corten,A & Mary,A**. Ed. Karthala. Paris.2000: 289-296.

- **GIDDENS**, Anthony. *A transformação da Intimidade-sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, Ed..Unesp.1993
- **GOFFMAN**,Erving. *Estigma- notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*.Ed.LTC.Rio de Janeiro.1963.quarta edição.
- **GRYNSZPAN**,Mario. *A Teoria das Elites e sua Genealogia Consagrada"*. In BIB.nº41. Rio de Janeiro.1996.
- **HABERMAS**,J. *Mudança, Estrutura de Esfera Pública*.Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro.1982.
- **HÉRVIEU-LÉGER**, D. *La Religion, pour mémoire*. Paris.1993.
- **ISER**. *O Novo Nascimento – Os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Relatório de pesquisa. Rio de Janeiro. 1998.
- **LAMOUNIER**,B.*Brasil:Rumo ao Parlamentarismo?* In Opção Parlamentarista. Ed.Sumaré. São Paulo.1991.
- **LAURENT**,Pierre-Joseph.*L'Église des Assemblées de Dieu du Burkina-Faso. Histoire, transitions et recompositions identitaires*. Archives de Sciences Sociales Des Religions. nº105.Centre National de la Recherche Scientifique. Paris.1999. p.71-97
- **LIMA JR.**, *O Mercado Político e o Sistema Partidário no Brasil:1945 a 1990*. in O Brasil no Rastro da Crise. Hucitec. São Paulo.1994.
- -----*Democracia e Instituições Políticas no Brasil dos anos 80*. Loyola. São Paulo.1993.

- **MACHADO**, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais: Adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas. Autores Associados. Anpocs.1991.
- **MAINWARING**,S. & **BRINKS**, D. & **PEREZ-LIÑÁN**. A. *Classificando Regimes Políticos na América Latina,1945-1999*. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro. Nº4. 2001
- ----- *Políticos, Partidos e Sistemas Eleitorais- O Brasil numa perspectiva comparativa*. Novos Estudos nº29.1991
- **MALLIMACI**, Fortunato. *A situação religiosa nos países do Cone-Sul*. Conferências sobre Religião e Globalização realizada no congresso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.1996. p.12/15.
- ----- *La iglesia em los regímenes populistas (1930-1959)*.in Resistência y esperanza. Historia del pueblo cristiano America Latina y el Caribe.Ed.San Jose.1995
- **MARIANO**, Ricardo. *Neopentecostalismo: Os Pentecostais estão mudando*. Tese de Mestrado, Universidade de São Paulo.1995.
- **MARQUES**,D.R.C.Ana & **Villela**.M.J., *Sobre a circulação de recursos nas eleições municipais no sertão de Pernambuco* in Como se fazem eleições no Brasil; Ed.Relume Dumará. Rio de Janeiro.2002
- **MARTIN**, D. *TONGUES OF FIRE- The explosion of protestantism in American Latin- The body politic and the spirit: evidence reviewed;*; Oxford, Blackwell. 1990. Cap. 12
- **MARIZ**, Cecilia Loreto. *Religião e pobreza: uma comparação entre CEBs e Igrejas Pentecostais*. Comunicações do ISER, nº 30.1988.

- ----- *Pentecostalismo e a Luta Contra a Pobreza no Brasil* in Na Força do Espírito: pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas. Gutierrez,B.F. & Campos.L. - Associação Literária Pendão Real.1996.cap.VIII.
- **MARX,Karl.***O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte.*Coleção "Os Pensadores", vol.XXXV.1974.
- _____*Contribución a la crítica de la filosofía del derecho de Hegel* .in Sobre la religión. Ed.Salamanca.1979.
- _____& Engels. *Manifesto do Partido Comunista.*Coleção "A Obra-Prima de Cada Autor". Texto Integral. Trad.Pietro Nasseti.Ed.Martin Claret.São Paulo.2003.
- **MATTOS, Henrique.C.J.***Introdução à História da Igreja.*Ed. O Lutador.Belo Horizonte. 1997. Vol.2
- **MEDCRAFT, John.** *Heads or Tails? Contemporary Politicizes Conscience among the Brazilian Evangelical: a case stud of Paraíba State.* 1990.
- **MIRANDA, Júlia.** *O Jeito Cristão de Fazer Política-Representações, rituais e discursos nas candidaturas pentecostais e carismáticas.* Universidade Federal do Ceará. XXII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu. 1998.
- **NÖTH, Winfreind.** *Semiótica no Século XX,* trad. Anna Blume. São Paulo. 1996
- **NOVAES, Fernando.** *História da Vida Privada-Brasil.* Ed.Companhia das Letras.São Paulo.1999.
- **NOVAES,Regina.R.** *Pentecostalismo à Brasileira: um debate sobre técnicas de pesquisa*” in Sociologia da Religião no Brasil-revisitando metodologias e classificações. Ed. PUC-SP.São Paulo.1998.

- -----*Os Escolhidos de Deus: Pentecostais, trabalhadores e cidadania*. Caderno ISER N° 19. Rio de Janeiro 1982.
- **ORO**, Ari Pedro. *A Política da Igreja Universal e seus reflexos nos campo religioso e político brasileiro*. ANPOCS,2002. GT: RELIGIÃO E SOCIEDADE.2002.
- -----*Pentecôtisme et Politique au sud du Brésil*.in Imaginaires Politiques et Pentecôtismes_África/Amérique Latine. Org.Corten,A. & Mary,A. .Ed.Karthala. Paris.2000.
- **OLSON**,M. *A Lógica da Ação Coletiva*.São Paulo. Ed.Edusp.1999.(Cap.1,2 e5)
- **PACE**, Enzo, *Religião e Globalização*. Conferências sobre Religião e Globalização realizada no congresso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.1996. p.25/42.
- **PIERUCCI**, A.F. *Em defesa do consumidor religioso*. In Liberdade de Cultos na Sociedade de Serviços. Cebrap.1996
- ----- & Mariano R.*O Envolvimento dos Pentecostais na Eleição de Collor*.1995.
- -----*Reencantamento e Dessecularização: a propósito do auto-engano em sociologia da religião*. Novos Estudos Cebrap. N.49.São Paulo.1997
- -----*Interesses religiosos dos sociólogos da religião*, in Globalização e Religião, ORO, A . P. e STEIL, C. A . (org.), Petrópolis, Vozes, 1997
- **POLLAK**,Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro.vol5.n.10,1992.p.200-212.
- ----- *Memória, Esquecimento, Silencio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro.vol 2.n.3,1989.p.3-15.

- **PRANDI**,Reginaldo. *A Religião do Planeta Global*. Conferências sobre Religião e Globalização realizada no congresso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.1996. p.63/70.

-----*Um Sopro do Espírito. São Paulo.Hucitec.1997*

- **ROLIM**,Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil-Uma Interpretação Sócio-Religiosa*. Petrópolis, Vozes. 1985.
- **SANTOS**, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Ed. Record.2000.
- **SANCHIS**,Pierre. *O campo religioso contemporâneo no Brasil*, in *Globalização e Religião*, ORO, A . P. e STEIL, C. A . (org.), Petrópolis, Vozes, 1997.
- **SCHUMPETER**,J.*Capitalismo, Socialismo e Democracia*.Rio de Janeiro. Ed.Zahar.1984.
- **SEGATO**, Rita. *Formações de diversidade: nação e opções religiosas no contexto da globalização*. Conferências sobre Religião e Globalização: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.1996. p.219/248.
- **SIQUEIRA**,Deis. *Pluralidade e trânsito religioso entre as novas religiosidades:sincretismo brasileiro constituinte*.I **Simpósio de Religião e História**.UNESP,Assis.1999
- **SUNG**, Mo Jung; *Se Deus existe, por que há pobreza? – A fé cristã e os excluídos*. Ed.Paulinas. São Paulo.1995.
- **TEIXEIRA**, C.Carla, *Retórica de queixas e acusações na derrota eleitoral: o caso Cristovam Buarque no Distrito Federal* in *Como se fazem eleições no Brasil*; Ed.Relume Dumará. Rio de Janeiro.2002

- **WEBER,Max.** *Economia e Sociedade: Elementos da Sociologia Compreensiva*. Brasília.Ed. UNB.1991.
- -----*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo.1983.
- -----*A psicologia Social das Religiões Mundiais*.Ensaio de Sociologia.Rio de Janeiro.1982.
- **WILLAIME,Jean-Paul.***Le Pentecôtisme: Contours et Paradoxes d'un protestantisme émotionnel*. Archives de Sciences Sociales Des Religions. nº105.Centre National de la Recherche Scientifique.Paris.1999. p.5-28
- **ZOPPI-FONTANA,Monica.**, *Cidadãos Modernos- Discursos e Representação Política*. E.Unicamp.1997

Sites visitados:

www.evangelicos.com.br

www.cpad.com.Br

www.inconformados.com

www.tabernaculo.com.Br

www.jornaldapalavra.com.Br

www.eclésia.com.Br

www.garotinho40.com.br

www.folhauniversal.com.br

www.ultimato.com.br

www.democracia.com.br

www.câmara.gov.br

www.cienciapolitica.com.br

Documentos Pesquisados:

- "Normas Administrativas e Financeiras da Igreja": Conselho Nacional de Diretores da Igreja do Evangelho Quadrangular.
- "Doutrina Sócio-Política, Segundo a Visão da Igreja": Coordenadoria Nacional de Ação Política da Igreja do Evangelho Quadrangular.
- "São Paulo Tem Cura": Boletim Informativo do mandato de Carlos Alberto Bezerra Jr.
- "Cidadania Cristã -por uma Igreja de Cidadãos Conscientes e Atuantes na Sociedade": Coordenadoria Estadual de Escola Bíblica Dominical de Minas Gerais.